

# BOLETIM FORMAÇÃO EM

ANO II - VOL II - Nº1 - JANEIRO - JUNHO 1993



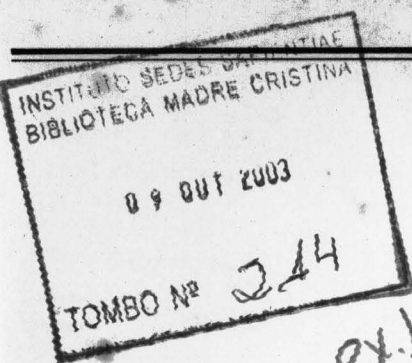
# Psicanálise

PUBLICAÇÃO DO CURSO: FORMAÇÃO EM PSICANÁLISE DO  
INSTITUTO SEDES SAPIENTIAE









# SUMÁRIO

|                                                                                                                                                          | pág. |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------|
| <b>EXPEDIENTE</b> .....                                                                                                                                  | 04   |
| <b>I. EDITORIAL</b> .....                                                                                                                                | 05   |
| <b>II. LEITURAS</b> .....                                                                                                                                | 07   |
| 1. DESDOBRAMENTOS DA CONTRATRANSFERÊNCIA, OU AQUILO QUE<br>DIZ RESPEITO À FORMAÇÃO DO ANALISTA<br>- Suzana Alves Viana.....                              | 09   |
| 2. UMA BREVE REFLEXÃO SOBRE O PENSAMENTO DE PIERA<br>- Ede de Oliveira Silva .....                                                                       | 11   |
| 3. ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE OS CONCEITOS DE FUSÃO E DESFUSÃO<br>- Maria Rosa Maris Sales.....                                                             | 15   |
| 4. DOLTO - UM PASSE PARA A ORIGINALIDADE<br>- Angela Perpétuo de Oliveira,<br>- Giselle Groening de Almeida,<br>- Maria Cecília Casali de Oliveira ..... | 18   |
| <b>III. ARTIGOS</b> .....                                                                                                                                | 23   |
| 1. A PERVERSÃO NA RELAÇÃO ANALÍTICA<br>- Michel Harald Achatz .....                                                                                      | 25   |
| 2. FRAGMENTOS DE UM CASO DE BULIMIA<br>- Sylvia Loeb .....                                                                                               | 39   |
| 3. LUGAR DE LA HISTORIA EN PSICOANALISIS<br>- Silvia Bleichmar .....                                                                                     | 48   |
| 4. A FALA ANALÍTICA<br>- Maurice Blanchot.....                                                                                                           | 57   |
| <b>IV - SUMÁRIO DOS NÚMEROS 1 A 4 DO BOLETIM FORMAÇÃO<br/>EM PSICANÁLISE, ANO 1992.</b> .....                                                            | 63   |



---

## **EXPEDIENTE**

---

### **COMISSÃO EDITORIAL :**

*Arthur Filhou José*  
*Claudia Paula Leicand*  
*Ede de Oliveira Silva*  
*Fernanda Pinto Freire*  
*Maria Luiza Scrosoppi Persicano*

### **COLABORADORES:**

*Mildred Kun Wai Chui*  
*Suely Gevertz.*

### **SECRETARIADO E DIGITAÇÃO:**

*Célia Maria Dória Frasca Scorvo.*  
*Elizabeth de Cassia Sandin Ferreira.*

### **PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO:**

*CeTeC*  
*CAPA: Claudia Paula Leicand*

### **PROJETO GRÁFICO DA CAPA:**

*Maria Luiza S. Persicano e*  
*CeTeC*

### **IMPRESSÃO:**

*CeTeC - Rua Ministro Godoi, 984 - S.Paulo -SP*

### **JORNALISTA RESPONSÁVEL**

*Marcos Daniel Cézari - MTPS - 11/01/93*

*Os artigos aqui publicados são de inteira  
responsabilidade de seus autores e não expressam,  
necessariamente a opinião da revista.*

# I- EDITORIAL

*“Dado que la disgregación del pensamiento psicoanalítico nos enfrenta a la dificultad de constitución de la unidad del objeto (sobre el cual estamos formalmente de acuerdo sin que el reconocimiento de la existencia del inconsciente pase a ser un enunciado al cual cada escuela atribuye diverso contenido), el psicoanálisis permanece abierto a lo infinito. Se trata de no confundir, en nuestro caso, la ciência hecha con la ciencia por hacer.*

*Más allá de la petulancia con la cual el desconocimiento intenta conservar sus propios baluartes, la unidad trabajosamente defendida de las escuelas - encerradas en su propio círculo de tiza caucasiano - es evidencia de una fragilidad que no admite el encuentro”*

Silvia Bleichmar

Em tempos de transformação, aproveitamos a presença de uma pensadora da psicanálise entre nós e nos damos conta de que nosso trabalho, intenso, às vezes trôpego, às vezes tímido, vai se transformando, ganhando corpo. E o Boletim, gradativamente, vai adquirindo forma de Revista.

Trabalho feito, trabalho por fazer. Aprimorar conteúdos, manter os espaços abertos para o encontro, continuar rompendo as defesas dos baluartes teóricos dentre nós, em busca da elaboração constante da unidade do objeto psicanalítico, para que a psicanálise possa permanecer aberta para o infinito.

COMISSÃO EDITORIAL

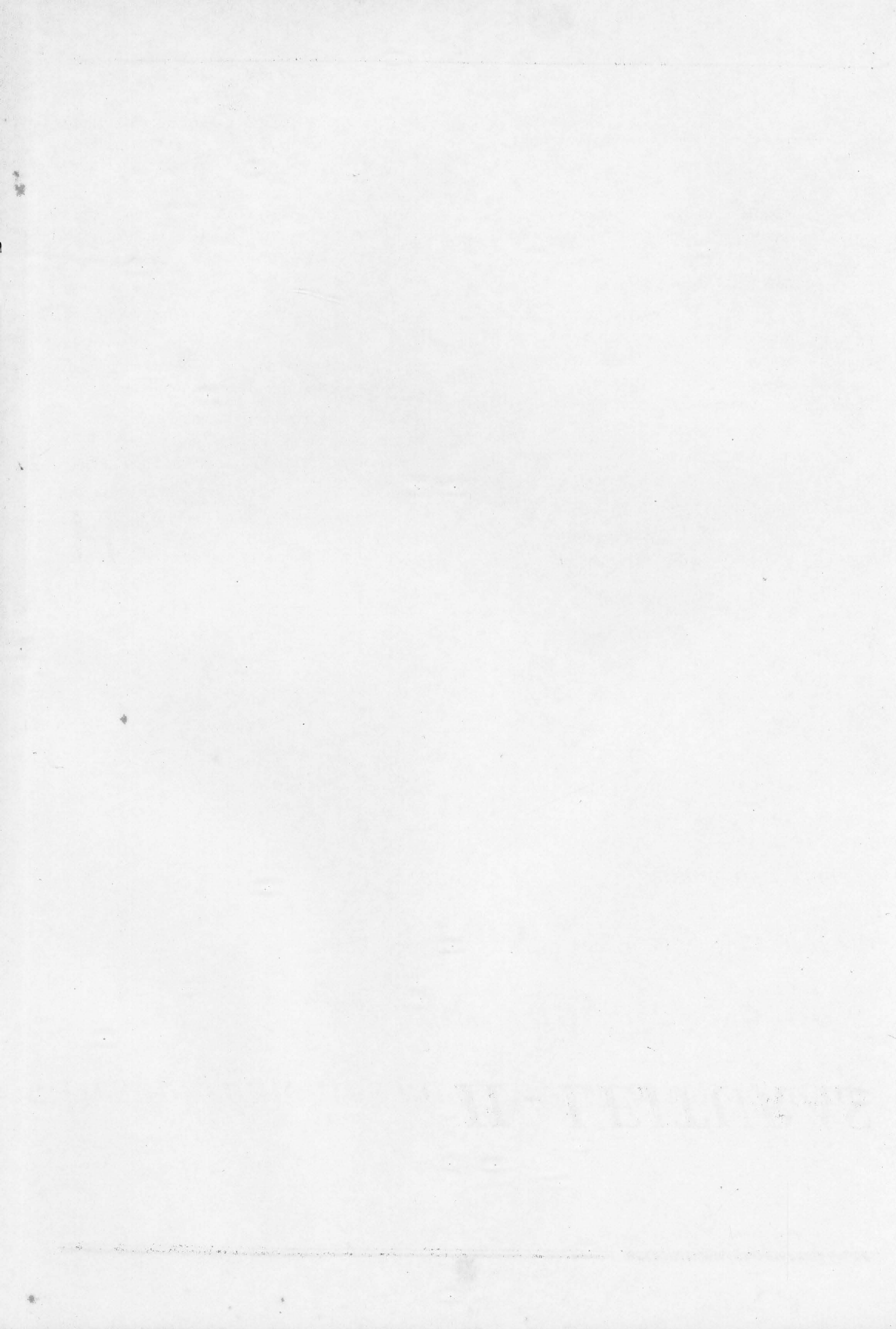






## ***II - LEITURAS***





# *Desdobramentos da Contratransferência, ou aquilo que diz respeito à Formação do Analista*

*Suzana Alves Viana \**

**H**á cerca de dois anos defendi minha tese que se chamou: "DA CONTRATRANSFERÊNCIA À CONTRA-TRANSFERÊNCIA: Reflexões a partir da clínica".

Durante o tempo que se seguiu preparei esta tese para vir a ser um livro e o chamei: "Contratransferência: a questão fundamental do psicanalista".

Preferi este título. Ele se aproximava mais daquilo do qual eu me aproximava: a formação do analista passa pela **contratransferência**.

Sem dúvida nenhuma! Não sou a primeira a dizer isto.

Mas passa como?

Se com Freud a contratransferência era resistência, com Heimann tornou-se instrumento de trabalho para o analista, como reunir estes dois pontos de vista, para torná-la a questão fundamental do analista?

Com Ferenczi temos posta a preocupação por uma metapsicologia do psicanalista num artigo em que ele trabalha o **Tato** como a forma de abordar o paciente.

E o quê dá **Tato** ao analista? Parece-me sim ser "seus restos não analisados"

Tais restos corresponderiam ao que Lacan pensa como Desejo do Analista?

Teremos aqui que especificar um pouco mais o contexto.

Em minha tese defendo a idéia de que o analista **vai se formando** como analista (e aqui friso o gerúndio como o único tempo possível para o analista) à medida em que se vê desabrochar, ou mesmo, se desdobrar na análise de seus pacientes.

Cada paciente toca-lhe com seu estilo; o analista reage a ele com o seu.

Isto lhe permite, aos poucos, ir delineando um perfil, um esboço daquele que nele se candidata à difícil arte de ser psicanalista.

---

\* Professora do Curso Formação em Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae - São Paulo.

O barro que lhe dá forma está nele mesmo. Vem das regiões pantanosas e obscuras da sua lama, quando esta, em momentos de envolvimento, fala com Deus.

Deus é aqui, aquilo que lhe põe em contato consigo próprio, no momento em que esse contato é criação, no momento em que o barro aspira a uma forma e a encontra na palavra, ou mesmo, em forma mais informe numa imagem imaginária.

Tanto os “restos não analisados” do analista, assim como o “desejo de ser analista” constituem esse barro que dá forma àquele que se candidata.

Haverá, entretanto, uma fronteira entre o candidato a analista e o analista?

Vem-me à lembrança o AORISTO.

O Aoristo, tempo gerúndio do Grego, reúne o passado e o presente sem os misturar. Uma ação passada continua no presente. Entretanto, estas ações se diferenciam no interior do tempo que as reúne, o tempo de um continuum.

No interior desse tempo, entretanto, terá necessariamente que haver um contorno que se desenhe e se oponha, aparentemente a um “em-torno”. Uma oposição é necessária enquanto pensamos numa diferenciação de tempos.

Isto me remete a Blanchot(1). Entendo que o movimento do pensamento na Pesquisa(Recherche) ou o movimento do pensamento na Procura (Recherche) procede por continuidade e ruptura.

Assim na **Formação**, movimentos de ruptura e continuidade se dão.

Precisando esta idéia, penso que do ponto de vista teleológico, há o contínuo, movimento cuja forma é uma espiral, círculo que alongando-se sobre si mesmo, ganha outras superfícies e o espaço, que marca a diferença entre o círculo e a espiral, é justamente a representação dessa ruptura.

Assim, a ruptura está ainda contida pelo movimento do continuum, sem entretanto perder sua especificidade de marcar um espaço diferente.

A esta altura pensemos. O que tem tudo isto a ver com os desdobramentos da contratransferência num analista?

Quando penso a Contratransferência como a questão

do psicanalista, a tomo no sentido do **Pathos** de todo analista.

Atravessar a Contratransferência como o **trágico** em direção ao **Épico**, o que resultaria na apropriação de **Pathos** por Mathos.

O trágico da repetição prevista pelo Destino (Oráculo) é transformada na medida em que o analista apropria-se daquilo que lhe é próprio, mas que ainda não pode reconhecer.

“Não aprendemos nada com mais dificuldade do que o livre uso do que é racional. E, como acredito, é precisamente a **claridade da exposição** que nos é natural, tão natural como o é para os Gregos o **fogo do céu**. Mas aquilo que nos é próprio, precisa ser aprendido tão bem quanto aquilo que nos é estrangeiro. É por isto que os Gregos nos são indispensáveis...” (Holderlin, apud Heidegger(2))

Para Heidegger, esta é a lei segundo a qual o poeta só chega a estar em casa, naquilo que lhe é próprio, ao final de uma travessia poética que o conduz, de início ao estrangeiro, no exílio.

“O próprio dos Gregos é o fogo do céu. Na luz e na chama, que lhes anuncia a aproximação e a proximidade dos deuses, eles se encontram em casa. Mas no início de sua história, eles justamente não estão em casa, nesse fogo. Para apropriar-se do que aí possuem enquanto próprio, eles devem atravessar aquilo que lhes é estrangeiro: a claridade da exposição. Ela deve trazer-lhes o estranhamento e capturá-los para poder então ser o único auxílio a lhes permitir sustentar o fogo no sereno esplendor da justa claridade”. (id. ibid., p.111).

Para o analista também esta é a lei: é preciso que ele faça a travessia daquilo que, enquanto próprio, lhe é desconhecido, ou apenas conhecido com estranhamento.

É isto que faz o analista ao percorrer sua análise: ao procurar-se (recherche) como (com-o) analista, busca no estrangeiro aquilo que, no entanto, já lhe pertence.

(1) Blanchot, M. "L'Entretien Infini". Gallimard, 1969.

(2) Heidegger, M. "Approche de Holderlin", Gallimard, 1973, p.111. Conferir também Fédiga, P. "Nome, figura, Memória, Escuta.



# Uma Breve Reflexão Sobre o Pensamento de Piera

Ede de Oliveira Silva \*

Falar de Piera, resenhar um livro seu ou indicá-lo não é uma tarefa difícil; todos deveriam ser lidos. Porém, aí é que está a questão; difícil é lê-los até o fim. Já me reporte num outro momento meu encontro com a sua teoria e volto a afirmar *ipsis litteris* e *ipsis verbis* tudo aquilo que tinha dito antes.(1)

Olhando para a obra da autora, de uma maneira mais abrangente, podemos dividi-la em 3 partes: num primeiro momento seus trabalhos estavam muito influenciados pelo pensamento lacaniano e tentavam dar conta da explicação teórica de pacientes graves (psicoses, perversões) através desta vertente; num segundo momento, como reflexo da sua ruptura com o pensamento lacaniano e da maneira pela qual esta ruptura se deu - inclusive com a criação do 4º Grupo - Piera desenvolve trabalhos importantes sobre as instituições psicanalíticas e sobre a formação do analista. Neste período de produção vemos todo o seu ranço para com o pensamento e prática lacanianos, e, ao mesmo tempo, os germens de todo seu pensamento singular, individual e autônomo que lhe dará identidade própria; no terceiro momento, o último, vemos eclodir e explodir, com toda sua força, todos estes conceitos e idéias novas que nos fazem refletir, exigindo-nos uma nova arrumação, um novo arranjo, por ter transformado os anteriores em suportes, em alicerces, nos quais foram construídos seus novos conceitos. Mais um degrau foi construído. E entrar em contacto

com o pensamento pieraniano é viver e experimentar um verdadeiro abalo sísmico em nossas convicções e em nosso saber. Isto não quer dizer que a estamos transformando numa iconoclasta, numa destruidora de ídolos e teorias, pelo contrário, estamos dando ênfase aos acréscimos de conceitos (teóricos e práticos) grandemente inovadores e que são, ao meu ver, indispensáveis hoje em dia para o entendimento do psiquismo humano e para a clínica psicanalítica.

Como já dissemos, a autora estudou e trabalhou em sua prática clínica, dando maior ênfase e importância para casos mais difíceis, principalmente no campo da psicose. Em seu grande livro, talvez o melhor, que inicia a sua terceira fase. "A Violência da Interpretação", nos deparamos com uma meta psicologia, que tenta dar conta do entendimento da estrutura psicótica, ou melhor dito, dentro do pensamento pieraniano, da problemática psicótica (depois voltaremos a nos referir ao motivo pelo qual a mesma utiliza problemática invés de estrutura psicótica). Então ao entrarmos neste novo modelo de funcionamento do psiquismo, verificamos que ele é colocado e teorizado não para ser um modelo exclusivo de funcionamento do aparelho psíquico na psicose, mas, nos damos conta que este modelo é muito mais

\* Professor do Curso Formação em Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae - São Paulo

(1) Boletim Formação em Psicanálise - Ano I, Vol1, 1992.

amplo do que o exposto por Freud, visto que nele podemos ver descortinar também a problemática neurótica, a perversa e a normal. Com isto a autora nos prega uma grande peça porque nos faz pensar que estamos estudando especificamente as psicoses e nos deparamos com uma abrangência que transborda estes limites.

Para Piera tudo se passa em três espaços com postulados próprios de funcionamento, inerentes a cada um deles. Temos o PROCESSO ORIGINÁRIO onde o postulado vigente é o auto-engendramento. Nada ocorre, nada existe dentro deste processo que não seja criação própria e exclusiva. O extra-psíque neste momento não é considerado externo ao psiquismo, mesmo que o encontro boca-seio já tenha se dado.

Um peito e uma zona erógena se encontram, mas este registro, isto é, no originário, tudo se passa como se o extra-psíque não existisse. No registro do pictograma, o encontro boca-seio é representado por um objeto-zona complementar cujo vínculo é indissolúvel e co-extensivo aos afetos predominantes neste momento do encontro. A representação pictográfica do peito só existe porque existe uma boca, que também aí está sendo representada e que lhe outorga a sua existência. Este encontro é metabolizado, no sentido estrito do termo como sendo uma produção própria. Este modelo de funcionamento, onde este espaço psíquico se apossa de tudo que lhe chega oriundo do exterior e o transforma em algo seu, é tomado emprestado do modo do funcionamento do metabolismo do corpo e dos órgãos sensoriais. Esta linguagem binária e radical inerente são processos corporais, bem como de seus órgãos sensoriais é transposta para o pictograma e transformada em seu próprio postulado de funcionamento onde os objetos funcionais determinam a existência um do outro. Por exemplo, só existe um órgão sensorial olho se houver um objeto para ser olhado. A função do olho é olhar e para isto precisa do objeto alvo de sua função. A ausência de objeto para ser visto determina o desaparecimento desta função e então do próprio olho. Isto funciona de uma maneira geral para os outros órgãos sensoriais. É este modelo que é tomado emprestado ao corpo pelo processo ORIGINÁRIO. Todo este radicalismo é transposto para o aparelho psíquico e assim determinará o modo de funcionamento das relações representante-representado, indissolúveis

neste momento. As exigências corporais como expressão das necessidades vão ser registradas no psiquismo como desprazer e a saciedade, o alívio destas tensões, entram no registro do prazer. O amor neste momento vai estar associado a esta baixa de tensão e conseqüentemente a esta união indissolúvel objeto-zona complementar. União sufocante e mortífera. O ódio se vincularia a elevação de tensão por conta da não satisfação da necessidade, provocado pela ausência do objeto. A busca inicial da representação boca-seio visa, alucinatoriamente, reduzir esta tensão. Se esta alucinação persiste além de um certo limite, mobilizaria forças radicais no sentido de destruir, de impedir este investimento. A representação boca-seio seria banida de dentro do aparelho psíquico e com ela também a instância que a representa. Portanto, ou a representação boca ficaria ligada eternamente à representação seio como expressão de amor ou seria destruída juntamente com o seio como expressão deste ódio mortal. O amor e o ódio são originários, isto é, o desejo e o desejo de não desejar estão aí desde o princípio. Voltando portanto a este modelo, a função pictograma seria a de representação destas experiências e o prazer disto está relacionado com a execução deste trabalho. Para que algo alcance o aparelho psíquico tem de preencher a condição de ser prazeroso ou que tenha como proposta prazer futuro. Toda experiência para ter representação psíquica tem de passar pelos órgãos sensoriais e com isto já fica implícito o prazer pelo exercício de sua própria função, a expressão psíquica seria inevitável. Por isto, logo se vê a influência destas experiências no âmbito do psiquismo. Como não existe uma situação na qual nenhuma informação, nenhum estímulo externo (extra-psíque), deixe de excitar os receptores sensoriais, estes estímulos vão proporcionar uma força constante no sentido de uma representação. Manteria um fundo representativo, semelhante à definição de pulsão feita pelo próprio Freud. Uma força constante, uma exigência de trabalho ao psiquismo. O Pictograma como conseqüência e expressão psíquica dos encontros dos órgãos sensoriais com os seus respectivos objetos, vai imprimir uma demanda de trabalho ao aparelho psíquico, obrigando-o a ter que representar, que seria equivalente a ter que desejar. A mobilização do aparelho psíquico imposta pelo corpo também gera uma corrente contrária, isto é, a de não ter que representar. Estas



duas forças em estado bruto são a expressão de todo radicalismo de EROS e TANATOS. Ambos em estado puro levam à destruição. Pelo que foi dito compreende-se a dificuldade do aparelho psíquico de sair desta linguagem binária corporal radical que neste momento está sendo psicologizada. A relativização deste tipo de funcionamento vai ocorrer com o aparecimento da imagem de palavra e a constituição da instância EU. Todo este clima de céu e inferno, onde reina o absoluto ficará eternamente forcluído dos dois outros processos, primário e secundário. Um fundo representativo ficaria presente, alimentado pelos órgãos sensoriais.

O processo seguinte seria o primário, cujo funcionamento é regido pelo desejo do outro. Poderíamos dizer que neste momento, tudo que é criado neste espaço é obra do desejo do outro. A onipotência do desejo é a tônica e sua representação é feita através da fantasia. Toda vivência de prazer ou desprazer é determinado pelo desejo de um outro alheio ao espaço psíquico. Enquanto que no processo originário o postulado básico é o auto-engendramento, aqui as coisas se invertem, transformando-se em hetero-engendramento. Com isto o aparelho não lida com a sua própria impotência e falta de controle com o extra-psique, pois o objeto é onipotente o suficiente para determinar tudo. Muito embora o extra-psique já seja levado em conta, a maneira desta instância funcionar tem algo a ver com a anterior. A autora denomina engrama pictográfico este empréstimo feito ao ORIGINÁRIO, que vai fornecer ao primário um material que ele metabolizará, tornando-se apto a figurar a relação presente entre ele e o corpo materno. Este processo é uma etapa intermediária entre o absolutismo do corpo e relativismo da linguagem. A imagem de palavra ainda está contaminada com a imagem de coisa e a expressão emocional veiculada com a linguagem é que determina o seu sentido. Tanto o prazer como o desprazer é determinado pelo desejo do outro. O masoquismo primário estaria no cerne desta questão. Eu sofro porque o outro deseja que eu sofra e eu tenho de satisfazer este desejo sofrendo. Isto seria extensivo também à vivência do prazer. Satisfazer o desejo do outro é a condição *sine qua non* de sua existência.

O terceiro momento e último corresponde processo secundário, onde a constituição da instância EU vai ter como função primordial dar sentido às coisas. A

chegada da linguagem vai relativizar os modelos de funcionamento radical anterior e reforçar o recalçamento da imagem de coisa. É interessante o pensar de Piera, neste sentido, porque colide com a conceitualização meta-psicológica de Freud, onde ele afirma que a retirada da palavra à coisa, feita pelo pré-consciente, faz esta mergulhar no inconsciente. O pré-consciente, não dando palavra à coisa, torna-a impedida de chegar à consciência, portanto, recalca-a. Vemos que a função deste processo secundário, através da instância EU é de buscar enunciados que dêem sentido aos fenômenos intra e extra psíquicos. É o reino dos enunciados. A busca de sentido seria perseguida até as últimas consequências. Esta é a função própria da instância EU. A ausência desta função levaria ao abismo vazio da ausência de sentido e de palavra, à escuridão total, ao autismo.

Outros conceitos fundamentais são encontrados no livro em questão, que são primordiais para o entendimento da sua teoria. Entre eles temos o conceito de violência primária: violência necessária impetrada pela mãe ao falar e exigir que o "INFANS" responda ou corresponda à sua expectativa à partir do processo secundário, no qual ela já se encontra. A violência secundária tão desnecessária quanto danosa, por ser imposta por um eu sobre um outro eu - de uma maneira ditatorial - um "diktal" de um discurso de poder. O pensamento delirante primário, que é uma criação desse EU em germe; tenta preencher uma estória de sua origem que não foi contada pelos seus pais (mesmo quando contada, explicita sua incoerência). Esta criação (pensamento delirante primário) que é inerente e singular a cada EU que emerge numa situação de incoerência e de conflito, atesta a participação individual e autônoma do EU nesta problemática psicótica. Para não cair do vazio da ausência de sentido, o EU procura buscar e construir um sentido próprio mesmo que seja delirante. Quando a autora afirma que nesta problemática os pais são necessários mas não suficientes, nos apercebemos de que ela está nos levando a uma situação que vai de encontro ao estruturalismo. Vemos nisto algo novo, onde uma instância EU tenta preencher o primeiro parágrafo de sua própria história, que deveria ser preenchida pelos pais, através de uma interpretação própria, mas delirante.





O livro seguinte deste terceiro período da autora, é o **DESTINO DO PRAZER**. Longe de ser um livro teórico por excelência, mostra-se de um valor extraordinário para a prática analítica. Conceitos novos que emergem neste novo livro nos fazem pensar na nossa própria clínica. Teorias aí desenvolvidas dizem respeito às relações entre a instância Eu com a causalidade, a realidade e o prazer. Aparentemente poder-se-ia inicialmente imaginar que se trata de uma simples “Ego-Psychology”, mas a medida que nos aprofundamos em seus conceitos e em seus pensamentos, verificamos o quão distante estamos daquela psicologia. Ainda neste livro ela conceitualiza que a neurose se instala quando existe um conflito entre a instância EU e os projetos identificatórios (ideais) e que na psicose o conflito se instala entre a parte do EU identifiante e a parte identificada. Que a fantasia nunca poderá ser patológica desde que é a expressão do desejo. A patologia está situada nos conflitos de investimentos do EU em relação aos objetos. O enfoque pieranianiano sobre as relações objetais e sobre a teoria do pensamento nos abre um espaço para reflexão. Estas relações são divididas em

simétricas (amor) e assimétricas (paixão). A extrapolação feita do campo da patologia (neurose, psicose) para a relação analista-analisando e analista-analisando-futuro analista, merece ser lida com muito cuidado, pois que nos faz refletir sobre o nosso próprio trabalho e sobre nossas instituições formadoras de analistas.

Isto e mais alguma coisa, muita coisa mesmo, são encontra dos nestes dois livros, que para mim são de fundamental importância para conhecermos um pouquinho mais sobre o funcionamento deste aparelho tão complexo que é a mente humana. Acrescentar mais conceitos e teorias pieranianas nesta pequena reflexão, fugiria do nosso propósito.

Acredito que após a leitura destes dois volumes, nossa prática clínica não será como antes e nossa inserção no meio psicanalítico não será a mesma.

#### BIBLIOGRAFIA:

AULAGNIER, P. - “A Violência da Interpretação” - Imago Ed. - R.J., 1979.

ibid - “Destino do Prazer” - Imago Ed. - RJ, 1985

# *Algumas Reflexões Sobre os Conceitos de Fusão e Desfusão*

MARIA ROSA MARIS SALES\*

**A**o pensar no tema deste trabalho, algumas reflexões se me impuseram. O foco de minhas reflexões se foi deslocando de uma questão para outra. Ao me formular uma pergunta, as reflexões a dissolviam numa enorme quantidade de fragmentos, que a ansiedade decorrente me levava a outro foco. E este foi o meu percurso, até o momento em que me dei conta, que sem sustentar a ansiedade, não existiria trabalho. E foi assim, que me detive numa questão, que sempre me perseguiu. A partir daí, nela permaneci, e me desafiei a sustentar minhas não-respostas, a expor apenas minhas dúvidas e não entendimentos.

No capítulo IV do Ego e o Id - As duas classes de instintos - Freud nos propõe conceitos de fusão e Desfusão dos dois impulsos básicos: impulso de Vida e impulso de Morte. Se o conceito de Fusão não me pertuba, pela sua aparente coerência intrínseca, o conceito de Desfusão, expressado pelo fenômeno do sadismo-perversão, me leva a refletir pela aparente colocação paradoxal de Freud. E é a partir daí, que pretendo desenvolver minhas dúvidas, renunciando desde já a qualquer formulação de resposta.

Na última Teoria das pulsões, Freud distingue 2 classes de Pulsões: Pulsão de Vida e Pulsão de Morte. A tarefa de Eros é "preservar a substância viva e reuni-lá em unidades cada vez maiores", enquanto a Pulsão de Morte tem como finalidade "dissolver estas unidades e conduzi-las ao seu estado primevo e inorgânico". Os

impulsos sexuais e autopreservativos são os representantes de Eros, impulsos ruidosos e mais acessíveis ao estudo. Já os impulsos de Morte são mudos. Operam silenciosamente dentro do organismo, e deles só temos notícia pela ação de Eros, que a ele se fundindo, o desloca em parte para o mundo externo, vindo então à luz como impulsos destrutivos.

Segundo Freud, os representantes destes impulsos destrutivos seriam os fenômenos do sadismo e do masoquismo. No capítulo de onde parte esta reflexão, Freud se refere ao "componente sádico do impulso sexual, como exemplo clássico de fusão instintual útil, e o sadismo que se tomou independente como perversão como exemplo típico de desfusão, embora não conduzida a extremos." (S. Freud, S.E. Vol. XIX pag.56-57).

E, aqui eu penso - o que seria uma desfusão não levada a extremos?

Se torna a mim difícil pensar neste estado limite, que implica pensar numa desfusão, mas ainda fusão. A isto voltarei mais adiante. Também, me deparo com a questão do componente sádico do impulso sexual como uma fusão instintual útil, versus um sadismo-perversão como exemplo de desfusão.

\* Professora do Curso Formação em Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.

Isto me leva a rever o percurso da conceituação do sadismo em Freud, o que não será feito da forma minuciosa e exaustiva, pois foge aos objetivos desta reflexão e, até provavelmente, das minhas possibilidades no momento. Dentro deste percurso, me perguntarei as diferenças, se é que existem, entre impulso agressivo, impulso sádico e impulso destrutivo. Entrevejo aí um terreno pantanoso, onde estas fronteiras ora se inter cruzam, ora se superpõem, ora me parecem delimitadas. Freud usa esta terminologia, me parece, de forma oscilante e indeterminada, e me parece inevitável perguntar se é indiferente seu uso.

Laplanche-Pontalis nos diz, que quanto à gênese do sadismo e do masoquismo, as idéias de Freud evoluíram paralelamente às reformulações que introduziu na teoria das pulsões. Na primeira teoria, finalmente formulada em 1915, no texto *Impulsos e suas Vicissitudes*, o impulso sádico nos é apresentado como surgindo apoiado no impulso de domínio, o qual faz parte dos impulsos de autopreservação. Num primeiro tempo, o sadismo é uma agressão a outrem, na qual o sofrimento do objeto não faz parte do alvo pulsional. Sadismo aqui, é num primeiro tempo, o exercício do impulso de domínio. Somente no retorno do impulso ao próprio eu do indivíduo, surge o tempo sexual. Apesar de Freud sustentar neste período a não existência de um masoquismo primário, podemos deduzir que é só no momento masoquista que a atividade pulsional assume a significação sexual. Tomando a noção de Apoio em Freud, para designar a relação primitiva das pulsões sexuais com as pulsões de autopreservação, podemos dizer que o impulso sádico surge de uma derivação do impulso de domínio. A palavra sádico, já contém em si uma significação sexual.

Ainda neste texto, Freud apresenta uma metapsicologia da agressividade.

Na sua análise da derivação do amor e do ódio, Freud afirma uma gênese própria para o ódio: os verdadeiros protótipos da relação de ódio não provém da vida sexual, mas da luta do ego pela sua conservação e afirmação (S. Freud, vol. XIV, pag.160). Aqui, agressividade é um impulso do ego, que visa manter e conservar a vida. Freud especifica como Pulsão a

atividade de assegurar o domínio sobre o objeto. Penso, será que nesta passagem Freud descortina uma fronteira entre o sadismo e a agressividade? A Pulsão de domínio é uma Pulsão independente, ligada a um aparelho especial e a uma fase definida da evolução.

Na última teoria das pulsões, com a introdução da Pulsão de Morte, o sadismo é conceituado como derivação do impulso de morte para o objeto, impulso que originariamente visa destruir o próprio indivíduo. Diz Freud: "...uma parte do impulso de morte é posta diretamente ao serviço da Pulsão sexual, onde seu papel é importante. É isso o sadismo propriamente dito. Outra parte não acompanha este desvio para o exterior, mantém-se no organismo, onde está ligada libidinalmente pelo auxílio da excitação sexual de que se faz acompanhar, reconhecemos aí o masoquismo originário, erógeno". (S.Freud, vol.XIX pag.204).

A parte da Pulsão voltada para o exterior recebe o nome de impulso de agressão (A *agressiontrieb*) e esta Pulsão não pode ser apreendida senão na sua fusão com a sexualidade. A partir de 1920, a acentuação já não incide na dominação mas na destruição. A dominação já não está ligada a um impulso específico, é uma forma que a pulsão de morte pode tomar quando a serviço do impulso sexual. Posso pensar que a fronteira, antes descortinada, entre sadismo e agressão desaparece? Já não são derivados em dois tempos, mas de um tempo só - da fusão de Eros com Tanatos.

O sadismo e o masoquismo só surgem quando ligados à libido, só aí se tornando expressão e voz dos impulsos de morte. Se não pela exteriorização ou interiorização (ligada à libido) não teríamos notícia da pulsão de morte. Logo, como pensar no sadismo como expressão de uma desfusão, se o próprio fenômeno só é passível a partir de uma fusão? "O primeiro estado (mítico?) em que a pulsão de morte se dirige inteiramente contra o próprio indivíduo não corresponde nem a uma posição masoquista, nem a uma posição sádica". (Laplanche-Pontalis, pag. 608).

Seguindo minha busca nos textos freudianos, encontrei afirmações de Freud que sustentam a minha perturbação. Nas Novas Conferências Introdutórias, Freud denomina sadismo... "aquela situação em que o sujeito para obter satisfação sexual depende da condição do seu objeto sofrer dor, maus tratos e



humilhações; e o masoquismo a situação em que o sujeito sente necessidade de ser ele mesmo o objeto maltratado. Conforme todos sabem, uma determinada mistura dessas duas tendências está incluída nas relações sexuais normais, e falamos em perversões quando estas deslocam para o plano secundário os fins sexuais e os substituem por seus próprios fins". (S.Freud, Vol.XXII, pag.130). Como vimos a finalidade sexual - e aqui posso pensar, a união com o objeto - continua presente. Não há um desligamento total da agressividade com a sexualidade, que poderia vir a ser o que caracteriza uma desfusão instintual. Ainda neste texto, contrariamente ao que afirma no Ego e o Id Freud nos oferece os fenômenos sadismo e masoquismo como exemplos típicos de fusão instintual, como podemos deduzir de sua afirmação: "É nossa opinião portanto, que no sadismo e no masoquismo, temos diante de nós dois excelentes exemplos de uma mistura das duas classes de instintos, de Eros e agressividade, e formulamos a hipótese de que essa relação é uma relação modelo... que todo impulso instintual que pudermos examinar, consiste em fusões ou ligas parecidas das duas categorias de instintos" (S.Freud, vol. XXII, pag. 130-131).

Em *Mal Estar na Civilização* novamente estas questões são abordadas por Freud. Nos diz "...os dois tipos de instintos raramente - talvez NUNCA- aparecem isolados um do outro, mas que estão sempre mesclados em proporções variadas e muito diferentes." (S.Freud, vol. XXI, pag.141). O que Freud nos aponta aqui, são diferentes tipos de fusão, e não uma desfusão.

"No sadismo, há muito tempo de nós conhecido como instinto componente da sexualidade, teríamos à nossa frente um vínculo deste tipo particularmente forte, isto é, um vínculo entre as tendências para o amor e o instinto destrutivo, ao passo que sua contrapartida, o masoquismo constituiria uma união entre a destrutividade para dentro e a sexualidade, união que transforma aquilo que, de outro modo, é uma tendência imperceptível, numa outra conspícua e tangível" (S.Freud, vol. XXI, pag. 141-142). Novamente podemos deduzir a "mudez" do impulso de morte, que só encontra voz e expressão na sua união com Eros, cujos impulsos têm voz própria e que apontam o caminho para o objeto. Afirma ainda, neste texto, que

é no "...sadismo- onde o instinto de morte deforma o objetivo erótico, embora ao mesmo tempo satisfaça integralmente o impulso erótico - que conseguimos obter a mais clara compreensão interna de sua natureza e de sua relação com Eros". (S. Freud, vol XXI, pag. 144). Neste texto, me parece que Freud não concebe uma desfusão instintual. Os fenômenos da vida são derivados da luta contínua e do trabalho conjunto destes dois impulsos.

Valho-me agora de Laplanche-Pontalis, para enfocar os conceitos de Fusão e Desfusão em Freud. Os autores nos dizem que Freud não se preocupou muito em determinar como concebe a Fusão das pulsões. A Fusão é conceituada como uma "verdadeira mistura em que cada um dos componentes pode entrar em proporções variadas". Nos diz também que "quando Freud nos fala em Desfusão é explicitamente para designar o fato da agressividade ter conseguido quebrar todos os laços com a sexualidade". (Laplanche-Pontalis, pag.267). Enquanto que no processo de fusão é necessário uma harmonização de alvos (objetivos) numa síntese cuja coloração cabe à sexualidade, no processo de desfusão cada uma das pulsões manteria a autonomia do seu alvo.

Deixando minha mente voar, sem nenhum compromisso com alguma exigência teórica ou coerência interna, me colocaria as seguintes perguntas e observações:

1- Será que o sadismo poderia ser um exemplo de Fusão e Desfusão de acordo com a sua finalidade? Fusão quando o seu alvo é um gozo sexual. E aqui haveria manutenção do objeto enquanto objeto da satisfação sexual. Desfusão quando a finalidade é destruir o objeto.

2- Considero muito difícil pensar no conceito de Desfusão como o coloca Freud. A própria expressão do sadismo já é decorrência de uma Fusão prévia. Só posso conceber uma Desfusão instintual, atribuindo à Pulsão de Morte uma função e uma voz própria. Assim poderíamos pensar numa atividade pulsional independente da ação de Eros. André Green propõe que "a função auto-destrutiva desempenha para a Pulsão de Morte um papel correspondente àquele que desempenha a função sexual para Eros". Admite que há formas de destruição que não comportam uma fusão instintual. (A. Green- Pulsão de Morte-Pag.63).

## *Dolto - Um Passe para a Originalidade*

*Angela Perpétuo de Oliveira\**

*Giselle Groening de Almeida\**

*Maria Cecília Casali Oliveira\**

**F**rançoise Dolto viveu na França de 1908 a 1988 deixando uma extensa e impactante obra.

Impactante pela maneira pessoal e carismática de colocar suas idéias. Não bastar Dolto, é necessário digerí-la. Ela não se preocupava fundamentalmente em sistematizar sua teoria, deixando um legado principalmente através de temas técnicos e práticos que abordava nos seminários, conselhos aos pais, médicos e educadores. Nem por isto Dolto deixava a teoria em segundo plano. Seu embasamento foi Freudiano e Lacaniano, mas devido às suas preocupações práticas e à sua própria história de vida, acabou por integrar suas influências e desenvolver um corpo teórico e uma prática clínica originais e coerentes.

Procuraremos mostrar aqui como sua história de vida encaminhou-a para seu trabalho e marcou suas idéias fundamentais. Neste contexto, recortaremos o uso que Dolto faz de alguns conceitos como o de linguagem, simbolização, castração, sujeito, relação de objeto, e enfatizaremos o conceito inovador de imagem inconsciente do corpo. Acreditamos assim poder dar uma amostra da sua originalidade e importância dentro da teoria psicanalítica.

A “vida na obra” é fundamental no caso de Dolto, nos levando, devido à sua forte personalidade, a uma série de críticas e dificuldades, em um primeiro momento. A própria Dolto dava um lugar privilegiado à sua história pessoal tanto que publicou dois livros auto-

biográficos. Importante frisar que a história do psicanalista sempre tem um peso na produção teórica e no manejo técnico, o que absolutamente não significa confundir a obra com o autor, mas apenas situá-la, ajudando na compreensão do todo, permitindo a nós mesmos o espaço pessoal e transferencial com relação ao autor em quem estamos interessados.

Encontramos como denominador comum de sua personalidade o respeito que tinha por seu lado pessoal dentro do contexto profissional, isto é, o seu desejo e sua opinião. O que em um primeiro momento parece um traço extremamente onipotente de Dolto, acaba tomando-se um elemento de auto-respeito e capacidade de produção. Para ela a noção de sujeito é fundamental: é o sujeito do desejo que se situa do lado do inconsciente, que se liga mas transcende a condição corporal e o ambiente. Verificamos que buscou incessantemente em si, e no outro, o sujeito responsável, respeitando e indo além das condições pessoais, familiares e institucionais, podendo assim desenvolver amplamente seu trabalho. Desta noção de sujeito responsável por seu desejo advém inclusive sua prática no tratamento de autistas, psicóticos e bebês, trazendo desta forma inovações técnicas e sendo capaz, o que é fundamental em psicanálise, de sustentar metapsicologicamente seus procedimentos.

---

\* Psicólogas, Psicanalistas pelo Curso Formação em Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae - São Paulo



Por exemplo, ela incluía bebês em suas consultas, falando diretamente a eles, dirigindo-se ao sujeito que via como presente desde o início, acreditando que compreendessem a linguagem adulta, para estarrecimento dos demais. Em outras palavras, Dolto considerava as circunstâncias (o corpo, a família e a história) como possibilidades de atualização de um sujeito que pode vir a se responsabilizar por seu desejo.

Realmente Françoise Dolto foi além das circunstâncias, transcendendo a loucura que a circundava. Encontramos em sua infância, segundo ela descreve em sua auto-biografia, os elementos constitutivos de uma dinâmica psicótica: um pai ausente - pelo menos fisicamente, uma mãe "monstruosa" que projetava tal traço em seus filhos - utilizando-os como analistas, e uma menina precoce que não obtinha quem lhe situasse seus próprios sentimentos. Somava-se a isto a percepção de um ambiente onde havia muitos "loucos" (seus familiares, os moradores do seu prédio e a clínica psiquiátrica que existia em frente), a experiência de viver a primeira guerra mundial (dos 6 aos 10 anos) e de assistir o desamparo das famílias que perderam seus chefes neste período. Tais experiências levaram-na a reconhecer o próprio desamparo e a lutar por uma compreensão, por uma profissão e independência. Acaba por realizar seu desejo de menina em ser "médica da educação", percorrendo o caminho a partir de sua formação como pediatra para a psicanálise e aconselhamento.

Profissionalmente Françoise Dolto também foi sempre além das circunstâncias. Aos 31 anos defendeu a tese "Psicanálise e Pediatria", o que lhe valeu o título de médica pediatra e a aceitação como membro titular da Sociedade Psicanalítica de Paris, à qual permaneceu filiada até 1953. Desligou-se e fundou, juntamente com outros analistas, a Sociedade Francesa de Psicanálise, onde permaneceu com Lacan até 1964, quando fundaram a Escola Freudiana de Paris. Com a dissolução desta em 1980, Dolto empenhou-se na criação da "Maison Vert", instituição destinada ao atendimento de crianças carentes. Durante a maior parte de sua vida profissional dedicou-se também ao trabalho em hospitais, onde realizava o atendimento com platéia. Outra marca característica eram os

seminários clínicos, transformados em dois livros, nos quais esclarecia sua forma de trabalhar. Sua preocupação como "médica da educação" estendia-se não só à formação de profissionais como também ao trabalho preventivo com os pais.

Seu afã em ajudar os pais a educar os filhos e seu interesse pela comunicação levaram-na, como uma psicanalista não ortodoxa que era, a programas de rádio onde orientava e aconselhava os pais e educadores em suas dificuldades com as crianças. Este seu interesse pela comunicação já era evidente aos dez anos, quando construiu sozinha um rádio, novidade da época.

A ênfase na comunicação é um ponto fundamental na obra de Dolto. Ela usa amplamente a noção de linguagem, incluindo diversos conceitos relacionados como comunicação, fala, palavra verdadeira e simbolização. Para ela, desde a origem somos concebidos na linguagem: tudo é linguagem, tudo é simbólico, especialmente nas relações do bebê com o seu meio; nada no ser humano é apenas orgânico. A linguagem pré-existe ao nascimento, mas é somente após o desmame do corpo-a-corpo que a assimilação da língua materna começa a se fazer. Já a função simbólica inclui todas as modalidades da linguagem (visual, olfativa, gestual, rítmica, verbal, entre outras), havendo uma prioridade da linguagem falada, de modo verdadeiro no que tange ao conteúdo afetivo e à realidade: "A linguagem falada é o que há de mais germinativo e simbolizador no coração e no simbolismo do ser humano que nasce" (1). A linguagem falada é condição humanizante e do desenvolvimento da função simbólica. Dolto enfatiza a necessidade da comunicação verbal como instrumento de tradução das ansiedades infantis, o que permite estabelecer um significante e um significado dentro do contexto das relações. É a conversa dos pais sobre e com o bebê que propicia sua inclusão no mundo simbólico, daí Dolto dirigir-se aos pais e aos bebês nas entrevistas. Já o estabelecimento de significantes falsos e distorcidos do ponto de vista do afeto e da realidade concreta, levam a comprometimentos sérios na estruturação do inconsciente e da

(1) Dolto Françoise - "La Cause des Enfants" Introdução a Obra de Françoise Dolto, Michel Ledoux, Jorge Zahar - Ed., 1991, Rio de Janeiro.



identidade, daí a importância da palavra verdadeira que, por definição, inclui também as castrações.

Neste processo evolutivo, para que ocorra a simbolização, e portanto a humanização, são fundamentais as sucessivas castrações, que Dolto divide em umbilical, oral, anal, genital não edipiana e genital edipiana. São castrações simboligênicas que se dariam através da palavra verdadeira. Para ela a castração é entendida em sentido lato, é a privação de uma satisfação incestuosa, que reorganiza a pulsão frente à proibição, de modo a estabelecer que uma parcela seja recalcada e outra parcela possa ser sublimada, possibilitando a busca de satisfação mais evoluída. A castração que não se faz acompanhar de progresso, não tem valor simboligênico, podendo adquirir um sentido perverso.

A ótica da linguagem e das castrações também encontra sentido na história pessoal de Dolto. Dentro de sua família a linguagem não desempenhou plenamente sua função de simbolização, e Dolto “salvou-se” da psicose por fazer um uso diferente desta. Primeiramente acreditou na palavra do adulto (o que lhe permitiu uma inclusão e uma diferenciação) mas depois, conforme foi crescendo, foi percebendo que algumas respostas que recebia eram falsas ou distorcidas. Disto adveio uma necessidade de escutar, pensar e utilizar a linguagem de modo coerente, passando então a buscar suas próprias respostas.

Já às perguntas sem respostas, como o que ocorre após a morte, preocupação de Dolto aos 4 anos, depois de um episódio esquizóide de três dias, aceita um não saber, apoiando-se na religião. Acaba por acreditar em anjos da guarda por toda vida, que representavam, para ela, um ponto de ligação entre o carnal, o mental e o espiritual. Noções religiosas como alma e espírito permeiam sua obra, inclusive encontramos vários livros que discutem especificamente religião e psicanálise. Aliás, ela atribuía sua formação como psicanalista à sua fé e à influência de seu analista Renée Laforgue. Curioso que depois das sessões, Dolto não se preocupava com seus pacientes, entregando-os aos cuidados dos anjos da guarda.

Assim, da vivência tão precoce da loucura da e na linguagem advém a ênfase na importância das comunicações dentro da família e a noção da palavra verdadeira - a que situa o sujeito em relação ao seu

desejo e ao desejo do outro. É a inserção da criança no mundo simbólico dos pais o que vai determinar a dinâmica inconsciente na relação triangular, muito mais do que a força das pulsões. Daí a necessidade que a análise possa dar novos significados, nomeando o que os pais não puderam fazer por estarem presos a seus próprios conflitos pré-edípicos. Ao lermos o relato de sessões observamos em Dolto uma postura aparentemente pedagógica, como se fossem “aulas de Édipo”, onde na verdade ela marcava os limites através da palavra verdadeira, refazendo o caminho das castrações. Ainda apoiada nesta noção de palavra verdadeira, introduziu a inovação técnica do pagamento simbólico na análise de crianças, visando situar a criança em relação ao seu desejo e ao desejo dos pais. Pedia que a criança fizesse um pagamento simbólico (algo combinado com cada uma como por ex. pedrinhas), o que era indicador da percepção de seus conflitos e da necessidade em ser ajudada. Quando havia recusa em fazer tal pagamento Dolto não iniciava a terapia, colocando para a criança que sua vinda devia-se ao desejo e poder dos pais e que ela, criança, não podia se preocupar consigo, estando livre para permanecer com suas dificuldades. Isto significava que o sintoma estava dando conta do sofrimento. Dolto atendia então aos pais que estariam podendo se preocupar com seu filho, fazendo uma distinção entre o que seria o desejo destes e o desejo da criança; mais uma vez mostrando o respeito que tinha pela individualidade do paciente e pelo seu contexto. Acreditava que um trabalho de prevenção com os pais, restaurando a comunicação verdadeira, levaria a um desenvolvimento natural da criança. Como se viu, esta prevenção inclui também a responsabilização de cada um pelo que quer e pelo que pode fazer.

Ainda sob a ótica da responsabilidade é digna de nota sua abordagem em relação às crianças adotadas. Dolto procurava resgatar o que os pais biológicos puderam dar para a criança - a vida, o que os pais adotivos podiam dar - a inserção em um contexto simbólico que incluía a verdade afetiva desta relação, sendo imperioso que também se reconheça a origem biológica, e procurava finalmente resgatar a responsabilidade da própria criança por seu desejo em viver, desde a concepção, e em pertencer ao grupo familiar “adotando” os pais.

Este seu entendimento sobre a responsabilidade pessoal em relação ao desejo e às limitações, tem ainda como alicerce uma outra experiência de vida que a marcou profundamente: a morte da irmã mais velha. As vésperas de sua primeira comunhão, aos doze anos, a mãe contou-lhe sobre a doença da irmã e pediu-lhe para rogar a Deus por sua vida. Com a morte desta, a mãe afastou-se ainda mais de Dolto, que procurou elaborar tal episódio e suas conseqüências durante sua análise. Ela acabou reconhecendo a influência desta situação no fato de tornar-se analista como que atendendo ao pedido de sua mãe.

No futuro Dolto ficou conhecida por “salvar” quase que de modo milagroso “casos perdidos” como autistas e psicóticos, fazendo sua a bandeira da participação familiar através da comunicação verdadeira. De sua experiência de vida extrai o valor da profilaxia, da comunicação e de uma ética que incluía também a atuação no contexto familiar e social mais amplo. A bagagem pessoal que trouxe para sua carreira psicanalítica possibilitou, como vimos, o desenvolvimento de abordagens diferenciadas e o aporte de contribuições teóricas originais.

Os conceitos abordados até aqui e relacionados com a vida de Françoise Dolto encontram uma confluência na idéia que forma a espinha dorsal teórico-técnica de sua obra: a de imagem inconsciente do corpo. É um conceito nascido eminentemente da clínica, que se refere à união entre soma, espírito e psiquismo, onde mais uma vez perpassa a fala e a castração na formação do sujeito e das relações objetais. É um conceito fundamental, difícil e denso, que pela profundidade e importantes ligações com a psicopatologia e com a clínica, adquiriu um status privilegiado dentro da obra de Dolto e paralelamente mereceu, de nossa parte, um exame mais aprofundado, o que está além da presente proposta.(2)

No entanto, cabe aqui uma visão panorâmica deste conceito, fazendo uma ligação com as idéias abordadas anteriormente. Dolto partiu da visão de uma unidade somato-psíquica, utilizando o conceito de esquema corporal e de imagem inconsciente do corpo.

(2) Vide o trabalho das autoras: “O Conceito de Imagem Inconsciente do corpo de Françoise Dolto: a encarnação simbólica inconsciente do sujeito desejante”.

Esta última forma-se a partir dos instintos, do desejo do bebê e da sua inserção em um mundo simbólico através das relações com a família. O conceito de imagem inconsciente do corpo dá uma dimensão dinâmica e psicanalítica à hipótese teórica de Dolto de uma unidade primeira entre corpo-sujeito-espírito. Ela se constitui em torno do desejo de ser inicial do sujeito, depois transforma-se em relação à sua história, representando o corpo enquanto mediador deste sujeito.

Segundo Dolto o esquema corporal é o processo de mentalização do corpo real (da fisiologia e da biologia), é o lugar e a fonte das pulsões, o contato com o mundo físico. Já a imagem inconsciente do corpo, que tem seu desenvolvimento minuciosamente detalhado por Dolto, é o nosso contato com o relacional, é o lugar de representação das pulsões. E é a fala que permite o cruzamento do esquema corporal com a imagem do corpo; é onde o desejo de viver encontra-se com as funções vegetativas, processo este que é mediatizado pela função simbólica. Para Dolto o sujeito inscreve-se no simbólico desde a sua concepção, esta já é simbólica do desejo de um sujeito e de seus pais. No entanto, o acesso da criança ao simbólico propriamente dito, às leis humanas, tem que ser mediatizado pela função simbólica. O sujeito vai mentalizando e memorizando as percepções associadas ao encontro com o outro desde o nascimento. Tais percepções não só provocam modificações no próprio sujeito, mas são também percebidas por um outro que reage com uma resposta variante modulada, de acordo com a primeira. O conceito de imagem do corpo é por definição relacional: Não se constitui em um processo solipsista, representa o sujeito desejante em uma troca simbólica, confrontado com as leis desta troca, as chamadas castrações simbologênicas. Dolto vê estas castrações como fundamentais para a evolução do sujeito e sua inserção na cultura.

O recalque da imagem do corpo, na época do espelho, propicia a definição de um “eu” a quem o sujeito passa a poder se referir, e de um objeto externo com quem se relacionar. A castração do espelho impõe uma identificação com um representante humano e a imagem do corpo, tornada inconsciente, continua viva sustentando o desejo. A partir daí a imagem do corpo não se refere intuitivamente, de forma exclusiva, ao que é o desejo do outro. Já após a resolução edipiana





a imagem inconsciente do corpo, marcada pelas castrações sucessivas, será aquela do próprio indivíduo - representação humana completa. o eu do sujeito fica definitivamente ligado à imagem humana monossexuada conforme a fisiologia do corpo material.

Quando não há a integração, que se dá pela fala, dos aspectos físicos reais (esquema corporal) com os relacionais (imagem inconsciente do corpo) ocorrerão distúrbios que vão desde a psicossomática até as esquizofrenias.

Este conceito denso, resumidamente explicado aqui nasceu da prática clínica de Dolto. Durante as sessões seus pacientes adolescentes e crianças trabalhavam com desenhos e massa de modelar; suas produções (bonecos, animais, etc) eram entendidas como projeções parciais ou totais da imagem inconsciente do corpo, através da qual o paciente articula sua relação com o mundo. Dolto não interpretava os desenhos e modelagens, o que considerava uma invasão, lidando apenas com o que o paciente verbalizava sobre estes. Usava-os, antes, como guias às suas interpretações, dirigidas ao desenvolvimento psico-sexual, visando corrigir os passos evolutivos da imagem inconsciente do corpo, onde falhou a castração estruturante promotora da simbolização. Através da palavra verdadeira, propicia-se a passagem do soma ao psíquico, estabelecendo uma relação entre o esquema corporal, o orgânico, aspectos relacionais e psicológicos.

Dolto acabou por construir assim, uma verdadeira teoria corporal do psiquismo, acompanhada de um manejo técnico coerente.

Curioso notar mais um aspecto da vida pessoal de Dolto que se liga ao seu trabalho teórico. Seu marido Boris Dolto, com quem casou-se aos 33 anos, era cinesioterapeuta, especialista em terapia do movimento, e sua terceira e última filha Catherine Dolto-Tolitch veio a trabalhar com haptonomia, contato psico-tátil pré-natal, que visa lidar simultaneamente com a afetividade e o toque. Assim, em sua família, temos a influência e o reflexo da preocupação de Dolto com as ligações mente-corpo-espírito.

Neste texto procuramos dar uma pequena visão de quem foi Françoise Marette-Dolto: uma pessoa de muitos recursos internos que venceu uma história de

vida conturbada, e que apesar e a partir da mesma, tornou-se uma psicanalista capaz de referir-se a si própria na primeira pessoa, ocupando um destacado lugar na produção teórica e na prática psicanalíticas. Alargou horizontes, como por exemplo, com o conceito de imagem inconsciente do corpo, que interliga somapsiquismo-espírito, com a importância da palavra verdadeira no desenvolvimento psíquico, com o extenso trabalho dirigido aos pais e educadores, pioneiro na ponte da psicanálise com outras práticas. Encontramos um trabalho inovador, que visa fundamentalmente recolocar o paciente em contato com o si mesmo, possibilitando a outros conseguirem o que ela conseguiu: o ser sujeito do próprio nome e pré-nome, em profundo respeito por si mesmo.

#### BIBLIOGRAFIA

- DOLTO, Françoise - "A imagem Inconsciente do Corpo". Editora Perspectiva, 1992, São Paulo.
- "Auto-Retrato de uma Psicanalista". Jorge Zahar Editores, 1990, Rio de Janeiro.
- "Como Orientar seu Filho". Editora Francisco Alves, Rio de Janeiro. Vol. I, 1988; Vol. II, 1989.
- "O Caso Dominique". Jorge Zahar Editores, 1972, Rio de Janeiro.
- "O Evangelho à Luz da Psicanálise". Imago Editora, 1979, Rio de Janeiro.
- "Psicanálise e Pediatria". Editora Guanabara, 1988, Rio de Janeiro.
- ; colaboração Alecio de Andrade. "Enfances". Editions du Seuil, 1986.
- ; colaboração Louis Caldagués. "Seminário de Psicanálise de Crianças". Jorge Zahar Editores, 1985, Rio de Janeiro.
- ; colaboração Jean-François de Sauverzac.
- "Seminário de Psicanálise de Crianças II". Editora Guanabara Koogan S.A. 1990, Rio de Janeiro.
- ; colaboração Jean-François de Sauverzac.
- "Inconsciente e Destinos (Seminário de Psicanálise de Crianças III)". Jorge Zahar Editores, 1989, Rio de Janeiro.
- LEDoux, Michel H. - "Introdução à obra de François Dolto". Jorge Zahar Editores, 1991, Rio de Janeiro.
- YANNICK, François - "Françoise Dolto- De l'éthique à la pratique de la psychanalyse d'enfants". Éditions du Centurion, 1990, Paris, France.



## ***III - ARTIGOS***





# *A Perversão na Relação Analítica<sup>(1)</sup>*

*Michael Harald Achatz, 1992\**

## **1.0. Apresentação e introdução:**

Neste trabalho pretendo discutir como aspectos perversos do paciente podem surgir na relação analítica, estudando como eles podem se expressar na transferência que o paciente estabelece com o analista. Para fundamentar meu raciocínio, vou discorrer brevemente sobre a evolução da teoria psicanalítica para um modelo de funcionamento psíquico que permite compreender a perversão com a qual o analista pode se deparar no curso de uma análise como uma exteriorização de relações perversas entre partes do self do paciente. Concluo o trabalho com o relato de material clínico de uma análise no sentido de ilustrar as idéias discutidas.

Estou partindo do ponto de vista de que é possível diagnosticar a perversão a partir da escuta analítica, o que permite detectá-la inclusive onde, do ponto de vista fenomenológico, não haja nenhum desvio na vida sexual do indivíduo. Talvez naqueles pacientes tradicionalmente tidos como desviantes quanto às suas práticas sexuais, nos quais os aspectos sádicos são bastante evidentes, o analista encontre maior facilidade de detectar as manifestações da perversão na transferência. Mas ao desvincular a perversão da noção de sintoma ou desvio sexual estaremos mais abertos para detectar em alguns pacientes sem aparente desvio sexual a emergência de mecanismos perversos durante o processo da análise. Estes mecanismos perversos detectados nestes pacientes não diferem qualitativamente dos encontrados nos pacientes tidos como desviantes. Mas podem apresentar-se de forma

sutil e insidiosa no decurso de uma análise, criando situações bastante complexas que se não forem adequadamente compreendidas podem levar a impasses.

Ao desvincular a perversão da noção de desvio sexual será necessário para detectá-la estarmos atentos às suas características essenciais. Partindo da origem etimológica da palavra perverter - do latim *pervertere*, poderíamos afirmar que uma característica marcante da perversão, ou melhor, do mecanismo perverso, é a sua qualidade de transformar - ou pelo menos tentar transformar - uma coisa em outra. Mas transformar que coisa em outra? Pensando na compreensão da perversão a partir de uma abordagem freudiana e lacaniana, mais estruturalista, a questão da organização perversa gira em torno da angústia de castração e dos mecanismos de defesa para contorná-la. O perverso só aceita a castração com a condição de transgredi-la sempre. Faz de conta que reconhece a lei representada pela função paterna somente quando lhe convém para fins de manipulação, pois na verdade transforma o seu próprio desejo em lei, que tenta impor aos outros. Faz isto evidentemente para não ter de sofrer a angústia de castração. Poderíamos afirmar então que o perverso transforma aquilo que poderia favorecer seu crescimento psíquico, ou seja, a lei representada pela

\* Psicanalista, pelo Instituto Sedes Sapientiae

(1) Monografia de encerramento do Curso Formação em Psicanálise  
- Instituto Sedes Sapientiae - SP - 1992

função paterna que autoriza, amplia e permite o desejo, em algo a ser desafiado por ser sentido como ameaça ao próprio narcisismo. Em outras palavras, como diz Meltzer (1973-a): “A essência do impulso perverso é a transformação do bom em mau.” A partir desta breve descrição da organização perversa podemos deduzir alguns aspectos que podem eventualmente caracterizar os mecanismos perversos. Entre outros são o desafio, o menosprezo, a transgressão, a dissimulação, a manipulação para fins de controle, o conluio, a sedução com fins de corromper. Num sentido mais amplo podemos entender a perversão pela forma como o indivíduo administra seu desejo na relação com o outro.

Importante frisar aqui que não estou abordando a questão da perversão segundo uma concepção estruturalista ou como uma entidade nosológica própria que se diferencia da neurose e da psicose. Atenho-me unicamente à compreensão da perversão segundo o prisma das relações de objeto, ou seja, ao estudo do funcionamento intrapsíquico do paciente, onde podem ocorrer relações perversas entre partes do seu self e de como isto pode manifestar-se na relação analítica. Assim sendo, o presente estudo diz respeito a uma gama variada de pacientes: Pacientes descritos por Rosenfeld (1987-b) como tendo uma estrutura de caráter narcisista e onipotente. Outros descritos por Betty Joseph (1975) como aparentemente colaboradores, mas de difícil acesso a uma verdadeira compreensão emocional. Outros ainda descritos por Meltzer (1973) e Joseph (1981) como apresentando características de adição. A compreensão destes mecanismos perversos é útil também para entender situações de reação terapêutica negativa em alguns pacientes, como descrito por Rosenfeld em seu artigo de 1987 - “Pacientes narcisistas com reações terapêuticas negativas”, além de permitir uma compreensão para alguns casos recorrentes na prática clínica que se arrastam por muito tempo sem mudanças psíquicas no paciente, transmitindo ao analista uma sensação de esterilidade.

A observação atenta da transferência que o paciente desenvolve em relação ao analista permite a este compreender de forma vivida o funcionamento psíquico do primeiro. O analista pode assim acompanhar pari passu a evolução da mudança psíquica

no analisando e ir conferindo sua compreensão teórica do caso com o desenrolar clínico. O surgimento de perversão na transferência pode a princípio dificultar bastante o trabalho do analista e em alguns casos mais graves mesmo paralisar o progresso da análise. Por outro lado, considerando-se que a perversão que se manifesta na transferência corresponde a uma externalização das relações internas do paciente, se adequadamente detectada e manejada, fornece um importante instrumento terapêutico para a compreensão da psicopatologia do paciente. Neste sentido, para assegurar uma eficácia terapêutica é essencial uma detalhada compreensão da psicopatologia destes pacientes. Para tanto o analista tem que ter em mente um modelo de funcionamento psíquico que deverá ser confrontado constantemente com a evolução clínica do paciente.

Como ponto de partida gostaria agora de delinear os modelos de estrutura psíquica e funcionamento psíquico sobre os quais se fundamenta esta discussão, para num segundo momento discorrer sobre as implicações clínicas decorrentes de interações perversas entre partes do self de um paciente.

## **2.0. Evolução dos modelos de estrutura e funcionamento psíquicos :**

### **2.1. Freud e a metafórica espacial introduzida na primeira tópica:**

Podemos tomar como base a primeira tópica de Freud. (O Inconsciente, 1915). Comentando esta tópica, Figueira (1992-a) afirmou: “Fazendo uma leitura epistemológica do texto e neste sentido pensando a psicanálise como sendo fundamentalmente linguagem organizada em torno e a partir de metáforas, pode-se afirmar que a metáfora fundante ou estruturante implícita da linguagem psicanalítica da primeira tópica é a metafórica espacial. Isto é a pré-condição de todo um pensamento. Freud observa o espaço ‘dentro do sujeito’, delimitando-o do ‘espaço externo’ e organizando e especializando este ‘espaço psíquico’ (consciente/inconsciente). Nesta especialização, a ‘profundidade’ emerge como um elemento fundamental do imaginário metapsicológico”.

Mas Freud encontrou certos fatos clínicos e humanos que simplesmente não cabiam dentro deste mapeamento do espaço mental. Sem entrar no âmbito



detalhado de todos estes fatos que rompem os limites da primeira tópica, pois isto por si só é uma discussão complexa que sai fora da proposta deste trabalho, quero salientar somente um fato que é pertinente especificamente aqui: a questão da divisão da consciência (splitting do ego). Ainda segundo Figueira (1992-a): “Na primeira tópica há uma nítida divisão entre o que pode chegar à consciência (pcs-cs) e o que não chega à consciência (incs). Contudo Freud descobre que o ego não coincide com o pcs-cs, pois ele possui uma parte que se comporta como o que no psiquismo é dinamicamente inconsciente. Isto foi percebido entre outros por causa da resistência que deriva do ego durante a análise e por causa do sentimento de culpa inconsciente. Uma tal situação seria, na primeira tópica, um contrasenso. Freud é levado assim a um novo ego: o ego inconsciente. Na primeira tópica a divisão egóica não poderia ser explicada satisfatoriamente, o que não permitia uma compreensão adequada dos casos de ‘dupla consciência’ (splitting da consciência), contrariamente ao que Freud afirma no artigo de 1915. Força-se assim a elaboração de uma nova hipótese teórica a respeito do funcionamento psíquico, que inclua estes fatos clínicos observados. Observa-se então, em Freud, uma antropomorfização progressiva do aparelho psíquico”.

## 2.2. Freud lançando as bases da teoria das relações de objeto na segunda tópica:

Observamos esta antropomorfização do aparelho psíquico na segunda tópica. Uma vez estabelecida a noção de ‘espaço psíquico’, Freud povoa por assim dizer este espaço. Usa os conceitos de ego, id e superego de forma pessoalizada. Assim por exemplo fala do ego como tendo dois senhores os quais precisa constantemente contemporizar. Temos aí a antropomorfização das instâncias intrapsíquicas, onde o enfoque consiste no estudo das relações intrapsíquicas. Figueira (1992-b) considera isto a base e a origem da teoria das relações de objeto. Para citar o próprio Freud, ele afirma em ‘A Dissecção da Personalidade Psíquica’, de 1933: “O ego pode tomar a si próprio como objeto, tratar-se a si mesmo como outros objetos, observar-se, criticar-se, e sabe Deus o que mais pode aprontar consigo mesmo. Em acontecendo isto, uma parte do ego coloca-se em oposição às partes restantes. O ego é portanto cindível,

cinde-se durante algumas das suas funções, pelo menos temporariamente. As partes podem se reunir novamente posteriormente”. (Grifo meu, traduzido do original em alemão, apontado por Figueira em 1992-b).

Laplanche e Pontalis chamam atenção para exatamente estes aspectos no item ‘tópica’ do seu ‘Vocabulário da Psicanálise’: “Que é feito, nesta nova <tópica>, da idéia de localização psíquica? Até na escolha dos termos que designam as instâncias vemos que o modelo já se não foi buscar às ciências físicas, mas é completamente marcado pelo antropomorfismo: o campo intrasubjectivo tende a ser concebido segundo o modelo de relações inter-subjectivas, os sistemas são representados como pessoas relativamente autônomas na pessoa (dir-se-á, por exemplo, que o superego se comporta de forma sádica para com o ego). Nesta medida, a teoria científica do aparelho psíquico tende a aproximar-se da forma fantasmática como o indivíduo se concebe e até, talvez, se constrói.” (Edição brasileira de 1986, p.661).

## 2.3. A contribuição de Melanie Klein:

Ao passarmos da primeira tópica freudiana para a segunda, encontramos a base da teoria das relações de objeto, que tanto marcou o pensamento de Melanie Klein e de outros autores da assim chamada ‘escola inglesa’. Como observa Figueira (1992-c): “A primeira tópica deixa pouco espaço para variações idiossincráticas na organização do espaço mental e não dá conta de toda a patologia de divisão egóica e de alterações da função e do funcionamento da consciência. Já na segunda tópica encontramos uma hipótese teórica que consegue articular divisões egóicas com relações intrapsíquicas e de objeto, homogeneizando o campo do psíquico, possibilitando assim muito mais flexibilidade interpretativa para a clínica. Esta é a base última da psicanálise kleiniana: n divisões egóicas; n relações entre as partes do ego; n divisões de objeto; n relações entre ego e objeto nas n divisões dos dois. Com o estudo das divisões do ego e das relações intra-psíquicas pensadas antropomorfizadamente, surge a questão de quem fala no paciente, ao mesmo tempo em que surge a generalização da fala intrapsíquica. Estes processos caracterizam o pensamento de Melanie Klein e o de outros, como Betty Joseph e Otto Kernberg, cujas técnicas levam o tempo todo em consideração a questão



da origem do discurso na estrutura psíquica do paciente”.

Gostaria de ressaltar agora, brevemente, dois conceitos centrais no pensamento de Melanie Klein: o de ‘mundo interno’ e o da pulsão de morte. A metafórica espacial que emerge de uma leitura da primeira tópica de Freud também está implícita no pensamento kleiniano na medida em que um conceito kleiniano fundamental é o de ‘mundo interno’. Constitue-se, como define Spillius (1983), numa “experiência subjetiva, largamente inconsciente, de ego e objetos, bons e maus, construídos através da constante operação de cisão, projeção e introjeção”. (p.92).

Klein (1946) considera que relações de objeto existem desde o início da vida, o primeiro objeto sendo o ‘seio da mãe’, que é cindido em ‘seio bom’ (gratificante) e ‘seio mau’ (frustrante), resultando numa separação de amor e ódio. A relação com este primeiro objeto implica em sua introjeção e projeção. Assim sendo, desde o início as relações de objeto são moldadas por uma interação entre introjeção e projeção, entre objetos internos e externos, entre situações internas e externas. Estes processos participam na construção do ego e do superego e preparam o solo para o início do complexo de Édipo durante a segunda metade do primeiro ano de vida. O ego primitivo tem várias defesas típicas, tais como os mecanismos de cindir o objeto e os impulsos, idealização, negação da realidade interna e externa e o enrijecimento das emoções.

Figueira (1992-c) chama a atenção para a concepção construtivista, gradualista das instâncias psíquicas na teoria kleiniana, em contraste com a concepção mais estruturalista de Freud e Lacan. Klein, em relação a Freud, está trabalhando no ‘aquém’ da estruturação e diferenciação psíquica, isto é, o ponto de partida de Freud seria o ponto de chegada de Klein. Ela está ‘aquém’ do Édipo como estruturante, pois parece que para ela não é possível entender o que o Édipo organiza no psíquico, sem saber o que havia antes.

Nesta primeira fase de desenvolvimento, denominada por Klein de ‘posição esquizo-paranoide’, os medos persecutórios podem ser muito fortes. Se por esta razão, entre outras, o bebê não consegue elaborar a posição esquizo-paranoide, a elaboração da posição depressiva fica por sua vez impedida. Esta falha pode

levar a diversos resultados, desde a psicose em casos de distúrbios do desenvolvimento mais sérios, até a escolha da neurose em situações mais brandas de perturbação do desenvolvimento. Neste sentido, mesmo que Klein não o explicita no artigo em questão, acredito podermos incluir também resultados de organização psíquica com características de perversão.

Klein em seu artigo segue dizendo que apesar de ter considerado que o resultado da posição depressiva depende da elaboração da fase precedente, ela no entanto atribui à posição depressiva um papel central no primeiro desenvolvimento da criança. Isto porque com a introjeção do objeto como um todo a relação de objeto do bebê é fundamentalmente alterada. A síntese dos aspectos amados e odiados do objeto completo leva a sentimentos de luto e culpa que implicam em avanços vitais na vida emocional e intelectual da criança.

Outro conceito central na abordagem de Klein é o de pulsão de morte. Klein concorda com Freud de que há uma vivência da pulsão de morte desde o princípio, que é sentida como uma ameaça de aniquilamento a partir de dentro, sendo conseqüentemente defletida para fora pelo ego ainda rudimentar. Só que Klein acredita que além disso, a pulsão de morte é projetada para dentro dos objetos externos. Para ela não é possível desvincular a pulsão do objeto no qual é investida. Spillius (1983) esclarece que: “...esta projeção implica sempre numa separação entre objetos internos bons dos maus e de aspectos bons dos maus do self... A esta formulação ela (Klein) acrescentou mais tarde a idéia de que a inveja primitiva é a derivada mais intratável e destrutiva da pulsão de morte - intratável porque ataca o objeto bom e assim danifica e deteriora os recursos internos e externos do ego. Interfere com a cisão inicial básica entre o bom e o mau objeto e entre os aspectos bons e maus do self.” (p.91)

A partir do modelo de funcionamento psíquico inaugurado pela segunda tópica e ampliado por Klein, podemos pressupor a existência das mais variadas formas de relacionamento entre as diversas partes do ego. Entre elas, formas de relacionamento perverso entre as partes do ego. Estes mecanismos perversos por sua vez vão invariavelmente manifestar-se na relação com o analista. Vejamos agora como diversos

autores, a partir dos modelos até aqui expostos, descreveram cada um a sua maneira as características da relação intrapsíquica entre as partes da personalidade. O intuito ao fazer isto é de facilitar a compreensão de onde se originam e como se processam as relações perversas entre partes do self. A maneira particular como cada autor descreve o funcionamento psíquico foi chamado de 'modelo de funcionamento psíquico'. Estes modelos servem como orientação durante a prática clínica. Eu farei um breve relato das concepções teóricas destes autores, relacionando-as com as decorrentes implicações para a prática clínica, enfocando os aspectos perversos, tentando em cada caso dar ênfase aos aspectos transferenciais.

### **3.0. Contribuições de outros autores para o estudo das relações perversas entre partes do self :**

#### **3.1. Rosenfeld:**

Rosenfeld (1971;1987-a,b) trouxe importantes contribuições para a compreensão do funcionamento psíquico, baseado na sua ampla experiência clínica com pacientes narcisistas. Neste sentido aprofundou a compreensão da relação entre narcisismo e pulsão de morte. Enfatiza que a pulsão de morte não pode ser observada em sua forma pura, seguindo a linha de raciocínio de Freud, uma vez que sempre se manifesta como um processo destrutivo dirigido contra objetos e o self. Observa que esses processos parecem atuar em sua forma mais virulenta em condições narcísicas graves. Introduce o conceito de fusão patológica para os processos em que, na mistura de impulsos libidinais e destrutivos, o poder dos impulsos destrutivos fica muito reforçado, enquanto na fusão normal a energia destrutiva fica mitigada ou neutralizada. Faz uma diferenciação entre os aspectos libidinais e destrutivos do narcisismo.

Quanto ao aspecto libidinal, Rosenfeld descreve em seu artigo 'Narcisismo Destrutivo e a Pulsão de Morte', como "...a supervalorização do self desempenha um papel fundamental, baseado principalmente na idealização do self. A idealização do self é sustentada por identificações projetivas e introjetivas onipotentes com objetos bons e suas qualidades. Desse modo, o narcisista sente que tudo o que é valioso, relacionado a objetos externos e ao mundo exterior, faz parte dele ou é onipotentemente controlado por ele." (p.139).

Um pouco mais adiante Rosenfeld continua: "... uma destrutividade manifesta torna-se evidente na relação analítica assim que a idealização onipotente do self do paciente é ameaçada pelo contato com um objeto que é percebido como separado do self. Tais pacientes sentem-se humilhados e vencidos pela revelação de que é o objeto externo que, na realidade, contém as qualidades valiosas que eles haviam atribuídos a seus próprios poderes criativos. Uma função primária do estado narcisista foi ocultar qualquer consciência da inveja e da destrutividade e poupar o paciente desses sentimentos". (p.140). Aqui está apresentada a função defensiva do narcisismo. Spillius enfatiza em seu artigo de 1983, como Melanie Klein deixa "...implícito em 'Envy and Gratitude' (1957), que ela considerava o narcisismo uma defesa contra inveja". (p.94). Spillius segue dizendo que "Segal (1981) sublinha a idéia de que o narcisismo é uma expressão da pulsão de morte e, ao mesmo tempo, uma defesa contra ela". (p.94). Rosenfeld em seu artigo continua dizendo: "Contudo, à medida que a análise chama a atenção do paciente para a existência desses desejos, diminuem seus sentimentos de ressentimento e de vingança por ter tido seu narcisismo onipotente roubado. A inveja pode então ser sentida conscientemente, e o analista pode ser gradativamente reconhecido como pessoa externa importante que pode ajudar". (p.140).

Quanto ao 'narcisismo destrutivo', Rosenfeld (1971) o descreve como uma 'organização' baseada na idealização das partes destrutivas e onipotentes do self, dirigida contra qualquer relação objetual libidinal e positiva e contra qualquer parte libidinal do self que sinta a necessidade de um objeto e o desejo de depender dele. Isto tem um efeito muito forte na prevenção de relações objetais dependentes e na manutenção de objetos externos permanentemente desvalorizados, o que explica a aparente indiferença do indivíduo narcisista em relação a objetos externos e ao mundo. Barros (1988), no prefácio à edição brasileira do livro de Rosenfeld - 'Impasse e Interpretação', chama a atenção para o fato de que no artigo de 1971, "Rosenfeld introduz a idéia de que o narcisismo destrutivo destes pacientes é mantido por uma 'organização' que funciona como uma 'gang' ou a 'máfia', dominada por um líder que vela para que os diversos aspectos destrutivos sejam mantidos intactos. Os impulsos destrutivos freqüentemente aparecem expressos



através de figuras benevolentes, protetoras, que prometem soluções rápidas e ideais para os problemas do paciente”. (p.22). Spillius (1983) diz que Rosenfeld e outros autores, ao usarem a palavra ‘organização’, estão “ênfatizando a permanência de padrões relativamente estáveis e estruturados de impulsos, ansiedades, defesas, e relações internas entre objetos e entre estes e o ego. Essas organizações se enraizam na personalidade em algum ponto entre as posições esquizo-paranóide e a depressiva; elas podem permitir diferentes alterações e em alguns momentos dar a impressão de crescimento, mas são, na verdade, profundamente resistentes à mudança”. (p.92).

Acredito que temos na descrição do ‘narcisismo destrutivo’ de Rosenfeld um exemplo claro de como determinados aspectos do self podem comportar-se de maneira perversa com outras partes deste mesmo self. Na medida em que há uma idealização das partes destrutivas e onipotentes do self, aquilo que é intrinsecamente deletério para o crescimento psíquico, é tido como bom. Está aqui a versão (de per-verter) do mau em bom. Aquilo que poderia ser bom, como a ligação libidinal a um objeto, passa a ser ameaçador à hegemonia da parte destrutiva. Mas em função do próprio mecanismo perverso relacionado com a idealização das partes destrutivas e onipotentes do self, o sujeito provavelmente nem tem consciência da ameaça, mas sente somente desdém ou aparente indiferença. Esta transformação do bom em mau é ainda mais patente quando observamos como os impulsos destrutivos freqüentemente aparecem expressos através de figuras benevolentes e protetoras. No caso, muitas vezes, a própria ‘organização’ assume este papel protetor, pois na medida em que o ‘sujeito’ (a parte libidinal do self) se submete a ela, tem à mão supostas soluções rápidas e ideais para seus problemas. O paralelo com organizações criminosas como a máfia ou marginais como as gangues encontradas em grandes metrópoles chama a atenção.

Rosenfeld, em seu artigo ‘Narcisismo Destrutivo e a Pulsão de Morte’, publicado no seu livro acima citado, descreve como este por ele assim chamado ‘narcisismo destrutivo’ manifesta-se na relação analítica: “Considero que o desenvolvimento e a perpetuação de relações objetais onipotentes e narcisistas na idade adulta são encontrados comumente em pacientes que

resistem muito ao tratamento analítico. Frequentemente, eles reagem à análise com autodestruição profunda e persistente. Nesses pacientes, os impulsos destrutivos tornaram-se desfundidos (desligados), de modo que dominam toda a personalidade e todos os relacionamentos que o paciente possui. Na análise, esses pacientes expressam seus sentimentos de uma forma apenas levemente disfarçada, depreciando o trabalho do analista por meio de indiferença persistente, de comportamento ardiloso e repetitivo e às vezes de franco menosprezo. Desse modo, eles afirmam sua superioridade sobre o analista (que representa a vida e a criatividade) desperdiçando e destruindo o trabalho, a compreensão e a satisfação deste. Sentem-se superiores ao conseguirem controlar e conter as partes de si mesmos que querem depender do analista como pessoa que os ajuda. Comportam-se como se a perda de qualquer objeto de amor, inclusive o analista, os deixasse indiferentes e até provocasse um sentimento de triunfo. Esses pacientes sentem ocasionalmente vergonha e um pouco de ansiedade persecutória, mas apenas uma culpa mínima, porque uma parcela muito pequena de seu self libidinal é mantida viva para se preocupar” (pág.143)

### 3.2. Steiner:

Steiner traz uma contribuição importante para ampliar a compreensão da organização narcísica-destrutiva. No seu artigo ‘Relações perversas entre partes do self: um exemplo clínico’, de 1981, ele relata material de uma análise cuja principal dificuldade era conseguir estabelecer um contato significativo com o paciente, apesar da aparente colaboração deste. Steiner observa que neste paciente tanto a parte construtiva como a destrutiva continham ambas algumas partes boas e algumas partes más do self. “Este fato, por um lado, mascarava a natureza essencialmente destrutiva da organização narcísica e, por outro lado, permitia que elementos perversos se associassem com o self libidinal que mantinha o pacto corrupto”. O que ele enfatiza é a existência de uma relação perversa, onde a parte tida como saudável do self, na medida em que contém algumas partes más do self, é conivente e deixa-se deliberadamente dominar pela organização destrutiva narcísica. Ele considera ingênuo acreditar que existe um pobre coitado de um self inocente e bonzinho



capturado pelas garras de uma organização maléfica. Sua observação o levou a concluir que existe uma continuidade de grau de malignidade da organização narcísica-destrutiva. Para ele toda pessoa tem um aspecto primitivo destrutivo do self e um self saudável, entrelaçados de forma mais ou menos favoráveis a uma integração construtiva.

Isto tem implicações importantes para a prática clínica, pois o analista pode se deparar, quando menos o espera, com sutis e discretos aspectos perversos em seu paciente tradicionalmente neurótico. Steiner dá um exemplo disto, quando afirma que “um aspecto importante da perversão é a maneira como se cria uma confusão quando o paciente age como se não tivesse nenhuma compreensão, mas ao mesmo tempo, parece de fato ter uma compreensão considerável que é ignorada. A parte dependente do self pode estar sofrendo uma enorme pressão para ignorar a verdade, mas em alguma medida permite intencionalmente deixar-se seduzir”. (p.258) Ele sugere que “as relações internas do paciente são externalizadas na transferência e se expressam como uma pressão sobre o analista para que entre em convivências perversas. Entretanto, elas também são perceptíveis nos sonhos, associações e fantasias do paciente, que muitas vezes ajudam o analista a compreender o que está acontecendo e a evitar atuações com o paciente”. (p.258)

### 3.3. Joseph:

Betty Joseph começa seu artigo ‘O paciente de difícil acesso’, (1975), dizendo: “pretendo concentrar-me em alguns problemas da técnica, focalizando um determinado grupo de pacientes muito diversificado em sua psicopatologia mas que apresentam em análise um ponto importante em comum. É muito difícil atingi-los com interpretações e, portanto, oferecer-lhes compreensão emocional verdadeira”. (Grifo meu, p.75). Grifei o trecho acima por considerar que se aplica ao tema central deste trabalho, que consiste em demonstrar a existência de um aspecto comum, a perversão, em um grupo diversificado de pacientes quanto a sua psicopatologia, compreendendo como isto pode se manifestar na transferência. Volto a ressaltar que estou usando o termo perversão no sentido que Steiner (1981) o usa, ou seja, para me referir principalmente a uma distorção ou perversão da verdade.

Joseph observa neste grupo de pacientes uma “cisão dentro da personalidade, de maneira que uma parte do ego é mantida à distância do analista e do trabalho analítico”. (p.75). A parte do ego que se relaciona com o analista ela chama de ‘parte pseudo-cooperativa do self’, mas que na verdade impede um acesso à parte realmente necessitada do paciente. Diz que algumas vezes a parte pseudo-cooperativa, que é muito atenta e observadora de tudo que o analista faz ou deixa de fazer, “emerge claramente como a parte perversa, que usa o trabalho interpretativo para fins de excitação perversa. Estes pacientes provocativamente ‘compreendem mal’ as interpretações, tomam as palavras fora do contexto e tentam perturbar ou provocar o analista”. (p.80). Ela lembra ao analista que tenha consciência e não esqueça de que a parte necessitada existe no paciente, pois pode ficar por longos períodos fora de alcance na análise, para que aumente sua capacidade de tolerar os violentos acting-out da parte perversa. Para tanto também é necessário que o analista tenha consciência da parte perversa, para poder reconhecê-la e lidar adequadamente com ela.

Podemos ter por esta colocação, quanto a ter consciência de duas partes do self do paciente ao mesmo tempo, uma idéia de como é complexo o estilo clínico de Joseph. Quem alerta para este aspecto é Figueira (1988-a, 1988-b). Ele chama a atenção por exemplo para a concepção de espaço com que Joseph trabalha, onde o analista precisa saber em que camada de vivência está o material que o paciente apresenta. Isto é, o analista precisa sempre ter em mente com qual parte do self do paciente ele está em contato ao interpretar. Outro aspecto do estilo técnico de Joseph que emerge é a importância do contato com o paciente. Ela ressaltava a importância de “encontrar um meio de entrar em contato com as necessidades e a ansiedade do paciente, de uma maneira tal a tornar mais da personalidade disponível e eventualmente propiciar uma maior integração do ego”. (1975, p.75; grifo meu.). Segundo ela, esta mudança pode ocorrer quando fazemos contato com, e propiciamos à parte necessitada do self a vivência de ser compreendido, em oposição a ‘receber’ compreensão, que é o que a parte pseudo-cooperativa faz.

### 3.4. Meltzer:

As idéias de Meltzer (1973-a,-b) se sobrepõem parcialmente com as de Rosenfeld quanto à descrição do 'narcisismo destrutivo'. Meltzer propõe uma 'revisão estrutural da teoria das perversões e dos vícios'. (Meltzer, 1973-a). Começa definindo vício como "um tipo de organização narcísica das estruturas infantis que enfraquece e pode até substituir totalmente a parte adulta da personalidade no controle do comportamento. Sua estrutura central consiste no processo pelo qual as 'boas' partes infantis abandonaram sua dependência das figuras parentais, voltando-se para a parte 'má' do eu, inicialmente como uma fuga da dor depressiva para a posição paranóide-esquizóide, mas especificamente como uma defesa contra a experiência do terror em relação aos bebês-internos da mãe que morreram por causa dos ciúmes possessivos, da rivalidade edípica e do medo do desmame. A estrutura interna do vício consiste num escravizar-se a um modo de pensar cínico que profana os objetos bons e, ou os expõe (mania), ou os enterra nas fezes (repressão). Basicamente, a dependência dos objetos bons é substituída pela passividade em relação às partes más do eu, num estado mental de desespero. No processo dessa rendição, toda a dor mental relacionada à série contínua esperança-desespero é removida. É essencial que se reserve o termo passividade para este tipo patológico de relacionamento, para que não seja confundido com as muitas variedades de dependência, fé ou desamparo que fazem parte dos bons relacionamentos, tanto adultos quanto infantis." (p.152) Meltzer continua um pouco mais adiante relacionando vício com perversão: "A estrutura interna do vício pode encontrar expressão perversando qualquer tipo de relacionamento ou atividade no mundo externo. Sugiro aqui que se encare assim o sentido geral do termo perverso, como base para uma aplicação específica. Não há atividade humana que não possa ser perversa, já que a essência do impulso perverso é a transformação do bom em mau, preservando ao mesmo tempo a aparência de bom..." (pp.152-153, grifo meu). Meltzer descreve ainda como a parte má do eu procura subverter a parte boa do eu, "utilizando para isto de todos os meios disponíveis: sedução, ameaça, coerção, confusão, intolerância das partes boas à dor depressiva, à separação, aos ciúmes, etc." (p.153).

Podemos imaginar como isto vai se manifestar na transferência! Meltzer descreve 'a perversão da transferência'. (Meltzer, 1973-b). Afirmo que aqueles pacientes nos quais a perversão ou o vício tem um papel importante em sua psicopatologia tentarão, "em determinadas fases do processo psicanalítico, tirar o analista de seu papel habitual e converter todo o procedimento em algo que tem a estrutura de sua tendência perversa ou viciosa". (p.156). Diz que em função da extrema sutileza com que o paciente pode fazer isto, o analista freqüentemente só percebe que o processo analítico foi subvertido, quando já é tarde demais. Nestes casos a análise desenvolve-se de forma estéril, sendo a esterilidade a *raison d'être* de toda perversão. (Etchegoyen, 1978). Meltzer sugere que a melhor forma de evitar uma evolução destas é prevenir-se, armando-se de uma compreensão e delineação do problema do vício e subseqüentemente da perversão. Aqui vemos uma semelhança da postura técnica de Meltzer com a de Betty Joseph.

Estudamos alguns modelos de funcionamento psíquico que permitem compreender a perversão detectada na transferência como uma exteriorização de aspectos perversos entre partes do self. Isto nos permitiu detectar a presença de aspectos perversos em pacientes que não se incluem no grupo dos que tradicionalmente, vamos dizer assim, são tidos como sendo pacientes perversos. Em pacientes francamente perversos estas relações perversas entre partes do seu self evidentemente ocuparão uma posição central e de grande peso na sua psicopatologia, com as conseqüências para a relação analítica descritas acima por Meltzer. Poderíamos posicionar estes pacientes com funcionamento psíquico marcadamente perverso em um extremo de um continuum onde na extremidade oposta estariam os pacientes com sutis e discretos aspectos perversos, como descritos por Steiner, pacientes estes classificados como neuróticos talvez, do ponto de vista fenomenológico, mas nunca como perversos. Ao meu ver, a compreensão da perversão segundo o prisma das relações de objeto, baseada numa concepção construtivista e gradualista das instâncias psíquicas, em contraste com uma concepção mais estruturalista, permite ao analista uma maior flexibilidade interpretativa e uma maior eficácia clínica com esta gama de pacientes diversos. Apresentarei agora uma



contribuição de um autor com uma abordagem mais estruturalista para o estudo da perversão. Faço-o no sentido de criar um contraponto ao até aqui exposto, permitindo assim algumas reflexões finais, antes de apresentar um caso clínico ilustrativo.

#### 4.0. Etchegoyen e a 'perversão de transferência' - uma crítica:

Etchegoyen (1977) traz uma contribuição interessante à compreensão das perversões. Suas observações o levaram a concluir, que o paciente perverso não sente o 'chamado' dos instintos (call of instincts), comunicando-se somente com seu corpo por intermédio do seu intelecto. Ele supõe que é basicamente inveja entrelaçada com um sentimento de culpa que levam o paciente perverso a tomar consciência dos seus instintos não como desejo, mas como ideologia. Conseqüentemente, o perverso teria uma visão 'ideológica' da vida sexual, manifestada sempre num tom polêmico e de rebelião. A polêmica para o perverso é vital, com a qual tentará exaustivamente e, com grande potencial criativo, envolver o analista. Isto concomitantemente a uma erotização da transferência, outra característica do mecanismo perverso. Isto dá uma idéia da complexidade e do grau de 'dificuldade' que estes pacientes oferecem ao trabalho do analista. "O perverso rejeita a 'Lei do Pai' no sentido da aceitação da ordem simbólica que sanciona a diferença entre os sexos, substituindo-a pela lei do seu próprio desejo". (cf. Etchegoyen) Assim toda a transferência está impregnada com uma nota de desafio.

Outra discussão levantada por Etchegoyen é a relação entre perversão e psicose. Ele não concorda plenamente com o ponto de vista de que a perversão é uma simples defesa contra a psicose. Sugere que a perversão pode tanto ser uma defesa contra a psicose, como uma das suas causas. Explica que o paciente perverso que vive num mundo de alucinações negativas na medida em que renega (verleugnet) a castração, sofre de uma sensação de enlouquecimento, à medida em que retoma o contacto com a realidade. A loucura emerge de um recontacto com a realidade. Neste sentido a perversão não seria uma defesa contra a psicose, mas a psicose ela própria. Etchegoyen alerta para ter em mente esta distorção particular, para não cometer erros técnicos que confirmam o paciente perverso na sua crença de que a análise é uma forma sutil de indocinação.

Etchegoyen propõe no referido artigo a tese de que a perversão, sendo uma entidade clinicamente definível e distinta, representa um tipo particular de transferência, que se desenvolve durante o tratamento psicanalítico. Denomina este tipo particular de transferência de 'perversão de transferência' (do inglês *transference perversion*), enquadrando-a na mesma categoria técnica da neurose de transferência e da psicose de transferência. Esta 'perversão de transferência' precisa necessariamente estabelecer-se na relação analítica, tendo as características acima descritas, para que possa ser resolvida. Argumenta que trabalhar com o conceito técnico de 'perversão de transferência', nos possibilita estudar estes pacientes perversos sem colocá-los num leito de Procrusto.

Suponho que com isto Etchegoyen deseja dizer que, ao não abordarmos os pacientes perversos segundo o prisma das neuroses ou das psicoses, que criam cada uma relações transferenciais específicas, teremos criado um campo novo que permite estudar os pacientes perversos sem o bias específico dos outros dois campos. Acredito contudo que, exatamente ao delimitar este campo - perversão como entidade clinicamente independente, representando assim uma categoria particular de transferência - , Etchegoyen paradoxalmente pode ter criado um leito de Procrusto, que limita a flexibilidade do raciocínio clínico, criando assim um risco ao trabalho analítico. O risco consiste em que esta categorização pode induzir o analista a raciocinar de forma rígida com um determinado paciente, que ele 'catologou' como perverso, segundo as características particulares do que Etchegoyen denominou de 'perversão de transferência'. Isto funcionará muito bem enquanto o paciente funciona de forma perversa. Mas terá o analista hipotético suficiente flexibilidade para mudar seu referencial assim que este paciente apresentar eventuais aspectos psicóticos ou funcione de uma forma neurótica?! Tendo isto em mente, a contribuição de Etchegoyen é valiosa, na medida em que caracteriza um tipo particular de transferência, que funciona assim como referência ao analista quando este se depara com aspectos perversos na relação analítica.

Termino por aqui a explanação de alguns aspectos teórico-clínicos relacionados com a manifestação de perversão na transferência durante o curso de um





tratamento analítico. Ative-me à visão particular segundo a teoria das relações de objeto, trazendo autores que contribuíram neste sentido, sem evidentemente ter esgotado o tema. Questionando-me sobre onde estaria a originalidade deste trabalho, deparo-me com o quanto é difícil ser original em psicanálise. Talvez a originalidade esteja simplesmente na seqüência das articulações que fiz e em um ou outro comentário. Gostaria agora de fazer um breve relato clínico de uma seqüência com uma paciente de análise, onde aparecem aspectos destrutivos perversos, no sentido de ilustrar o até aqui exposto. Quero de antemão deixar claro que não se trata de uma paciente que pudesse ser considerada como sendo um caso de perversão. Trata-se de uma paciente que a grosso modo faz pensar em uma neurose histérica como classificação nosológica. Como no decurso da sua análise surgiram evidências de funcionamento perverso de partes do seu self, que acabavam comprometendo a paciente em vários aspectos da sua vida e que puderam ser detectados na transferência, julguei o caso bastante ilustrativo para o presente trabalho.

##### 5.0. Relato de um caso clínico:

Trata-se de uma mulher com pouco mais de 50 anos, casada, com dois filhos adulto-jovens, advogada de profissão. Após uma psicoterapia anterior com duração de sete anos e uma pausa de alguns anos procurou análise motivada basicamente pelas mesmas queixas que a levaram a buscar ajuda na primeira vez. Queixava-se de não conseguir se estruturar, repetindo sempre os mesmos esquemas sem conseguir progredir. Isto repercutia em todas as áreas da sua vida, afetando principalmente sua vida afetiva e profissional. Estava em crise crônica com o marido. Profissionalmente, apesar de exercer a profissão há mais de vinte anos, ainda não havia conseguido se firmar. Colecionava fracassos profissionais, tendo se associado a diversos escritórios de advocacia, mas sempre se vendo obrigada a sair por perder sua credibilidade perante seus clientes e colegas. Na época em que se situa este relato, estava há três anos no mesmo escritório, onde também vinha se desenvolvendo o mesmo esquema. Sua atuação (uso este termo aqui deliberadamente em sentido duplo) e desempenho no trabalho era pois tema recorrente nas sessões. Nos primeiros 18 meses da análise muitas vezes ela chegava na sessão referindo

sentir-se 'em pedaços', me pressionando na transferência para que eu a integrasse novamente. Eu sentia como se tivesse que 'catar os pedaços' dela e juntá-los novamente. Nestes momentos provavelmente eu estava recebendo por identificação projetiva a parte da paciente capaz de se organizar de forma construtiva, que era inacessível para ela. Muitas vezes estes momentos eram desencadeados pela perda de um cliente ou por temer que cometeu algum erro num caso e por conseguinte sofrer conseqüências desastrosas. Em outros momentos ficava desesperada, correndo atrás de mil compromissos, acabando totalmente exausta e perdendo qualquer esperança de que um dia pudesse organizar sua vida e ganhar independência. Às vezes melhorava um pouco, fazendo um esforço obsessivo para se organizar, somente para novamente meter as mãos pelos pés, acabando com uma sensação de ter voltado à estaca zero. Havia um paralelo entre estes aspectos da esfera profissional da sua vida, com suas tentativas igualmente mal sucedidas de melhorar a relação com o marido.

Vou relatar agora material de três sessões, que ocorreram por volta de dois anos de análise. A paciente na época estava muito empenhada em analisar em detalhes sua relação com seus clientes, bem como a relação com seu marido, numa tentativa de melhorar ambas. Neste material, principalmente nos sonhos, é possível detectar aspectos perversos do self em ação. Sua presença nos permite compreender a dificuldade da paciente de sair do 'esquema' acima descrito.

A paciente descreve numa sessão como teve vontade de segurar a mão do marido durante um passeio. Perguntou então se ele queria lhe dar a mão. Ele respondeu: "Se você quiser". Interpretou como desinteresse dele e ficou com raiva. Segurou então a mão dele de forma propositalmente frouxa, para demonstrar que não se importava. Por fim acabou brigando com o marido e ficou com medo que ele quisesse se separar. Fala muito e de forma ininterrupta durante metade da sessão, até fazer uma pausa. Como eu fico em silêncio, ela se questiona se falou demais. Sugiro que está preocupada com o tipo de contato que está fazendo comigo: se está fazendo da forma correta, se eu aprovo. Ou se, de repente, apesar da intenção primeira de proximidade, ela faz tudo errado e acaba me afastando.

Na cena com o marido na missa surge inicialmente o desejo de proximidade, provavelmente relacionado com a parte dependente, necessitada dela. Mas a situação é transformada, provavelmente por medo de ser rejeitada, e por fim se inverte, prevalecendo um aspecto indiferente às próprias necessidades. Podemos detectar aqui uma cisão entre uma parte mais dependente, necessitada da paciente e outra que afasta e se diz indiferente e superior.

Na mesma sessão ela relata um sonho, “onde aparecem quatro crianças em torno de uma piscina. Uma delas é um dos seus filhos quando pequeno. É o mais forte dos quatro. Uma das crianças é muito fraquinha, ficando de quatro como cachorro. A paciente vai para um outro lugar e quando volta a criança com postura de cachorro estava no fundo da piscina. A paciente fica muito assustada e corre para chamar a mãe desta criança, pensando em como lhe dizer que o filho dela estava no fundo da piscina”. A paciente praticamente não faz associações em torno do sonho. Ressalta seu estranhamento perante a figura da criança com postura de cachorro e sua angústia quando encontra esta no fundo da piscina, chegando a acordar.

Podemos considerar que esta criança fraquinha representa sua parte infantil, mais necessitada, que tem sido mal cuidada, por isto fraquinha. A associação com cachorro e a oposição com o filho criança e forte pode evidenciar uma ambivalência em relação a esta parte infantil. Sugere uma ansiedade inconsciente quanto aos sentimentos infantis. O número quatro que surge duas vezes - quatro crianças e ficar de quatro - nos faz pensar no enigma da esfinge: a criança no início da vida engatinha. Quatro no sonho podendo estar para aspectos iniciais do desenvolvimento do self.

A paciente me conta em uma das sessões que se seguiram que iniciou uma série de aulas sobre interpretação de textos para aprender a pensar.

Aproximadamente duas a três semanas após o relato do sonho acima inicia uma sessão contando que anda muito cansada, que deseja se respeitar mais e ser mais respeitada, relatando então o seguinte sonho: “Há um bando de ladrões e bandidos que fazem com que tenha que colaborar com eles para dar um golpe ou roubar algo. Eles a ameaçam caso não queira colaborar com

eles. O chefe deles a obriga a chamar um taxi para que possam aplicar um golpe e depois fugir. Sente-se coagida sem poder reagir ou mesmo fugir. Tem de passar por baixo de um arame farpado para chegar no local onde há taxis. No caminho fica ansiosamente torcendo para que apareça a polícia e a salve. Esta contudo não aparece e ela volta com um taxi para buscar o bando. O chefe senta ao lado dela no taxi. Ele é o mais bem apresentado do bando, veste-se de executivo, sendo ele que faz os contatos com as pessoas que vão sofrer o golpe. A paciente chega a achá-lo ‘bonitinho’, ao mesmo tempo que sente que há uma distância enorme entre os dois. Daí a pouco estão no aeroporto para pegar um avião e fugir do país. O plano tinha dado certo em tudo, tipo crime perfeito. O chefe do bando passa primeiro pelo controle da polícia federal. Quando ela passa, o policial pede sua declaração do imposto de renda. Este documento ela não tem. Falha aí o crime perfeito e a polícia os descobre. Ela fica angustiadíssima por ser descoberta e acorda”

Nesta mesma sessão relata uma discussão com o marido, onde sentiu-se insultada por ele jogar na cara de que ela não pensa, de que tem cabeça somente para usar cabelo. Isto a tocou sensivelmente, ainda mais que nesta época em várias sessões analisávamos como ela desenvolvia seu trabalho quando assumia um novo caso jurídico de um cliente. Ela ou se lançava no caso sem refletir muito sobre suas diversas implicações, ficando totalmente desorientada a certa altura do desenvolvimento; ou então ela começava de forma mais metódica, mas na primeira dificuldade ficava igualmente perdida. Em ambas as situações, entrava em estados de grande angústia e confusão, tendo que recorrer aos colegas para orientação. Ficava então profundamente insegura e o cliente acabava procurando um outro profissional, geralmente um dentre seus colegas de escritório. Ainda na mesma sessão conta como passou o domingo fazendo contas e estudando; contas para organizar seu orçamento, onde encontrava dificuldades inclusive para pagar a análise, que ficava ameaçada na sua continuidade; estudando para organizar seu pensamento.

A partir deste material clínico podemos detectar na paciente aspectos perversamente destrutivos, que envolvem e acabam controlando aspectos mais



construtivos nela. Este sonho contém elementos muito semelhantes aos que levaram Rosenfeld a sugerir que o narcisismo destrutivo de certos pacientes é mantido por uma organização que funciona como uma 'gangue', dominada por um líder, que vela para que os aspectos destrutivos sejam mantidos intactos. No caso, a força destrutiva é tal, que a paciente, neste momento identificada com a parte mais construtiva, inicialmente se sente coagida e sem possibilidade de reagir. Quando vai buscar um taxi, a polícia, representante do superego, não aparece. Sem o superego, a parte mais construtiva do self deixa-se seduzir pela parte mais destrutiva, que se apresenta com 'boa aparência', parecendo-se mais com um executivo. Está aqui manifestada a perversão no sentido que estou usando - há uma distorção ou perversão da verdade, onde a organização destrutiva é representada por um líder 'bem apresentado'. Fica nítida no sonho a convivência da parte mais saudável do self no sentido de deixar-se dominar pelo bando, na medida em que acha o chefe 'bonitinho'. (cf. Steiner). Contudo, ao achá-lo bonito, sente concomitantemente que há uma grande distância entre ambos. Poderíamos entender isto como a cisão que separa as partes boa e má do seu self. A paciente, ou o seu self saudável, fica totalmente identificado com a parte destrutiva, participando do golpe contra os aspectos construtivos - o crime é perfeito. Tanto é que a paciente, ao ser descoberta pela polícia, - agora sim aparece o superego de forma externalizada -, em vez de ficar aliviada por ser salva como desejava no início, fica apavorada por ter sido descoberta. O crime perfeito portanto tem uma falha: Em função da intensa submissão do self saudável à organização narcísica, não pôde aparecer o aspecto mais construtivo e dependente da paciente, que permaneceu no ostracismo e sem dúvida nenhuma precisa de ajuda. É esta a identidade que falta à paciente, portanto ela não tem o documento pedido pela polícia/superego. Um documento aliás - declaração do imposto de renda - onde a paciente tem que prestar contas. Pode representar a contabilidade ou balanço da sua vida.

Na transferência estes aspectos também se evidenciam. A paciente aparentemente se mostra muito colaboradora em análise. Observamos contudo que em alguns momentos quando atingia uma maior

integração, ela não mantinha estes estados por muito tempo, resvalando novamente para sua confusão e desespero, lembrando uma reação terapêutica negativa. Há um paralelo aqui com seu desempenho como profissional. A paciente é uma mulher inteligente com boa percepção. Ela própria contudo não confia na sua percepção, o que a deixa sem parâmetros internos. Também não faz uso adequado da sua inteligência. Parece que a função egóica de pensamento racional desaparece a determinados momentos. Geralmente quando poderia significar algum progresso. Tenho a impressão de que nestes momentos a parte mais perturbada e sádica dela apodera-se desta capacidade do ego de pensar, fragmentando-a. Faz-me lembrar do *minute splitting* de Bion (1957). A paciente contudo não fica psicótica nestes momentos, somente terrivelmente confusa e agitada, sofrendo bastante com isto. Na sessão em questão inclusive, quando mostro alguns dos aspectos discutidos aqui, ela acaba ficando um pouco confusa.

Na sessão seguinte a paciente inicia dizendo que precisa sair cinco minutos mais cedo da sessão para honrar um compromisso com um cliente novo. Relata então um sonho, "onde um passarinho sai de dentro dela ou de alguma maneira se desprende dela. O passarinho voa e pousa na mesa, quando ela percebe que ele está com a perna machucada ou quebrada. Quer cuidar dele, mas, de alguma maneira que ela não sabe como, ela se distrai e de repente o passarinho não está mais lá. Ele desapareceu e ela não sabe para onde". Nas suas associações relaciona o passarinho a uma parte infantil dela. Chama atenção para o fato de ter sentido ele se desprendendo dela, podendo ela olhar para ele.

Fala em seguida do esforço que tem realizado para se organizar, mas como no fim acaba se atrapalhando toda. Diz aliás que ontem foi um dia atrapalhado, tendo sido assaltada juntamente com sua mãe ao aguardar num cruzamento. Foi por pura imprudência sua, como diz, pois sabia que assaltos eram frequentes naquele local e apesar disso ela portava jóias e estava com a janela do carro aberta. Como o bandido não mostrou nenhuma arma ao cobrar as jóias, ela por um instante hesitou em entregá-las. Mas mais preocupada da sua mãe levar um tiro do que ela, acabou passando as jóias. No escritório brincou sobre o episódio com

suas colegas: De que andava meio desleixada e para parecer mais chique portava jóias, mas que agora estava a zero. Todas se riram dela. Esta forma atrapalhada da paciente e sua maneira de se glosar constituía uma característica dela. Continua dizendo que o mais importante agora é não mais ser atrapalhada e relata como procedeu de forma metódica e refletida com um cliente, ficando ambos satisfeitos.

Apontei como ela parecia estar contente com esta sua evolução quanto a conseguir trabalhar de forma mais eficiente. Interpretei como de fato ela parecia poder olhar melhor para aquilo que nela precisava de ajuda, só que novamente algo acontece que faz com que ela se 'atrapalhe' e assim acabe não conseguindo cuidar do que está quebrado ou machucado. Vemos aqui novamente sua parte perversa em ação impedindo o contacto com sua parte mais necessitada. Esta última surge como o passarinho machucado no sonho, despertando um sentimento positivo, de aceitação. Ao mesmo tempo que não é muito preocupante, pois está representada por um passarinho, 'bonitinho', frágil, que tem a perna quebrada, mas voa. A reação provavelmente seria diferente se aparecesse representado por algo mais preocupante. Isto leva a crer novamente na questão do conluio entre a parte construtiva e a destrutiva, onde o destrutivo se mescla com a parte construtiva mais necessitada, disfarçando a gravidade da situação. No comportamento da paciente isto aparece pela forma como ela se glosa e faz piadas sobre si mesma, transformando o que poderia ser um problema em algo que lhe traz ganhos secundários - reconhecimento social como a atrapalhada engraçada com quem as pessoas se identificam passando a cuidar dela. Está aqui em curso um aspecto perverso, no sentido de transformar algo que a princípio é grave em algo risível, tentando inclusive na transferência me levar a acreditar nisto, para que entre em conluio com ela.

A paciente conta então que ela tem medo de se tornar uma pessoa 'séria', mas ao mesmo tempo pedante, fria, chata e árida, caso deixe este seu lado atrapalhado brincalhão de lado. Receia ficar sem identidade, ficar vazia. Percebemos aqui a força dos aspectos destrutivos e de como aparecem de forma disfarçada, dando à paciente a ilusão de que em sendo assim ela terá reconhecimento e sucesso. Só que na prática ela foi

roubada, ficando 'a zero', correndo o risco de levar um tiro, além de não ter até hoje conseguido se firmar profissionalmente. A paciente parece ter um insight, relacionando isto com a crise no casamento, onde o marido acaba não respeitando-a.

Passa então a falar de um sentimento de tristeza ao pensar que para amadurecer precisa rever este seu jeito de ser. Descreve que se sente como se estivesse numa balsa que atravessa de um lado para outro, afagando a cabeça de uma criança e triste de ter que se despedir dela. Podemos pensar que talvez neste final de sessão a paciente esteja vivendo uma certa elaboração da sua posição depressiva.

Termino por aqui o relato de alguns aspectos do material de análise desta paciente. Não pretendi aqui discutir o caso como um todo. Limitei-me simplesmente a enfocar aqueles aspectos de uma determinada fase da análise desta paciente, que julguei serem ilustrativos para exemplificar o que foi discutido no presente trabalho. Ou seja, como aspectos destrutivos perversos do self podem surgir numa análise de um paciente supostamente não perverso. Tentei enfocar também os aspectos transferenciais envolvidos. Tudo isto segundo o prisma da teoria das relações de objeto. Ressalto também que as hipóteses levantadas para compreender a psicopatologia da paciente e sua dinâmica funcionaram como hipóteses de trabalho necessárias e úteis para as passagens descritas. Como em todo labor clínico-científico precisam evidentemente ser corroboradas à medida que o trabalho analítico evolui e eventualmente serem substituídas por outras que melhor expliquem os eventos.

## 6.0. BIBLIOGRAFIA:

- Bion, W.R. (1957). Diferenciação entre a personalidade psicótica e a não psicótica. Em Estudos psicanalíticos revisados. Rio de Janeiro, Imago Editora Ltda., 1988.
- Etchegoyen, R.H. (1977). Some thoughts on transference perversion. *Int.J.Psycho-Anal.*(1978)59: 45-53.
- Figueira, S.F. (1988-a). Porque o estilo clínico de Betty Joseph é difícil. Palestra realizada na Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro em 16 de junho de 1988.
- Figueira, S.F. (1988-b). A ambigüidade "ego-self" em Freud como uma das bases conceituais do estilo técnico de Betty Joseph. Palestra realizada na Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro em 6 de julho de 1988.



- Figueira, S.F. (1992-a). Estudo comparativo e introdutório do modelo de psiquismo em Freud - Primeira Tópica. São Paulo, Curso Mapeando o Psiquismo. Seminário realizado em 11 de abril de 1992.
- Figueira, S.F. (1992-b). Estudo comparativo e introdutório do modelo de psiquismo em Freud - Segunda Tópica. São Paulo, Curso Mapeando o Psiquismo. Seminário realizado em 9 de maio de 1992.
- Figueira, S.F. (1992-c). Estudo comparativo e introdutório do modelo de psiquismo em Melanie Klein. São Paulo, Curso Mapeando o Psiquismo. Seminário realizado em 13 de junho de 1992.
- Freud, S. (1915). *Das Unbewusste*. Studienausgabe Band III. Frankfurt am Main, Fischer Taschenbuch Verlag, 1982.
- Freud, S. (1933). *Die Zerlegung der Psychischen Persönlichkeit*. In *Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*. Studienausgabe Band I. Frankfurt am Main, Fischer Taschenbuch Verlag, 1982.
- Hinselwood, R.D. (1991). *Dicionário do pensamento kleiniano*. Porto Alegre, Editora Artes Médicas, 1992.
- Joseph, B. (1969). A clinical contribution to the analysis of a perversion. M.Feldman & E.B.Spillius (eds), *Psychic equilibrium and psychic change*. Selected papers of Betty Joseph. London and New York, Routledge, 1989.
- Joseph, B. (1975). The patient who is difficult to reach. M.Feldman & E.B.Spillius (eds), *Psychic equilibrium and psychic change*. Selected papers of Betty Joseph. London and New York, Routledge, 1989.
- Joseph, B. (1982). Addiction to near-death. M.Feldman & E.B.Spillius (eds), *Psychic equilibrium and psychic change*. Selected papers of Betty Joseph. London and New York, Routledge, 1989.
- Klein, M. (1946). Notes on some schizoid mechanisms. R.Money-Kyrle (ed), *Envy and gratitude and other works 1946-1963*. New York, The Free Press, 1975.
- Laplanche, J./ Pontalis, J.-B. (1967). *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo, Livraria Martins Fontes Editora Ltda., 1986.
- Meltzer, D. (1973-a). Revisão estrutural da teoria das perversões e dos vícios. Em 'Os estados sexuais da mente'. Rio de Janeiro, Imago Editora Ltda., 1979.
- Meltzer, D. (1973-b). A perversão da transferência. Em 'Os estados sexuais da mente'. Rio de Janeiro, Imago Editora Ltda., 1979.
- Rosenfeld, H. (1971). Uma abordagem clínica para a teoria psicanalítica das pulsões de vida e de morte: uma investigação dos aspectos agressivos do narcisismo. E.B.Spillius (ed), *Melanie Klein hoje*. Desenvolvimento da teoria e da técnica. Volume 1: Artigos predominantemente teóricos. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1991.
- Rosenfeld, H. (1987-a). Pacientes narcisistas com reações terapêuticas negativas. D.Tuckett (ed), *Impasse e interpretação*. Rio de Janeiro, Imago Editora Ltda., 1988.
- Rosenfeld, H. (1987-b). Narcisismo destrutivo e a pulsão de morte. D.Tuckett (ed), *Impasse e interpretação*. Rio de Janeiro, Imago Editora Ltda., 1988.
- Segal, H. (1981). A obra de Hanna Segal. Uma abordagem kleiniana à prática clínica. Rio de Janeiro, Imago Editora Ltda., 1983.
- Spillius, E.B. (1983). Algumas contribuições a partir do trabalho de Melanie Klein. E.M.da Rocha Barros (org), *Melanie Klein: Evoluções*. São Paulo, Editora Escuta Ltda., 1989.
- Steiner, J. (1981). Relações perversas entre partes do self: um exemplo clínico. E.M.da Rocha Barros (org), *Melanie Klein: Evoluções*. São Paulo, Editora Escuta Ltda., 1989.

# Fragmentos de um Caso de Bulimia\*\*

Sylvia O. Loeb\*

O bjetivo desse trabalho é tocar alguns pontos de interesse que, no decorrer do meu trabalho analítico com pessoas bulímicas, me chamaram a atenção.

A questão do diagnóstico está presente em toda a exposição, na medida em que a bulimia tem importantes pontos de confluência com questões da histeria, da melancolia, da perversão e da hipocondria.

O texto de referência foi um livro interessantíssimo e extremamente denso, de Laurence Igoïn *A Bulimia e seu infortúnio*.(1)

Procurei seguir seus passos, ilustrando, na medida do possível, com fragmentos de um caso de bulimia, com o qual venho trabalhando há cinco anos.

Igoïn trabalha há anos com distúrbios de alimentação, mais precisamente bulimia e anorexia e tem várias publicações a respeito. Desse modo, seu conhecimento é extenso e profundo.

Deixei de lado, muitos aspectos importantes de tema, pois o objetivo desse trabalho é apenas um recorte de alguns tópicos de interesse.

A criança no seio - o que está em jogo nesse momento é a constituição de um objeto - antes de tudo é a ocasião de amar, a constituição mesma da capacidade de amar. E quando a mãe acaricia seu bebê, "em toda a sexualidade dessa ternura, ela não faz mais do que cumprir seu dever de ensinar o seu bebê e amar".(2)

Uma atmosfera por queixas hipondríacas..."me sinto mal, está tudo formigando, não estou bem, ontem estava bem, hoje não, estou com dor de cabeça, tontura"

Extrema dependência de fatores externos, que deveriam ser constantemente renovados.

"...iam sentir muito a minha falta, a viagem não seria a mesma coisa sem mim, ficaram insistindo para que eu fosse, aí me animei e resolvi ir; fiquei contente no sábado, mas no domingo mudei de idéia, fiquei angustiada..."

Suscetibilidade extrema em relação a analista, ficando facilmente magoada.

"...tive três sonhos ontem mas não quero contar para você, não estou com vontade de falar com você..."

Transferência marcada por uma grande ligação comigo, onde muitas vezes me senti sufocada. O peso era excessivo.

Ana é uma mulher de 40 anos que pesa 100 quilos. Quando veio me procurar o foco principal de conflito ficou no companheiro, com quem estava ligada há muitos anos. Engordou 40 quilos em três meses.

\* Psicanalista pelo Instituto Sedes Sapientiae

\*\* Monografia de encerramento do Curso Formação em Psicanálise Instituto Sedes Sapientiae - 1992

(1) Laurence Igoïn - *La boulimie et son infortune* - Presses Universitaires de France, 1979.

(2) Freud, S. - *Obras Completas* - Três ensaios sobre a teoria da sexualidade.



Hipocondria? Histeria? Perversão? Melancolia?

De que forma se articulam os problemas da oralidade?

Em 1925, Freud cita em Inibição, Sintoma e Angústia: Intercalados entre a "inapetência pelo retraimento da libido" e "o vômito... como defesa histérica contra a alimentação", "os casos da intensificação de apetite" ou "uma compulsão a comer são motivados pela angústia da inanição".

A angústia da inanição apresentada por Ana revelou-se muito mais tarde e não estava propriamente ligada à comida...

A tríade anorexia - magreza - hiperatividade e a tríade polifagia - obesidade - passividade, duas versões do mesmo problema fundamental, apontam para as perguntas: "Quem sou eu?, O que desejo?". Questões essas que não podem nunca ser formuladas. Há uma angústia, um não saber, uma impossibilidade de nomeação, um problema gravíssimo de identidade. Ana tem o hábito de comer por acessos brutais, não importa o quê, não importa onde, não importa quando. São crises de angústia, de luta e de derrota.

As promessas de fazer regime, o conhecimento do que é uma "boa alimentação", tanto em quantidade como em qualidade, a escolha, tudo cai por terra. Há uma "consciência" que se desmorona.

Comerá o que primeiro lhe cair nas mãos, ou seja, o contrário dos alimentos escolhidos, "açúcar", "tudo o que não é necessário", "tudo que é proibido", "porcarias".

Laurence Igoin nos diz:

"Uma tal confusão coloca em evidência o problema do reconhecimento dos sinais do corpo. Há um certo número de necessidade que está habituado a identificar com grande confiabilidade: a necessidade de sono, a sede, a necessidade de urinar ou de defecar e precisamente a fome".

Problema graves entre a mãe e a criança? Uma mãe que percebe confusamente as mensagens de fome da criança, que não discrimina entre necessidades de fome e de outras tensões, levará à criança a uma grande confusão.

Excesso de voracidade, levando à destruição do que é ingerido?

Quantas vezes Ana me falou: saí confusa da sessão, não sei o que você quis dizer. Você me parecia brava. Saí daqui e comi muito, me senti mal mas não consegui parar.

Confusão de sentimentos: medo, frustração, ódio, agressividade, medo de abandono, desamparo, tudo misturado no redemoinho da indiscriminação. Impossibilidade dramática de se reconhecer enquanto identidade própria, particular.

Tentáculos que a fagocitam, ela mesma fagocitando tudo e todos.

Necessidade pungente de transformar nossa relação em algo só nosso, bom, calmo onde ninguém - nem nada, possa entrar, pois pode perturbar a calma nirvânica. (Apenas depois de muito tempo o companheiro soube de sua análise: "fiquei muito incomodada, não gostaria que ele participasse, não, não participasse, que ele soubesse...") Saber = participar: a ameaça da interferência, dificuldade de colocar limites.

Não há limites, nem mesmo o corporal. Aos 40 quilos iniciais foram acrescidos mais 10. Não há fronteiras delimitadas.

"Hoje não quero falar, precisava te ver, só ficar aqui junto de você, quieta".

A palavra é perigosa, pode gerar rupturas insuportáveis, angústia que será ilusoriamente aplacada com mais comida.

Para lidar com essa situação de perigo em relação às palavras, Ana usa do único recurso do qual dispõe: ajeita-se no divã confortavelmente e prepara-se para deglutir o que falo.

Não importa o que é dito, importa o som da minha voz, o ritmo, o balanço. Imediatamente, esquece o que foi proferido; longos silêncios se seguem.

"O que foi mesmo que você falou? Não consigo me lembrar..."

Por vezes, uma interpretação é captada, um comentário sobre seu comportamento é percebido. A vivência, muitas vezes, é de crítica, abandono, sente-se incompreendida.

"Vou te contar um sonho... estava com meus dois filhos na escola, e eles estavam brigando, um dando

tiros no outro. Fico desesperada e corro chamar a Silvana, que é a diretora da escola, mas ela não pode vir. Então pego um revólver que está no chão e atiro em um deles que cai morto para trás. Fico desesperada e levo os dois para a casa da minha mãe. Ela está arrumando umas coisas que não tem nada a ver; então brigo muito com ela, mando ela embora".

Silvana/Sylvia que não pode acudir, mãe que não pode atender. O ódio, o desejo de destruição atingindo tudo e todos, o profundo sentimento de angústia.

Inevitavelmente após uma sessão de "desencontro afetivo" uma crise de bulimia.

Ainda Laurence Igoïn: "Quanto ao refúgio bulímico, ele aparece como funcionamento desesperado na confrontação com a realidade, nas pessoas que se debatem na incerteza das fronteiras entre o exterior e o interior, entre os próprios pensamentos e os de outros, entre o sonho e a realidade".

Ana queixa-se frequentemente de uma série de sensações corporais: formigamentos, tonturas, dores de cabeça, dores no peito, falta de ar.

O corpo está gordo, descuidado, abandonado, mas é palco de sensações perturbadoras e inquietantes.

"Estou cansada de ir ao médico, eles não acham nada...", ... "me sinto estranha"...

Sensações essas expressões simbólicas de conflitos reprimidos? Ou resultado direto da ausência de satisfação sexual? Conversões histéricas, cujos sintomas devem ser elucidados?

Ana não tem relações sexuais há anos. Ana não tem um contato afetivo, corporal, há anos. Mais que isso. Ana não fala de seus desejos, de suas fantasias sexuais há anos.

Comigo, a fala é entrecortada e misteriosa.

"Me sinto mal ao falar disso"...

Discriminação difícil entre hipocondria e histeria.

Freud entretanto nos acalma; em 1914 escreve em *Introdução ao Narcisismo*:

"Já disse uma vez que me inclinaria a colocar a hipocondria ao lado da neurastemia e da neurosa da angústia, como a terceira neurose atual. Não se vai verdadeiramente muito longe ao se afirmar que um

pequeno elemento de hipocondria participa regularmente também na formação de outras neuroses.

E mais: "Em qualquer psicose, ao lado dos sintomas cuja significação pode ser elucidada, existe um cortejo mais ou menos importante de sintomas do tipo dos que Freud descreveu no quadro das neuroses atuais: fadigas não justificadas, dores vagas etc. Como o conflito defensivo impede a realização do desejo inconsciente, pode conceber-se que essa libido não satisfeita esteja na origem de um certo número de sintomas não específicos".(3)

Há uma angústia permanente e constante, que se transforma em crise de ansiedade nos momentos de "ingurgitação febril".

Igoïn nos diz: "a hipocondria designa sobretudo o momento de entrada na doença".

Bulimia, no que se traduz por um comer sem fome, nos envia ao momento descrito por Freud onde a criança desliza insensivelmente da sucção do seio que a alimenta à sucção desse mesmo seio ou de partes de seu corpo, num movimento que não tem por objetivo a absorção do alimento mas de reencontrar "um prazer já experimentado e que agora volta à memória".(4)

O apoio designa este movimento da pulsão sexual sobre a função vital. "Encontrar o objeto sexual não é mais do que reencontrá-lo. (5)

O que de mais fiel a esta proposição de Freud que a fixação oral dos bulímicos que os reconduz sem cessar ao objeto perdido de seu primeiro amor?

Entretanto Igoïn nos alerta: "o objeto real, o leite, é o objeto da função. É este o objeto real que foi perdido, mas o objetivo que está ligado à volta auto-erótico, o seio -- seio fantástico -- é ele o objeto da pulsão sexual. A continuidade dos dois dá lugar a um movimento de deslizamento metonímico que faz com que o objeto a ser reencontrado não é o objeto perdido, mas seu substituto por deslocamento; o objeto perdido é o objeto auto-conservação, é o objeto da fome, e o objeto que se procura reencontrar na sexualidade é um objeto deslocado em relação a esse primeiro objeto.

(3) Vocabulário de psicanálise - Laplanche - Pontalis.

(4) Freud, S - Obras Completas - Três ensaios sobre a teoria da sexualidade.

(5) Ibid



De onde evidentemente a impossibilidade de jamais reencontrar o objeto..."

O drama de Ana é que tudo se passa como se o objeto perdido e o objeto a reencontrar fossem apenas um: não se sai da função vital.

Isso é vivido na transferência através de uma profunda depressão, de uma distância muito grande. Um dia virou-se para trás e me olhou: "não sabia que você se sentava tão longe..."

Os acessos de bulimia não lhe dão a paz esperada (o leite não é o seio) -- o leite/palavra da analista não é sentido como alimento que nutre. O seio não é encontrado.

Você não vai falar nada? Já falei tanto e você não me disse nada..."; "você está quieta hoje..."; "já contei meus sonhos, você vai interpretá-los?"

O silêncio é sentido como vazio, abandono. Surge uma confusão que faz que o desejo só possa ser colocado sobre a comida.

"Estamos no centro do impasse bulímico"-- relata Igoin -- onde toda a satisfação parece comprometida: a sexualidade não pode se dar sem seu próprio objeto, enquanto que o alimento, invocado sem relação com a fome, perde seu poder de nutrir".

Sua estória é permeada por momentos de completude/plenitude/(in)satisfação/ não importa o quê/ vazio/ nada.

A autora aponta também uma interessante discriminação no processo de deslocamento ao nível da finalidade, no que concerne à série levando da ingestão à incorporação, à introjeção e à identificação.

Freud em 1915, nos Três ensaios, nos conta que "a introjeção sexual na fase oral/canibal não é separada da ingestão dos alimentos. A diferenciação das duas correntes (auto-conservação e sensual) ainda não aparece. As duas atividades têm o mesmo objeto e a finalidade sexual é constituída pela incorporação do objeto, protótipo do que será mais tarde a identificação, que terá um papel importante no desenvolvimento psíquico".

Igoïn citando Torok e Abraham nos descreve que: "...a passagem decisiva à incorporação se efetua então no momento em que as palavras da boca não podendo satisfazer o vazio da pessoa, ela aí introduz uma coisa

imaginária. Artificio desesperado que consiste em encher a boca de uma alimento ilusório que terá por efeito suplementar -- ilusório ele também -- de suprimir a idéia de uma lacuna a ser preenchida com a ajuda de palavras, a idéia mesma de necessidade de introjeção". (6)

O alimento é incorporado, numa ausência completa de palavras.

"Não sei porque como, não sei o que sinto; sinto uma coisa estranha. Vou até a cozinha para beber água mas já sei que vou comer. A água é mais um pretexto."

Nas sessões, as interpretações também são engolidas, os traços são apagados.

"Não me lembro do que falamos ontem, você se lembra?"

A introdução de um pequeno caderno de notas revelou-se muito interessante.

A analista, numa tentativa contra-transferencial de que Ana pudesse reter, conservar, nomear, sugeriu o uso de um caderno, onde escrevesse o que se passava com ela antes, durante e depois dos ataques de bulimia.

O caderno teve essa função por algum tempo e nesse período Ana pode perceber seus sentimentos de agressividade e desafio, o uso que fazia da comida com esse intuito.

"Não me importa o que os outros digam, não estou nem aí".

Pouco a pouco o caderno foi se transformando num interlocutor, num prolongamento da analista, numa possibilidade de iniciar um diálogo; surgiu um espaço entre nós, um princípio de discriminação entre o eu e o não eu.

"Saí ontem daqui e tinha muitas coisas a falar. Escrevi muito, escrever me acalma, você sabe. Tive saudades de você, fiquei triste mas não deprimida".

Foi possível começar a nomear o vazio...

"Tenho um imenso vazio dentro de mim, que procuro preencher com os problemas dos outros, com comida".

A partir daí foi sendo possível nomear outros sentimentos, outros acontecimentos, outras coisas.

(6) M. Torok e N. Abraham, Introjecter-incorporer. Deuil ou mélancolie, Nouvelle Revue de Psychanalyse - Paris, 1972.

A palavra entretanto ainda tem uma materialidade pesada.

Os deslizamentos da palavra, dos significados, ainda são encarados com desconfiança. Trazem angústia insuportável que apenas o silêncio pode calar.

Sexualidade complicada, intrincada.

Ana me diz:

"Eu me lembrei de você, com sua pureza, a calma que reina aqui, é como se fosse tudo diferente do que acontece lá em casa, essa bandalheira, e eu me lembrei de você".

Pureza/bandalheira.

Duas palavras reveladoras.

Pureza, calma, seriam ecos de um "amor" a ser reencontrados"?

Bandalheira -- pouca vergonha, patifaria, indecência, nos diz o dicionário. Que referências seriam essas?

Igoïn relata que as pessoas que sofrem de bulimia não têm problema de se relacionar sexualmente. Mas que tipo de sexualidade seria esta?

Podemos pensar na bulimia como um comportamento sexual auto-erótico? Desse modo, na linha da masturbação?

Entretanto, devemos lembrar, é Igoïn que faz esse assinalamento, que o ataque de bulimia não tem o registro do prazer, muito ao contrário. "O mais frequente é que isso (ataque bulímico) parece conduzir ao insucesso: longe de ser apaziguada, a tensão permanece, lancinante; longe de ser atingida, a satisfação é continuamente postergada, excitação apelando incansavelmente uma outra excitação, uma mordida chamando outra, ainda e mais, num processo que parece não poder parar a não ser por um esgotamento -- e mesmo pela aparição de um verdadeiro desprazer, como um mal-estar".

Mais adiante, a autora diz que a questão colocada pela bulimia não é a de fixação num objeto de auto-conservação -- de onde a sexualidade não chegaria a se libertar -- mas sim a da escolha de um objeto sexual que tem a particularidade de poder mimetizar uma relação vital".

Podemos pensar a partir daí numa imensa e profunda frustração. Se a escolha de um objeto sexual tem a

particularidade de mimetizar uma relação vital, caímos novamente no mesmo engodo da confusão entre o leite e o seio.

O leite é tomado pelo seio, o amante é confundido com o leite, o alimento é confundido com o amor.

Quanta fome, quanta miséria!

Seria o caso de Ana?

Sempre viveu sexualmente mal com o companheiro. Teve outras experiências sexuais, mas de tal forma apenas esboçadas, que nem ela mesma sabe se as teve. Cada novo encontro era vivido por ela como se fosse o primeiro, e como tal vivenciava a relação, o mesmo se dando como o eventual companheiro. Sempre se comportou e sempre pensavam que era virgem.

Havia como que uma espécie de esquecimento, um não saber, um não sentir.

Sexualidade excessiva para uma mulher assustada? Sensualidade aterrorizante onde o corpo seria objeto de sensações incompreensíveis? Frigidez encoberta e revelada pela escolha recorrente de parceiros ineptos?

O que Igoïn assinala acima e o que Ana nos mostra, parece nos levar para o campo da histeria.

A autora lembra que Ferenczi sublinhava o polo de atração que são a boca ou o esôfago para concentrar uma série de sintomas histéricos: nojo alimentar histérico, vômitos histéricos, globus histericus, gula das histéricas, estados transitórios histéricos como os desejos alimentares das mulheres grávidas etc...

Ainda Ferenczi: "...a histeria desloca os impulsos genitais e genitaliza as partes do corpo onde se manifestam os sintomas"-- e agrega Igoïn: "nesse contexto, a bulimia se apresenta como um sintoma de defesa contra a sexualidade, a repressão induzindo um deslocamento para cima".

No caso de Ana, a defesa é clara.

Cada vez que vê um homem se aproximar dela, cada vez que ela percebe um interesse sexual, ganha vários quilos.

Na transferência, a defesa aparece ainda em extensos e profundos silêncios, em segredos longamente guardados. Levou quase um ano para me contar sua primeira experiência sexual.



Mesmo hoje, após alguns anos de análise, ainda há imensas dificuldades.

"Pensei em sexo, mas não quero conversar com você disso, não me sinto bem".

Ao relatar o caso da Srta. E., Igoïn diz que o recurso ao objeto externo deixa uma impressão paradoxal: que nem a bulimia, nem as relações sexuais são descritas como procurando prazer. Que trata-se com efeito, de sublinhar o quanto o amante e a alimentação são -- e devem ficar -- indiferentes. De maneira que no final das contas, a bulimia, a masturbação e o coito resumem-se a atividades aparentemente equivalentes.

Embora Ana não me fale abertamente de masturbação e assim não tenho acesso às suas fantasias sexuais; embora ela não tenha relações sexuais há anos; embora de fato nos ataques bulímicos a comida é maquinalmente deglutida, parece-me que há qualquer elemento a mais.

Há um certo prazer na comida. Dentre os inúmeros presentes que me traz, há o prazer de me trazer coisas gostosas e apetitosas.

A relação comigo, embora ambivalente, é permeada por um profundo afeto.

Uma relação com a mãe, um reencontro com a mãe eternamente amada e para sempre perdida?

Aqui parece haver uma quebra do auto-erotismo do qual Igoïn fala. Nesse sentido, nos aproximamos mais da histeria.

No entanto, a autora faz uma distinção extremamente sutil entre a bulimia e a histeria, ou seja, "o principal na bulimia não é o deslocamento e sim a redução comportamental em si; em outras palavras, a bulimia dá o tom a todas as atividades da pessoa e especialmente no que concerne à esfera genital. Aqui é a sexualidade que mimetiza a função na qual ela se limita, enquanto que na anorexia ou na histeria, de modo mais geral, a sexualidade se ocupa da função e a invade ao ponto de torná-la inoperante, de paralizá-la".

Podemos depreender então, que na bulimia tudo é tratado como alimento, inclusive a sexualidade? Os mesmos automatismos encontrados na alimentação ("nem sei o que como, o importante é encher a boca, o estômago"; "estava desesperada, chorando, mas não

conseguia parar de comer") seriam encontrados na sexualidade?

No caso de Ana, não temos traços atuais de seu comportamento sexual. Os traços remotos nos levam mais para uma zona nebulosa de desencontros, para dificuldades de se entregar, de ter prazer, do que para os automatismos aos quais a autora se refere.

A impressão que Ana causa é a de uma mulher cuja sexualidade ficou inteiramente sufocada, uma virgem/mulher para quem os mistérios ainda não foram revelados.

Uma sexualidade aparentemente mais na linha da histeria, uma "sexualidade que se ocupa da função e a invade a ponto de torná-la inoperante, paralizá-la".

"Tive um sonho onde me era servida uma bandeja de cobras para comer".

"Tive uma fantasia onde mamava na teta de minha mãe e ao mesmo tempo trepava com um homem; me conta I., outra paciente também com distúrbios de alimentação.

No entanto, a impulsividade bulímica está presente.

Quando a crise ataca, não há a mínima tolerância, a (in) satisfação deve ser imediata.

Igoïn fala da "independência" da bulímica: em função de relações iniciais insatisfatórias ligadas à experiências precoces, a pessoa bulímica evitaria situações que teriam o risco de torná-la dependente, disso não escapando a psicoterapia.

Não é o caso de Ana, que durante anos de análise não faltou a nenhuma sessão, não chegou atrasada nenhuma vez.

A autora fala em cenário edipiano.

Tal cenário, reconstruído na transferência nos mostra uma cena onde só existe um, onde seu desejo é o meu desejo, onde seu projeto é o meu projeto.

"O que será que você pensa de mim"?

"Eu acho que você acha que eu não valho nada".

No entanto, a perda do desejo, a inexistência de projetos podem ser encontradas em outras síndromes, o mesmo se dando com a fixação afetiva precoce que pode levar à fixação oral: na obesidade (sem bulimia), no alcoolismo, nas outras adições.

O que diferenciaria a bulimica dessas outras síndromes? Igoïn vem em nossa ajuda citando Fusco e Smirnoff: há uma "falha identificatória", um desmoronamento do "espaço pessoa". "A primeira experiência da falta fundamental só pode evocar -- no TUDO ou NADA dessa vivência primordial -- uma escolha peremptória entre FUSÃO COMPLETA e ABSOLUTO NADA. Numa tal perspectiva não é um objeto que vem a faltar para a criança, mas a unidade dual inteira. O desmoronamento das pulsões se ligaria então a um desdobramento da vivência fusional: vazio e satisfação"(7)

"Esse fim-de-semana foi muito ruim, só pensei em você; passei na cama o tempo todo comendo e dormindo".

"Eu não preciso dizer nada hoje pois você sabe o que estou pensando. Eu sou uma continuação de você, você é eu, eu sou você".

Igoïn fala de bulimia ligada à negação que é encontrada numa fórmula quase ritual da queixa bulímica.

"Não, não quero comer".

Com efeito, continua a autora, "o que precede a bulimia não é a tentação, como na gula, mas o esforço de negação, a recusa: antes da precipitação, há sempre -- mesmo fugidia -- a possibilidade de não comer".

Há um julgamento negativo sobre a comida.

"... Porém na bulimia o não é imponente para manter o mal fora". "...e após a negação do desejo de comer, a submissão -- ao que se apresenta como uma admissão do recalcado -- não põe fim à luta; ela implica, por seu lado, em uma deglutição".

"Isso não pode me fazer mal".

Igoïn nos conta que Ferenczi em seu artigo sobre "O problema da afirmação do desprazer" via na denegação "uma etapa intermediária entre a negação e o reconhecimento do desprazer, uma última tentativa, desesperada, do princípio do prazer para parar a marcha em direção ao reconhecimento da realidade".

O alimento vai então ser comido como se o julgamento o tivesse achado desejável, suspendendo momentaneamente o problema do desprazer -- porém a questão da realidade permanece.

"Tudo se elabora num trabalho de denegação e de desmentido, endereçado primeiramente à pulsão ("eu não tenho desejo de comer"), depois à realidade ("a comida vai acabar"). **Mas sobretudo, nenhuma dessas denegações anula a formulação precedente, nem parece influenciá-la**".

"...em outras palavras, a pessoa bulímica come **apesar** de "sabendo" que não tem fome e que essa comida não é a que deseja"...

De tudo isso, podemos depreender que a comida preenche ALGO? E que ALGO seria esse, tão dolorosamente negado? Qual a questão da realidade que não pode ser reconhecida?

Igoïn fala de um oco, de uma "concauidade que é uma não-fome, que não é a concauidade anatômica, objeto da negação fetichista, mas que concerne contudo ao corpo feminino".

E sua hipótese é a de que a "bulimia está para a mulher numa relação estreita com o que representa para o homem o fetichismo, ou mais precisamente, que na recusa do feminismo a bulimia carrega qualquer coisa da ordem de uma posição feminina".

No entanto, nos alerta a autora, a comida não seria um objeto fetiche, isto é, não é um substituto do pênis da mãe.

O Complexo de Édipo da menina implica um problema mais do que o do menino. O menino conserva a mãe no seu Complexo de Édipo, enquanto a menina deve renunciar a ela e voltar-se para o pai. As pesquisas dos meninos se fazem sobre um fundo de **constância**, enquanto que as das meninas se fazem sobre um fundo de **ruptura**.

E é aí, continua Igoïn, provavelmente a essa ruptura que a bulimia se oporia.

O recurso à bulimia poderia ser interpretado como uma atitude derrisória e ao mesmo tempo dramática da ligação primitiva, onde a mãe faz a figura do TODO. E a elaboração fálica desse TUDO ou NADA primordial seria assinalado aqui não apenas no registro do visível mas também ao nível da capacidade de preencher ou esvaziar.

Poderíamos entender a partir daí que, na medida em que há uma necessidade imperiosa e angustiosa de preencher ALGO -- que se traduz no comportamento

(7) N.C. Fusco et V. Smirnoff, *Limbes de la dépression. Espace fusionnel et faille identificatoire*, Topique, Paris, n.17, pg.17.



bulímico -- há naturalmente a percepção de uma FALTA, há o reconhecimento da castração. No entanto, essa percepção é imediatamente contestada pela bulimia na sua obra de preenchimento.

"Nosso propósito", diz a autora, "não é erigir a bulimia à categoria das perversões sexuais", embora se trate de uma relação com a realidade onde a falta é recusada e ao mesmo tempo, levada em conta.

Percepção da falta, percepção da castração, da incompletude, do oco, do vazio.

Recusa da falta, recusa da castração, recusa do feminino enquanto marca de incompletude irrevogável.

A melancolia, com seu "canibalismo enlutado" toca a bulimia em alguns pontos.

O que é incorporado na bulimia é da ordem do que é expulso.

K. Abraham falando da bulimia:

"... podemos resumir: nos nossos pacientes, uma decepção intolerável pelo objeto de amor dá lugar a uma tendência a expulsá-lo como conteúdo corporal e a destruí-lo. A introjeção se segue, ou seja -- a recuperação pela devoração do objeto -- forma específica de identificação narcísica na melancolia".

"A crise bulímica constitui uma **realização**, nos diz Igoïn; algo foi efetivamente devorado; a bulimia tem o comportamento de uma incorporação". A incorporação oral exige o seio, nos ensina Melanie Klein, e a única maneira de se assegurar a posse desse objeto amado e tdo poderoso é incorporá-lo.

A avidez, a voracidade são as marcas de um desejo imperioso e insaciável.

A concretude da bulimia aponta para a dificuldade de preservar um "bom objeto interno" solidamente ancorado, tal como a melancolia.

"O preenchimento", nos diz Igoïn, "parece funcionar por sua própria conta, prova tangível da incorporação, sem que por isso se desenhe um sentimento de apropriação. O preenchimento bulímico assinala o insucesso da constituição de um objeto interno".

"Ontem tive um ataque de geladeira, não sei porque faço isso; sinto quando vou começar, é uma coisa incontrollável; depois choro, fico deprimida, quero acabar com tudo".

No entanto, parece que depressão da bulimia é um tanto diferente da depressão melancólica. Um novo ataque bulímico parece estancar a depressão, há uma espécie de não penetração, de fuga da dor da depressão.

A autora nos diz: "podemos supor que sobre as questões de identificação e da qualidade do objeto, a bulimia tem toda a chance de trombar, e consequentemente ela parece destinada ao fechamento no ciclo digestivo e à repetição".

Diferentemente também da melancolia, as crises bulímicas não são seguidas de auto-repreensões no nível simbólico; são imediatamente atuadas, imediatamente apagadas, seja pelo vômito, seja pela evacuação corporal, seja pelo esquecimento, "que constitui uma evacuação instantânea". Acontece também que esse esquecimento seja encontrado no sono.

"Ontem, fiz o ritual de sempre: liguei a secretária eletrônica e comecei a comer. Comi tudo o que havia em casa; isso levou umas três horas. Depois vomitei e tomei laxativos. Estava exausta. Tomei um longo banho e fui dormir".

É sobre essa anulação e esse esquecimento que se apóia o desenvolvimento repetitivo da bulimia.

A autora faz uma outra discriminação entre a melancolia e a bulimia. Na melancolia, a identificação narcísica atesta a perda do objeto enquanto a libido se retira. Ao passo que na bulimia nada parece fazer renunciar à ligação com o mundo exterior, que é mantida apesar de tudo, de decepção em decepção, de crise em crise.

"Não sei porque vou viajar novamente; não estou bem, não estou com vontade, sei que vamos brigar como sempre brigamos, mas vou assim mesmo".

Parece que essa "obstinação revela o lugar do apoio como suporte do sujeito no mundo", nos diz Igoïn. E propõe a hipótese de que **o luto abortado na bulimia também concerne a uma perda** -- não, porém, no registro de um objeto escolhido sobre uma base narcísica como na melancolia -- **porém numa escolha de objeto por apoio: a mulher que nutre; o homem que protege**.

E supõe, a partir daí, que tal escolha do objeto seria determinada por **uma falha de identificação, uma falha profunda na identificação primária, a falha**

de uma organização onde não há lugar para transformações.

"A regressão se faria em direção a essa linha que representa o apoio sob a forma a mais arcaica, lá onde o objeto perdido tende a ser confundido com o objeto da função. Engodo, do qual sabemos o peso na constituição da cadeia do desejo, e que na bulimia coloca o desejo sobre a comida, mimetiza pela sexualidade uma função vital. Agarrando-se à comida, a bulimia apenas preserva o que lhe resta de amor em relação a um objeto "segundo o tipo por apoio".

A bulimia é a construção de um monumento de amor em memória da **negação da perda** do objeto primordial -- a mulher que nutre.

Não lhe resta portanto nada mais do que tentativas desesperadas e vãs de recuperação do objeto amoroso, através da incorporação de um objeto vorazmente deglutido, imediatamente destruído.

Repetição infundável, luto abortado.

Realidade terrível, portanto recusada; realidade irrecusável, brutalmente imposta.

"Realidade que a bulimia não abandona; ela empurra até o "realismo" sua colocação do desejo. O reconhecimento da abundância do alimento e da ausência de fome de um lado, e de outro, a necessidade de salvar o desejo prevenindo a percepção de uma falta, se conjugam para arrolhar essa curiosa "inanição" que exige que tudo seja consumido, transformando a não-fome numa fome que não é fome".

O trabalho da bulimia opera como se o objeto perdido (o da auto-conservação) e o objeto a ser encontrado (na sexualidade) fossem apenas um. Daí o paradoxo de um "ato alimentar na aparência, e que no entanto não consiste em se alimentar mas em comer "tudo, não importa o que" -- de um ato que se dirige aparentemente aos primeiros objetos de amor e no entanto sem a menor chance de reencontrá-los.

Esgotamento e não apaziguamento.

"Nomear o que se tem do pai, nomear o que se tem da mãe, eis o duplo movimento em direção ao qual a bulimia nos arrasta", nos diz Igoïn.

Em outras palavras, traduzir o que a comida encobre, o que a comida impede de nomear, construir o vaso, preencher o vazio com objetos nomeados, ligar a coisa à palavra.

"Começo a perceber que esse vazio que sinto sempre existiu..."

"Parece que há um vazio dentro de mim, que sempre preenchi com comida, com os problemas dos outros..."

"... Começo a conhecer-me. Não existo.

Sou o intervalo entre o que desejo ser e o que os outros me fizeram..."(8)

(8) Fernando Pessoa - Obra Poética - Ficções do Interlúdio - Poesias de Alvaro de Campos (529).



# *Lugar de la Historia*

## *en Psicoanálisis<sup>(1)</sup>*

SILVIA BLEICHMAR\*

### La Ilusion Pendular

Sabemos, por nuestra experiencia cotidiana tanto teórica como clínica, que el quehacer psicoanalítico se despliega en el interior de lo arcaico. Nuestra tarea se juega en un topos en el cual parecería que tiempo real y espacio exterior quedan en suspenso; circunscribimos los límites de nuestro accionar e nos enfrentamos, diariamente, a la inscripción de un pasado que opera, a modo compulsivo, tanto en la repetición como en la rememoración.

Este arcaísmo invade gran parte de nuestro pensamiento. Si los seres humanos viven en el prejuicio de las generaciones que los preceden, los analistas somos diariamente bombardeados por un movimiento que tiende a la anulación del tiempo, que transforma la historia en "tiempo coagulado", que se sostiene en la nostalgia de un "mito del eterno retorno".

Y en gran parte de nuestro quehacer teórico, esta atemporalización cobra visos que, si fueran mirados por un observador ajeno, asumirían modalidades casi bizarras. A falta de un corpus teórico compartido y coherente, la adherencia a la letra, interpretativa, talmúdica, de los textos sagrados, lleva horas de discusión. Discusiones no exentas de lo que se llamó, en cierta época, "narcisismo de las pequeñas diferencias". Y, como todo narcisismo de las pequeñas diferencias, al ser puntual, centrado al rasgo, obstaculiza a veces la aproximación a las grandes cuestiones que se revelan como urgentes.

Esto se resuelve, en ciertos casos, con la adscripción masiva a un lector supremo al cual se otorga un poder omnímodo de comprensión. Así, Lacan deviene el lector de Freud y fulano o mengaNo el lector supremo de Lacan. Una verdadera hermenéutica, en el peor de los sentidos, como comprensión subjetiva del discurso, invade el campo teórico, produciendo en él lo que tanto hemos cuestionado, desde hace años, en la clínica: superposición del discurso del lector al discurso del productor, interpretación de "lo que quiso decir", atribución del sentido y subordinación de la escucha-o de la lectura-a la voluntad omnímoda de otro.

La función del analista, en tanto función agógica, de guía abstinente a partir del conocimiento de un método, no parece ser tenida en cuenta cuando se trata de producir conocimientos. El maestro, artesano que enseña el manejo de la herramienta, el uso del color y la función de la luz, deviene quien rige la propuesta de contenidos y captura la libertad de pensamiento.

No se trata, evidentemente, de proponer una suerte de dispersión libertaria de las ideas; ello sólo podría llevar a la muerte de la ciencia; se trata, por el contrario, de una rigorización que posibilite el asentamiento de ciertas verdades, de ciertos "paradigmas", y a partir de

\* Psicoanalista; doctorada en la universidad de Paris VII; ha publicado "En los orígenes del sujeto psíquico (del mito a la historia)" y directora de la revista teórica Trabajo del Psicoanálisis.

(1) Artigo publicado na revista Zona, Buenos Aires, e cedido pela autora para publicação nesta edição.

ello de liberar esa enorme fuerza de inteligência que parece trabada en el interior del movimiento psicoanalítico actual. Liberarlo del tedio, liberarlo del atrapamiento en el cual el pasado opera más como un lastre que como una herencia.

La sensación de conservadurismo que invade ciertos encuentros entre analistas (el peso somnoliente, reiterativo de los enunciados) no parece diferenciarse mucho del modo de manejo de la tierra que la oligarquía improductiva de algunos países de latinoamérica impone: la rentabilidad se define por la improductividad; grandes extensiones de la teoría - valga la metáfora devienen desérticas, y en ellas toda clase de alimañas proliferan.

Ello hace correr al psicoanálisis el riesgo de devenir territorio de mediocres. La inteligencia de grandes sectores de la población intelectual se vuelca hacia otras áreas del conocimiento; y no pienso particularmente en otras teorías terapéuticas, **porque la mayoría de quienes se embarcan en otras propuestas (sistémicas, cognoscitivistas), arrastran lo peor de nuestros vicios y pocas de nuestras virtudes:** conservan la pereza mental y la degradación teórica del pensamiento establecido, e, ideológicamente, intentan acaparar los símbolos de prestigio social y de ascenso económico que, siendo un fenómeno marginal del psicoanálisis y efecto de su inserción en la práctica social, no es, ni mucho menos, la esencia de su práctica (tanto teórica como clínica).

## MOVIMIENTO PSI:

### AVANCES Y RETROCESOS

Qué hemos buscado, de uno u otro modo, quienes nos embarcamos en el llamado "retorno a Freud" que al calor del psicoanálisis francés se propició alrededor de los años 60? En lo manifiesto, se trataba de volver a las fuentes, de encontrar en ellas, en los orígenes del psicoanálisis, las líneas fundacionales que permitieran replantear los grandes principios rectores que parecían sepultados por un pragmatismo clinicista, por una fagocitación de aire medicamentoso.

Pero es lo más profundo, en el interior de los espíritus de quienes de ello participamos, era manifiesta la preocupación por reencontrar un espíritu; espíritu contestatario, de ruptura, "aventura del pensamiento"

que nos permitiera el reencuentro no sólo con el vigor y la fuerza de los textos freudianos originarios, sino con el conjunto del campo intelectual del cual nuestros nexos parecían cortados.

Lamentablemente factores tanto externos de la Historia: social, política- como internos - cierta inercia de los modelos anteriores operando en el procesamiento de lo nuevo, llevaron de inicio el arrastre de la limitación que ha devenido, actualmente, trabazón improductiva.

El luteranismo lacaniano, gestado al calor de la contienda con la Iglesia tradicional, no logró sino encerrar en capilla la fuerza liberada del pensamiento de grandes sectores que a él adscribieron. Una nueva lengua se gestó, pero esa nueva lengua no fue capaz de ir más allá de sí misma; el dogmatismo y la subordinación a la palabra del maestro fueron, inexorablemente, los corsés que atraparon nuevamente, en los moldes rígidos de lo estatuido, las fuerzas que, luego de liberadas, produjeron temor a quienes intentaron su doblegamiento interior.

Ante esto se alzan las voces de la Restauración. La visión del tiempo se inscribe así en una ilusión pendular, y no deja de haber quienes piensan; llegó el momento de retomar el pasado; pero el pasado como tal, como reiteración de lo idéntico, como retorno de lo ya superado; por ejemplo volver a Klein no es entonces recuperar el carácter fecundo tanto de su realismo a ultranza del inconciente como de algunos de sus descubrimientos (y "hacerlos trabajar" para ponerlos en correlación con el tronco freudiano nutricional) sino tragarse sin más la mitología biológica, la ambigüedad metapsicológica, el deslizamiento inacabable por el campo de la phantasy desgajada de su articulación estructural, es decir Edípica.

## RECUPERAR LA TEMPORALIDAD

Ilusión pendular que se sostiene no sólo a nivel del imaginario teórico sino de las teorías espontáneas de la temporalidad en psicoanálisis. Retomar la cuestión de la temporalidad es entonces, evidentemente, recuperar el problema de la historia. Y ello no puede ser formulado sino en los tres aspectos que, desde nuestra perspectiva, marcan las grandes líneas que definen, en el contexto de la crisis del psicoanálisis, las cuestiones metapsicológicas de base sobre las cuales se sostiene nuestra práctica.





Dejaré, porque no es el objetivo de estas páginas, el problema de la historia en el devenir de la construcción de la teoría psicoanalítica. Me abocaré a marcar, de modo necesariamente esquemática y limitado, las cuestiones que hacen a la temporalidad y la historia en la tensión que se define en nuestra práctica actual (tanto teórica como clínica).

Revisemos someramente las tres grandes propuestas que se han gestado en el post-freudismo - propuestas no homogéneas, por supuesto, pero hacen a una dominancia y a una suerte de coherencia que inscribe la práctica de quienes en ellas se definen.

En primer lugar la Ego Psychology. En ella el tiempo, la historia, fuereon concebidos bajo el ángulo, centralmente, de una temporalidad lineal. El acontecimiento entendido como irrupción traumática en el desarrollo preformado de una linealidad que se define bajo los vectores de una psicología general. A partir de esto, lo necesario está del lado de una evolución genética: lo contingente, del lado de lo que perturba esta armonía evolutiva prefijada. Retoma el "realismo ingenuo" de la primera teoría freudiana de la seducción, del traumatismo histérico definido como intrusión ocasional perturbadora. Pierde de vista la temporalidad del apres-coup, y, por supuesto, su teoría de la regresión es necesariamente lineal (pendular, una vez más), punto de retorno a lo prefijado.

El Kleinianismo, que enmarcándose en la teoría endogenista del inconciente -llevada hasta sus últimas consecuencias por Freud en la segunda tópica, sustituye el conflicto intrasistémico freudiano por un conflicto pulsional aislado de su posicionamiento tópico. Pulsiones de vida y de muerte devienen dos grandes principios ordenadores del funcionamiento psíquico(2), y la atemporalidad del inconciente se convierte en el modelo de una atemporalidad general en la cual la historia es realización del movimiento pulsional. La sincronicidad de la phantasy inconciente no puede, entonces, sino abstraerse de tiempo real y de espacio real. El tiempo es, el movimiento en el cual la phantasy se despliega, la realidad el espacio en el cual se realiza.

El estructuralismo terminó barriendo los restos de la historia que aún quedaban en pie. La historia deviene entonces realización del Logos, estructura previa que se despliega al modo de un drama previamente escrito y en el cual la temporalidad se reduce a la diacronia de la sustitución significativa. "Lo que fue, es y será" parece convertirse en el principio rector de una práctica reverberante que no se limita a estigmatizar la imposibilidad de transformación de lo presente, sino que hace caer este estigma, al modo de un pecado capital, sobre lo irresoluble de las generaciones venideras.

La identidad entre estructura de partida (edípica) y estructura de llegada (constitución de la subjetividad) anula la temporalidad y, necesariamente, el acontecimiento desaparece en su contingencia azarosa. El tiempo deviene tiempo mítico; la noción freudiana de *Nachtraglichkeit*, "a posteriori", se transforma en "resignificación a posteriori", liquidándose con ello de un saque el tiempo y el espacio tanto fuera como dentro del aparato psíquico, al ser ambos subsumidos desde la perspectiva del significativo.

## FIN DE LA HISTORIA EN PSICOANÁLISIS?

Peligrosamente, nos aproximamos "al fin de la historia" en psicoanálisis. Tanto por la ilusión generada de una culminación hacia la máxima perfección teórica, "matematizable", como por el intento reiterado de liquidar las vertientes historicistas de la obra Freudiana. Por supuesto, "el fin de la historia", tanto en psicoanálisis como en política, no es sino la resignación pauperizante que no permite poner en juego las formulaciones de base que rigen un accionar que se revela, de no repensar sus fundamentos, incapaz de resolver los grandes problemas a los cuales estamos enfrentados.

En las páginas que siguen esbozaré alrededor de tres ejes la cuestión del tiempo y la historia por relación a los problemas que considero deben ser retomados de la obra Tfreudiana y revisados en el contexto de las ciencias actuales:

1) Lo histórico en su carácter de estructurante del aparato psíquico. Concebido entonces el movimiento que va de la historia que precede a su fundación, como proceso de instauración de lo originario (proceso

(2) Freud, S., "Fragmentos de la correspondencia con Fliess", carta 52, Vol.1, pág.274.

siempre singular aún en el marco de la necesidad de **estructural del Edipo** dando origen a un sistema de representaciones cuyo surgimiento no es endógeno ni atemporal.

2) Lo histórico en los tiempos mismos de estructuración de este aparato. Tiempos reales, no míticos, cuyos movimientos podemos cercar y cuyo cercamiento define nuestra posibilidad de intervención transformadora en el proceso en el cual esta fundación se constituye.(3)

3) Lo histórico como necesidad de que lo contingente y azaroso no se subsuma en el acontecimiento, sino que se inscriba a partir de las líneas de una humanización siempre abierta a retransformaciones.

Los tres ejes jugando en la perspectiva de concebir a la clínica analítica como recaptura en el interior de un espacio singular, privilegiado, de los grandes principios del funcionamiento psíquico. Ello implica, en primer lugar, que el proceso de la cura no se reduzca a la extracción de lo inconciente sino su resignificación simbolizante. En segundo lugar, que la cura no sea sólo concebida como lugar de recaptura del pasado sino como verdadera propuesta de **trabajo de constitución y emergencia de nuevas estructuraciones**, a diferencia de toda propuesta estigmatizante que transforme a la estructura previa en explicación tautológica del fracaso.

## TIEMPO Y ESPACIO EN EL APARATO PSÁQUICO

Señemos, de inicio, dos teorías dominantes en la obra freudiana. Una histórica, exogenista, formulada a lo largo de los primeros textos, hasta 1900, y que tiende a resurgir periódicamente a lo largo de la obra sin ser totalmente abandonada pero ocupando un lugar secundario a medida que cobra dominancia la teoría endogenista de la pulsión y de la fantasía.(4)

Es en esta primera teoría que la temporalidad juega un papel central. "Tú sabes que trabajo con el supuesto de que nuestro mecanismo psíquico se ha generado por estratificación sucesiva. Pues de tiempo, el material preexistente de huellas mnémicas experimenta un reordenamiento según nuevos nexos, una retranscripción. Lo **esencialmente nuevo**, en mi teoría

es, entonces, la tesis de que la memoria no preexiste de manera simple, sino múltiple; está registrada en diversas variedades de signos...". "Quiero destacar que las operaciones que se siguen unas a otras, constituyen la operación psíquica de **épocas sucesivas de la vida**. En la frontera entre dos de estas épocas, tiene que producirse la traducción del material psíquico, y me explico las peculiaridades de la psiconeurosis por el hecho de no producirse la traducción, para ciertos materiales, lo cual tiene algunas consecuencias".(5)

Subrayemos brevemente lo siguiente: El tiempo, tiempo de inscripción de las representaciones en el aparato, deviene espacialidad en el movimiento que lo inscribe. Esta espacialidad ubica un "topos", lugar diverso para los diversos sistemas de inscripciones. La atemporalidad de estas representaciones implica, de hecho, **indestructibilidad**, y, como lo dirá en "Lo inconciente", **fijación**, vale decir: posicionamiento definitivo en el inconciente. Fijación **al** inconciente, y no fijación **del** sujeto - en el sentido banal, psicológico del término, como alguien que "queda fijado" (esta diferencia marca el carácter excéntrico del inconciente y su insistencia por relación a un sujeto que queda significado, posicionado a partir de representaciones que desconoce).

Hay entonces temporalidad histórica, acontencial, que diviene inscripción espacial. Esta temporalidad histórica no será recuperada como tal, sino re-historizada discursivamente del lado del preconciente. La historia estará entonces en los movimientos fundacionales de partida y en las significaciones preconcientes de recaptura, entre ambas el espacio juega la función de una transformación.

El segundo aspecto remarcable es que, si este aparato está abierto siempre a la posibilidad de nuevas inscripciones, de recibir elementos de lo real exterior-elementos "traumáticos", capaces de producir aflujos energéticos que deben ser domeñados o expulsados

(3) Ibid. pg. 275-76

(4) "Vida y muerte en Psicoanálisis".

(5) Ver Cap.VII de "La Interpretación de los sueños", en O.C., Vol.V, pag. 530, donde Freud precisa que se trata de un recorrido secuencial que mantiene cierta fijeza.



para mantener su constancia-, las representaciones previamente existentes, aun cuando permanezcan como tales en su singularidad, se entrelazan de manera diferente en la totalidad resultante.

Formulemoslo del siguiente modo: **Es un aparato que se estructura al modo de una espacialidad que esta determinado por su historicidad. Por otra parte, es un aparato que recupera la temporalidad y la historicidad desde uno de los polos que lo constituyen, del lado del sujeto en el sentido estricto del término.**

Segunda cuestión: **las representaciones que en él "se depositan" son de origen exógeno** - teoria que Freud desarrolla en el Manuscrito M cuando propone que las fantasías son residuos de lo visto y lo oído - y **están destinadas a reensamblarse por apres-coup.**

Esta teoria de la inscripcion de origen exogeno no desaparece a lo largo de los textos freudianos, aun cuando pase a ocupar un lugar secundario. Se conserva en los historiales, de los cuales Hans y El hombre de los lobos constituyen verdaderos paradigmas del enraizamiento del fantasma en el traumatismo, y se recuperan en 1938, en "Moisés y el monoteísmo" - texto tardío, terminal, poderíamos decir - mediante el concepto de "histórico- vivencial".

Temporalidad entonces en la inscripción, y temporalidad destinada al apres-coup, es decir a su reensamblaje. **Las consecuencias** son enormes, y asumir esta formulación produce mutaciones en toda nuestra concepción de la teoria de las neurosis y del proceso de la cura.

En primer lugar, hacer conciente lo inconciente y llenar las lagunas mnémicas se unifican. Desde una perspectiva endogenista se puede pretender "hacer conciente lo inconciente" si por ello historizar, en la medida en que lo que se propugna es la traducción a otro registro del discurso, al "lenguaje de la pulsión" - cuestión discutida ampliamente respecto a la traducción simultánea que el kleinianismo ha propiciado desde una perspectiva que considera al ello, en el interior del proceso de la cura, como única realidad y, en consecuencia, todo lo preconciente es remitido a su sustrato pulsional de base sin mediaciones. Desde la perspectiva que recupera la historicidad funcional del sujeto psíquico y considera al inconciente como residuo metabólico (6) de inscripciones

exógenas, la atemporalidad del inconciente hace a su indestructibilidad pero no a la posibilidad de reensamblaje de sus representaciones.

El concepto de " **situación desencadenante**" de la neurosis entra también en discusión. En primer lugar, porque propiciar un simple desencadenamiento como modelo de la neurosis no contempla la teoria del apres-coup en sentido estricto. El apres-coup se define por dos o más tiempos de instalación del traumatismo en los cuales lo segundo - temporal, representacional - define el estatuto del primero. No me extenderé al respecto, Jean Laplanche lo ha hecho en forma exhaustiva en diversos textos a los cuales podemos remitirnos.(7) Subrayaré, simplemente, que el traumatismo desencadenante **interviene** con igualdad de derecho que las representaciones previas, y otorga a estas una recomposicion productiva.

Concebido el aparato entonces como en **productividad constante**, en procesamiento de trabajo, inaugura nuevas vias para definir los caminos de la cura como no linealmente regresivos. Que las representaciones de base a las cuales se accede sean atemporalmente perdurables no implica, en modo alguno, que su significación por ensamblaje permanezca idéntica. Este es el modelo que Freud ofrece cuando, en **La interpretación de los sueños** formula la cuestión, más delicada de lo que a simple vista pareciera, de si los caminos de la formación del sueño son los mismos que inauguran el acceso a su develamiento; de hecho, la respuesta se definiría más o menos en los siguientes términos; las vias de producción del sueño son distintas a las de su develamiento, **los caminos no se recorren linealmente en una y otra dirección**, pero el deseo inconciente que lo determina es recuperable, cognoscible, mediante transcripción lingüajera a través del proceso discursivo-asociativo-interpretativo.

## HISTORIA Y ESTRUCTURACIÓN DEL APARATO PSÍQUICO

Segundo aspecto de la temporalidad a plantear: el de los tiempos de estructuración del aparato psíquico. Tiempos reales, no míticos. Tiempos históricos, reconocibles en los diversos movimientos que fundam

(6) En *Faire de l'histoire*, Ed. Gallimard, Paris, 1974.

(7) Ibid. pag. 106.

los pasajes que instituyen los destinos de la pulsión, entendidos como destinos del aparato en su conjunto: transformación en lo contrario y vuelta contra la persona propia, represión originaria ( con la consecuente estructuración del yo como residuo de la identificación narcisista), represión secundaria como efecto de la identificación secundaria y la constitución de las instancias superyoicas - conciencia moral e ideal del yo. Estos movimientos pueden ser rastreados en el procesamiento de la clínica y determinados a través de sus efectos, siguiendo el aforismo freudiano de que "el inconciente es incognoscible en si mismo, pero si explorable por sus efectos"; diferencia fundamental entre el existente real y el conocimiento del mismo, que libera de todo agnosticismo y de toda teoría ingenua del conocimiento.

He trabajado ampliamente estas cuestiones en otros escritos, y me limitaré simplemente, por relación al tema que abordamos, a señalar lo siguiente: El problema de la historicidad, desde el punto de vista de los movimientos estructurantes del sujeto psíquico, es que la historicidad que antecede a su fundación es compleja. Hay temporalidad - historia - preexistente en los padres, pero hay también sincronía preexistente en la medida en que los padres son sujetos de inconciente. De tal modo, lo que es espacialidad en el aparato psíquico materno deviene pasaje diacrónico - temporal - en las instalaciones representacionales que hacen a la función de la nueva espacialidad que se estructura en el psiquismo infantil. Para ser más claros - aún a riesgo de simplificar -: que la madre tenga inconciente, topicamente instituido, " es decir establecido en el interior de su aparato psíquico y definido por la vigencia de la represión, no implica sino la posibilidad - temporalmente desfasada - del inconciente del niño; na su vez, el superyo materno - residuo identificatorio de las instancias parentales -, precede temporalmente tanto al inconciente como a las otras instancias del niño, pero su existencia determina el modo de pasaje de estas representaciones en el interior de la circulación del Édipo ( en tanto tópica intersubjetiva).

Se pueden rastrear los tiempos de constitución del psiquismo a partir del discurso materno? En nuestra opinión, ello no sólo es insuficiente sino altamente distorsionante. Esta es la vía con la cual el Ego Psychology ha relevado sus " historias clínicas" a partir del discurso parental tomado como discurso " de

la realidad", no atravesado por el deseo y el fantasma. Paradójicamente, no llega mucho más lejos cierto lacanismo que intenta buscar a partir del discurso de la madre el inconciente del niño, como si el uno estuviera en el otro, como si el preconciente de alguien pudiera dejar revelar el deseo inconciente " a cielo abierto".

La historia del niño puede ser concebida bajo los modos con los cuales algunos historiadores han tematizado cuestiones relativas a lo que se ha llamado "La historia de los pueblos sin historia" (8), refiriéndose por ello a quienes se arrojan el derecho a escribir la historia del otro. Henri Moniot(9) lo formula en los siguientes términos: " Existia Europa, y era toda la historia; el resto, pueblos sin historia. Aún para aquellos que no rehusaban concebir una historia para esos pueblos, existia la imposibilidad práctica para hacerlo, la falta de fuentes. Gente sin escritura, de las cuales las tradiciones orales son indignas de creencia, donde sólo son posibles las conjeturas... Las condiciones han cambiado, y a la negación del pasado de los pueblos ágrafos ha respondido su invocación y su exaltación. Cómo salir de esta situación? Se pueden distinguir dos clases de documentos: aquellos que emanan de la comunicación de los hombres entre si; se sostienen en el discurso, pero son subjetivos; señalan, a su vez, la connivencia y la alteridad, son portadores de una significación, pero definida en su contexto de origen: el contexto del semejante, que no es la historia, sino el modo con el cual el semejante tematiza la historia. Existen, por otra parte, los otros documentos, neutros y taciturnos; vestigioso o elementos materiales e inmateriales, a los cuales el historiador mismo reconoce valor implícito de signo, de indicio, de prueba, de testimonio..."

Como la historia de los pueblos ágrafos, la del niño ha intentado ser subsumida en el discurso del semejante, descuidándose en ese intento engolfante que los monumentos y vestigios se juegan en las producciones singulares que, siguiendo los movimientos que Freud conceptualiza metapsicológicamente, pueden ayudar a constituir una historia en la cual el propio sujeto no sea nuevamente significado sino abra un orden de significación historizante.

(8) "El psicoanálisis, historia o arqueología? en Trabajo del psicoanálisis N°5.

(9) Ver al respecto "El aprendiz de historiador y el maestro-brujo", segunda parte, "Una historia llena de interrogantes", Amorrortu Ed., Bs.As., 1986



Jean Laplanche retoma esta cuestión relativa al campo analítico en los siguientes términos: "El ser humano es historizante, en el sentido de que busca unificarse, comprenderse, sintetizarse, dar sentido a su vida o hacer que vuelva a tener sentido algo que lo ha perdido.... En la dirección de este movimiento espontáneo el psicoanálisis recupera hasta las fallas, hasta las debilidades, los pánicos, los duelos, las catástrofes. El psicoanálisis no es sino otra manera de hacer la historia.

Pero un método de historizarse según una manera que se pretende imprecisa... El psicoanálisis no puede ceder a la megalomanía de pretender integrarlo todo. En esto consiste la parte irreductible, al lado de la historia, de la arqueología, arqueología irreductible a la historia, que exhuma y respeta lo que es irreductible".(10)

Arqueología irreductible a la historia que implica que las modalidades con las cuales lo inscripto primordial insiste, no puede ser totalmente capturado en las redes del discurso que historiza. Pero lo no historizable deberá encontrar modos de ligazón y resimbolización si pretendemos que el sujeto no quede siempre librado a la compulsión de repetición, que es el ejercicio de la pulsión de muerte.

Tarea que consiste, como lo diría Piera Aulagnier, en el movimiento de la cura, en transformar los documentos fragmentarios en una construcción histórica que aporta la sensación de una continuidad temporal. Y para el cuál el proceso identificatorio constituye la cara oculta de un proceso de historización que transforma lo inaprehensible del tiempo físico en un tiempo humano, que reemplaza un tiempo perdido definitivamente por un discurso que lo habla".

## LA ILUSIÓN PENDULAR Y EL FIN DE LA HISTORIA

Si el arcaísmo atenta constantemente contra la evolución de nuestras ideas, contra la posibilidad de "fecundizar" nuestras hipótesis aún cuando ello sea al precio de la irreverencia - y no es, después de todo, el ideal del yo que alimentó nuestro siglo?

(10) Llya Prigogine e Isabelle Stengers, *La nueva alianza*, Alianza Ed. Madrid, 1983, p.1819

La genealogía en la cual se emplaza Freud cuando ubica su descubrimiento por relación a Darwin y a Copérnico? -, no podemos dejar de señalar que gran parte del mundo psicoanalítico parecería haberse aislado de los nuevos descubrimientos de la física y de la química que abren vías fecundas para repensar las cuestiones que estamos en vías de abordar.

En primer lugar, señalemos que nuestra teoría de la temporalidad no puede ser concebida a esta altura como "pendular", en el marco de una reversibilidad que ya no se sostiene para los fenómenos complejos que se nos imponen. Cuáles son las hipótesis de la ciencia clásica de las cuales la ciencia actual se ha liberado? - pregunta Prigogine en su libro **La nueva alianza** - Fundamentalmente aquellas que se centran alrededor de la convicción básica de que el mundo microscópico es simple y está gobernado por leyes matemáticas simples. Esto nos parece hoy una idealización engañosa. Esta situación sería similar a la reducción de un edificio a un conglomerado de ladrillos; con los mismos ladrillos podríamos construir una factoría, un palacio, o una catedral. Es a nivel del edificio **en su conjunto donde vemos el efecto del tiempo** y del estilo en el cual fue concebido... En el mismo sentido, se vieron las leyes eternas como las únicas que expresaban la racionalidad de la ciencia. La temporalidad no siendo contemplada más que como una ilusión. Esto ha dejado de ser verdad hoy día. Hemos descubierto que lejos de ser una ilusión, **la irreversibilidad** juega un papel esencial en la naturaleza y se encuentra en el origen de muchos procesos de organización espontánea... Nos encontramos en un mundo azaroso, un mundo en el cual la reversibilidad y el determinismo son solamente aplicables a situaciones límites y casos simples, siendo al contrario la regla la irreversibilidad y la indeterminación".

En psicoanálisis unidades simples y reversibilidad parecen ir de la mano. Sea esta unidad simple la de la phantasy, sea la del significante entendido como un átomo último capaz de entrar en cualquier composición, la teoría pendular parece estar en el eje de esta ilusoria anulación del tiempo. Por supuesto, si la ciencia clásica planteaba leyes independientes del tiempo, estas leyes determinaban el futuro tal como habían determinado el pasado, visión que, al decir de

Prigogine, incrementa nuestro entusiasmo, ya que su mensaje es el de que el mundo es inteligible para la mente del hombre. Sin embargo, plantea un problema, al aparecer el mundo decifrado de esta forma, como un autómatas, como un robot.

No es del lado de los elementos microscópicos, siempre idénticos, que se trata entonces de encontrar "la significación" que se abre hacia la temporalidad. El tiempo, al igual que ocurre con la teoría de los gases en expansión, sólo puede ser contemplado si se considera al sistema como un todo. Cada molécula, individualmente, no cambia durante el proceso, y, sin embargo, el todo ha variado.

Teoría de la representación y de la regresión que deben ser revisadas. En el movimiento que hace a la autSIGNIFICACIÓN mediante la cual los hombres nos autoteorizamos, las representaciones de base inscritas en el inconsciente pueden tener el carácter de lo atemporal indestructible, pero la historia no es reversible.

No lo es tampoco a nivel general, a nivel de lo que denominamos la Historia (social, política de la humanidad).

Sólo la simpleza de una armonía preestablecida puede sostener la idea de que la historia de la humanidad puede volver a sus puntos de partida, y más aún (Pedantería mayúscula) al punto en el cual los "hacedores del fin de la historia" consideran que torció su destino para volver a encaminarse cincuenta o setenta años después.

Del mismo modo, la teoría pendular (como génesis lineal que marcaría puntos de retorno al lugar de partida), o el estructuralismo ahistoricista, que pretende subsumir la estructuración singular de lo humano en el marco de leyes inmutables y prefijadas donde lo azaroso y contingente devienen puros juegos lenguajeros, no dejan, por renegación, de subrayar la tensión angustiada siempre existente cuando la temporalidad se juega en la instauración del fenómeno mismo.

## RESULTADOS Y PERSPECTIVAS PUNTUALIZACIONES CLAVES.

Algunas puntualizaciones finales, luego de este breve recorrido, nos hará retomar los ejes de inicio:

Lo histórico a ser contemplado bajo algunos órdenes - que no agotan, ni mucho menos, la complejidad del problema:

1) En tanto estructurante del aparato psíquico - en una temporalidad no lineal, no biológica, sino azarosa en el marco de la necesidad estructural y, fundamentalmente, destinada al apres-coup.

2) Lo histórico como tiempos reales de la estructuración del aparato, tiempos reales y no míticos, tiempos destinados a una historización posterior y cuya modalidad no puede ser sino tematizada por el sujeto que se encadena en su propia identificación.

3) Lo histórico como movimiento en el cual el aparato se despliega aún constituido. Abierto siempre al apres-coup, descapturado de un determinismo lineal que tendría sólo en cuenta la acción del pasado sobre el presente y no las recomposiciones que le presente inaugura sobre el pasado. Diferencia entre la huella mnémica - como materialidad de base - y los ensamblajes a los cuales estas huellas quedan abiertas, destinadas a nuevas resimbolizaciones, a nuevas retranscripciones.

4) Desde esta perspectiva, el proceso de la cura como espacio privilegiado de la resimbolización y de la rehistorización. Lugar entonces de re-engendramiento a partir de que lo traumático no es lo vivido en general sino aquello que no pudo encontrar, en el momento de su inscripción y fijación, de su caída en el aparato, de ese "significado al sujeto", posibilidades metabólicas de simbolización productiva.

5) No se trata entonces de un "retorno al pasado" para agregar lo que faltó ni para quitar lo que sobró, sino de una recomposición "disipativa" en un proceso irreversible. A partir de ello, lo que insiste como idéntico, una vez retranscripto, no deja intacta la totalidad en la cual se despliega.

6) Historizar, como eje del análisis, es entonces estructurar de modo significativo los efectos de lo acontecido, traumático, inscripto a partir de una descomposición y una recomposición, que liga de un modo diverso las representaciones vigentes (investidas o plausibles de serlo).



## RECUPERAR LOS FUNDAMENTOS HISTÓRICOS

Cómo recuperar los fundamentos de lo histórico, tanto en el movimiento de constitución del sujeto psíquico como del psicoanálisis en general? En primer lugar, es necesario que nos desatrapemos tanto de la propuesta estructuralista que nos condena a tiempos míticos y reubicar los tiempos históricos, necesarios, de esa constitución. Entendiendo como historia no la sucesión de acontecimientos vividos, sino los ordenamientos estructurales que se definen en tiempos reales tal como Freud lo definió por relación a los conceptos ya mencionados: represión, identificación, constitución de las instancias psíquicas.

Se trata de un movimiento en el cual en el proceso de reconocimiento de la insistencia repetitiva del inconciente, se organizan continuidades bajo el modo de lo discontinuo. Como lo definen algunos historiadores, se trata de una "historia problema" y no de una "historia relato". El relato es, en todo caso, el modo con el cual el sujeto tematiza y significa la historia problema. Se trata, también, de una historia conceptualizante y no de una historia acontencial, dado que la historia queda desatrapada de toda concepción previa y global, poniéndose en tela de juicio el postulado de una evolución supuestamente

lineal e idéntica en todos sus elementos. Desde ahí nos distanciamos tanto del genetismo evolucionista como del estructuralismo ahistoricista.

Salir del determinismo lineal sin caer por ello en el caos de lo aleatorio, ese es hoy nuestro problema. Somos hijos de un siglo que ha creído - al menos lo más lúcido de su intelectualidad y de los pueblos en general - que la historia estaba prefijada, que no había sino que descubrir sus mecanismos para que la maquinaria, trabada por uno u otro obstáculo, se pusiera en movimiento; suponíamos que ese movimiento conduciría a un destino en el cual lo contingente y lo azaroso no eran sino formas del devenir mismo hacia lo previamente definido... Nos recuperamos lentamente de la vertiente simplificada con la cual concebimos el porvenir de una ilusión, pero ello no implica suponer que el péndulo pueda volver al punto de partida, que la reversibilidad, al modo del eterno retorno, realiza el triunfo de la movilización de la historia.

Al menos la física, la química actual, la biología molecular, y, esperamos, el psicoanálisis, pueden tener algo para formular por relación al tiempo y al devenir que no se coagula ni en el retorno a lo idéntico ni en el irracionalismo caótico de la abstinencia de toda formulación de una legalidad histórica posible.

# A Fala Analítica\*\*

Maurice Blanchot\*

Pensando em Freud, não duvidamos que ele tenha tido uma reencarnação tardia, última talvez, do velho Sócrates. Que fé na razão! Que confiança no poder libertador da linguagem! Quanta virtude concedida à relação mais simples: um homem que fala, um homem que escuta. Eis então que não somente os espíritos, mas também os corpos se curam. Para evitar qualquer interpretação grosseira e mágica desse fenômeno maravilhoso, Freud precisou de um esforço de elucidação obstinado, ainda mais necessário porque seu método tinha uma origem impura, tendo-se iniciado junto ao magnetismo, à hipnose e à sugestão... Será que a relação, mesmo reduzida a uma relação de linguagem, entre médico e paciente, não permanece essencialmente mágica? A magia nem sempre pede cerimônia, nem a imposição das mãos ou o uso de relíquias. Ela já está ali onde um homem é importante junto ao outro, e se existe entre um simples paciente e seu médico, uma relação de autoridade onde este sempre abusa de sua importância, é pela simples razão de que o paciente se comporta ou é tomado como sem razão. Em qualquer clínica psiquiátrica, esta impressão de violência choca o espectador, que no mais acrescenta-se a esta violência pelo espetáculo. As falas não são livres, os gestos enganam. Tudo o que um diz, tudo o que faz o outro, paciente ou médico, é astúcia, ficção ou prestígio. Estamos em plena magia. E quando Freud descobriu - não sem incômodo - o fenômeno da transferência, na qual ele precisou encontrar o equivalente da relação de fascinação própria à hipnose, ele poderia ter procurado nela a prova de que o que se passava entre

as duas pessoas reunidas colocava em jogo forças obscuras, ou relações de influência que desde sempre se atribui à magia das paixões, mas ele se fixa admiravelmente em seu pressentimento de que o médico desempenha um papel, não encantado, porém mais oculto: ninguém pode ser, por isso, muito positivo, mas sim uma presença-ausência na qual vem retomar forma e expressão, verdade e atualidade, algum drama antigo, algum acontecimento real ou imaginário, profundamente esquecido. O médico não estaria ali por si mesmo, mas no lugar de outro, ele desempenha por sua simples presença, o papel de outro, ele é outro, o outro antes de tornar-se outrém. Freud neste ponto, tenta substituir, talvez antes de sabê-lo a magia pela dialética, mas a dialética pelo movimento de outra fala.

Em todo caso, se ele o sabia, isso foi rapidamente negligenciado, e podemos lamentar, mas também pensar que foi uma sorte, porque Freud, em lugar de se servir de um vocabulário filosófico estabelecido e de noções precisas e já elaboradas, foi conduzido a um extraordinário esforço de descoberta e invenção de linguagem que lhe permitiu relatar, de maneira evocadora e persuasiva, o movimento da experiência humana, seus laços, seus momentos, onde cada vez, em um estágio mais elevado, um conflito - o mesmo

\* Blanchot, M. - La Parole Analytique. In "l'Entretien Infini", France, Gallimard, 1969, p.343/354.

Tradução: Helena Gloria Ferreira

Revisão: Suzana Alves Viana





conflito -, insolúvel e que é preciso resolver, leva o indivíduo para mais longe, indivíduo que aí se educa, se altera ou se quebra(1).

O que é impressionante, é a espécie de paixão pela origem com que Freud é animado, - e que ele experimenta também, de início, em sua forma inversa: repulsa com relação à origem(2).

(1) Na correspondência que Freud manteve com W.Fliess, de 1887 a 1902, correspondência até recentemente inédita e que acaba de ser traduzida em francês (*La Naissance de la Psychanalyse*), seguimos essa tentativa, os meandros e os ensaios vão, notamos as renúncias, os silêncios, a necessidade do saber que se forma precipitadamente a partir dos pensamentos e das definições. Há frases comoventes: em 1893, ainda longe do que será a psicanálise, Freud escreveu ao seu amigo: "estou muito velho, muito preguiçoso e muito assoberbado por uma pilha de obrigações para poder aprender algo novo." Mas em 1897: "Nós não naufragaremos. No lugar da passagem que procuramos, descobriremos talvez oceanos que nossos sucessores deverão explorar mais profundamente. No entanto, se não virarmos prematuramente o barco e se nossa constituição resistir, nós conseguiremos. Chegaremos lá."

(2) Correspondência com Fliess confirma o que já sabíamos: só a auto-análise, depois da morte do pai, permitiu que Freud não mais buscasse a origem da neurose numa cena de sedução real - todas as suas pacientes, estranhamente, tinham um pai, um tio ou um irmão que as seduziram na infância -, mas permitiu que chegasse à idéia do complexo, particularmente do complexo de Édipo, cuja configuração lhe era dissimulada pela estranha estrutura de sua própria família. "Minha auto-análise é realmente, nesse momento, o que há de mais essencial e promete ser para mim da maior importância se eu conseguir terminá-la." "Algo vindo das profundezas abissais da minha própria neurose se opõe ao que proponho ainda para a compreensão das neuroses." "Essa análise é mais incômoda que qualquer outra e é ela também que paralisa o meu poder de expor e de comunicar as noções já adquiridas." Mas a auto-análise é realmente possível? "Uma verdadeira auto-análise é realmente impossível, mas sem essa impossibilidade não haveria mais doença." Que Freud sempre necessite de um amigo a quem expor seus pensamentos, à medida que eles se descobriam, isso parece estar bem de acordo com o seu método de análise: amigo esse que vira frequente rapidamente inimigo. Constatamos também em Freud um apaixonante vaivém nos pensamentos, o que em parte explica porque tão rígido com o princípio de seu método, ele renuncia tão livremente e tão facilmente a tais esquemas de explicação, os quais seus discípulos transformarão naturalmente em dogmas: "Às vezes os pensamentos fazem tanto barulho na minha cabeça que espero que eles me deixem explicar tudo... Depois essas idéias fogem novamente sem que eu me esforce em memorizá-las visto que o surgimento delas no consciente e consequente desaparecimento não dão nenhuma uma informação palpável sobre seu destino."

E assim ele convida cada um a buscar, atrás de si, para aí encontrar a origem de qualquer alteração, um fato primeiro, individual, próprio a cada história, uma cena, algo de importante e transtornante, mas que aquele que a experimenta não pode nem dominar nem determinar e com a qual ele tem relações essenciais de insuficiência. Por um lado, trata-se de voltar ao começo; esse fato será singular, vivido como único, no sentido de inefável e intraduzível. Mas, ao mesmo tempo, esse fato não é único: é o centro de um conjunto instável e fixo de relações de oposição e identificação; não é um começo: cada cena está sempre pronta a se abrir para uma cena anterior, e cada conflito não é tão somente ele mesmo, mas a retomada de um conflito mais antigo, que a reanima e no nível do qual ele tende a se restabelecer. Ora, toda vez, essa experiência foi a de uma insuficiência fundamental; cada um faz a experiência de si como insuficiente. Como se não tivéssemos acesso às diversas formas da existência senão quando privados de nós e privados de tudo. Nascer é, depois de ter tido todas as coisas, ter falta de todas as coisas, e principalmente falta de ser, se a criança não existe nem como corpo constituído, nem como mundo. Tudo lhe é exterior, e ela não é quase nada além desse exterior; o fora, a exterioridade radical sem unidade, a dispersão sem nada que se dispersa; a ausência que não é ausência de nada é em primeiro lugar a simples presença da criança. E toda vez que ela pensa ter conquistado uma relação de equilíbrio com o meio, toda vez que ela recupera um pouco de vida imediata, ela precisa ser privada novamente (o desmame, por exemplo). É sempre através da falha e pela exigência dessa falha que se forma o pressentimento do que ela será, sua história. Mas essa falha, é o inconsciente: a negação que não é somente falta, mas tem relação com o que falta - desejo. Desejo cuja essência é de ser eternamente desejo, desejo do que é impossível de alcançar e até de desejar.

É sabido que a sorte do homem está em nascer prematuramente, e que ele deve a sua força à sua fraqueza, força que é força da fraqueza, isto é pensamento. Como Pascal quis sem dúvida dizer, foi necessário primeiramente que o homem se fizesse volúvel para tornar-se pensante. Mas essa falha original donde tudo lhe veio, essa falha sentida como pecado, os interditos que preservam a falha e nos impedem de satisfazê-la para que nunca possamos ter nem ser, sempre afastados do que nos é próximo, sempre

destinados ao estranho: essas vicissitudes, essas dificuldades felizes, esses episódios assustadores que enchem a história da nossa cultura são inicialmente a expressão da nossa própria experiência. Estranha experiência: tão puramente que nós possamos pensar, sempre é possível ouvir nesse puro pensamento a repercussão dos acidentes da história original do pensador, e ouvir esse pensamento, entendê-lo a partir dos acidentes obscuros de sua origem. Temos ao menos isto, essa certeza de nós mesmos, esse saber do que nos é mais particular e mais íntimo, e se não temos mais puro pensamento, temos, em seu lugar, e conhecemos, a farpa na carne onde ela ainda está, voltando a esses primeiros momentos, onde algo de nós continua fixado e onde nos demoramos indevidamente. Eis onde então tudo teria começado. Sim, se tratasse de momentos realmente primeiros. Mas cabe à força da análise de dissolver tudo o que parece primordial numa anterioridade indefinida: todo complexo dissimula sempre um outro, e todo conflito primordial, só o vivemos como o tendo já vivido, vivido como outro e como vivido por outro, nunca o vivendo conseqüentemente, mas revivendo-o e não o podendo viver, e é precisamente essa defasagem, essa inextricável distância, esse aumento e desdobramento indefinido que, toda vez, constitui a substância do episódio, sua fatalidade infeliz, como sua força formadora, que o torna ilusório como fato e fascinante como lembrança. Será que nunca realmente aconteceu? Não importa, pois o que conta é que, sob a interrogação insistente do silêncio do psicanalista, pouco a pouco nos tornamos capazes de falar, de relatar, de fazer desse relato uma linguagem que se lembra e dessa linguagem a verdade animada do acontecimento imperceptível, - imperceptível porque é sempre falho, uma falha em relação a ele próprio. Fala libertadora onde o acontecimento se encarna exatamente como falha e assim finalmente se realiza.

À situação da análise tal como Freud a descobriu é uma situação extraordinária, parece saída do encantamento dos livros. Este relacionamento, como dizem, do divã e da poltrona, essa entrevista nua, em um espaço separado, entrincheirado do mundo, duas pessoas, invisíveis uma à outra, são pouco a pouco chamadas a se confundirem com o poder de falar e o poder de escutar, a não ter nenhuma outra relação senão a intimidade neutra das duas faces do discurso, essa

liberdade que se torna o mais cruel constrangimento, essa ausência de relação que se torna, por isso mesmo, a mais obscura relação, a mais aberta e a mais fechada. Aquele que, de todo jeito, não deve cessar de falar, dando expressão ao incessante, dizendo não somente aquilo que não se pode dizer, mas falando pouco a pouco como que a partir da impossibilidade de falar, impossibilidade que já está sempre nas palavras, não menos alguém delas, vazio e branco que não é segredo, nem coisa calada, mas coisa sempre já dita, calada através das palavras que a dizem e calada nelas - e assim tudo é sempre dito, e nada é dito; e aquele que parece o mais displicente, o mais ausente dos ouvintes, um homem sem rosto, quase um alguém, espécie de qualquer um equilibrando qualquer coisa do discurso, como um vazio no espaço, um vazio silencioso que é no entanto a verdadeira razão do falar, rompendo sem cessar o equilíbrio, fazendo variar a tensão nas trocas, respondendo sem responder, e transformando insensivelmente o monólogo sem saída em um diálogo onde cada um falou.

Quando se constata o escândalo que Jacques Lacan provocou em certos meios da psicanálise ao identificar a identidade da diferença - a pesquisa, o saber, a técnica psicanalíticos com as relações básicas da linguagem, podemos nos espantar - no entanto, sem espanto -, de tanto que parece evidente que o principal mérito de Freud foi de enriquecer a "cultura humana" com uma maneira surpreendente de diálogo, onde talvez - talvez - viesse à baila algo que nos esclarecesse sobre nós mesmos através do outro quando falamos(3). Diálogo entretanto estranho, estranhamente ambíguo por causa da situação sem verdade dos dois interlocutores. Cada um engana o outro e se engana a respeito do outro.

(3) La psychanalyse: sur la parole et le langage (P.U.F.) um grupo de psicanalistas franceses reuniu-se em 1953 para fundar a "Sociedade Francesa de Psicanálise". O Volume publicado em 1956 com esse título (fato de relevância) constitui a primeira coletânea de trabalhos. O relato de Jacques Lacan, *Função e campo da fala e da linguagem na psicanálise* (Fonction e champ de la parole et du langage en psychanalyse), relato lido e debatido em Roma em 19 de setembro de 1953, constituiu o centro (já descentrado). As observações então publicadas e acima reproduzidas só estão relacionadas com esse texto de Jacques Lacan. Acrescentei, na época, esta questão: trata-se de uma nova orientação da psicanálise? De uma virada, sem dúvida, que constitui a volta ao pensamento de Freud como certas formas da filosofia e do saber contemporâneos, libertados deles mesmos, esclareceriam e confirmariam, ou seja, a própria ciência como possível.



Um está sempre pronto a crer que a verdade do seu caso existe, formada e formulada naquele que escuta e que só dá provas de má vontade ao não revelá-la(4). O outro que não sabe nada está sempre pronto a crer que sabe alguma coisa, porque dispõe de um vocabulário e de um enquadramento pretensamente científicos onde só falta a verdade se encaixar. Ele escuta então a partir de uma posição de força, não mais como um simples ouvido, um puro poder de escuta, mas como um saber que desde o início já sabe muito, julga, avalia o paciente, e, nessa linguagem imediata, ouve sabiamente e decifra habilmente uma outra linguagem - a dos complexos, das motivações ocultas, das lembranças esquecidas com a qual ele entra em comunicação, para que, por um sistema de eclusas e de barragens, essa fala ainda muda se levante no falante, nível por nível, até a decisão da linguagem manifesta. Mas como o paciente não está proibido de ler as obras de Freud, ele não é mais inocente, no começo do que o homem douto da poltrona, e mesmo se ele não se serve de Freud para resistir a Freud, não será fácil chegar, entre essas duas pessoas, à dissimulação mais profunda que é chamada a emergir de tal encontro.

Que o psicanalista deve ser psicanalisado, é uma exigência a que ele está sempre pronto a se submeter tradicionalmente, porém menos à vontade para submeter o que ele sabe e a forma como ele sabe: como se psicanalisar do seu saber e dentro desse mesmo saber? Todavia, se a psicanálise tornou-se uma “ciência objetiva” como as outras, que pretende descrever e determinar a realidade interior do sujeito, manobrá-lo com o auxílio de receitas testadas e reconciliá-lo consigo mesmo, tornando-o cúmplice de fórmulas satisfatórias, isso não decorre somente do peso natural das coisas, da necessidade de certeza, do desejo de imobilizar a verdade para dispor dela comodamente, da necessidade enfim de ter mais do que uma ciência de segunda categoria; é também porque à fala errante que ele suscita responde no médico uma profunda ansiedade que tenta satisfazer-se através do apelo a um saber pronto, através da crença no valor explicativo de alguns mitos, e também

através da ilusão de que além da linguagem entra-se realmente em relação com a vida íntima do sujeito, com sua verdadeira história, com toda uma série de cacarecos pedante e fútil em que se mexe e se remexe à vontade, a fim de se encontrar exposto, numa relação de desigualdade desconhecida, com a fala vazia - vazia, mesmo quando cheia - que só pede para ser escutada. Sabemos que a psicanálise virou em muitos casos uma disciplina de apoio e que muitos dos que se pretendem inspirados nela não hesitam em usar os métodos comuns da observação médica. Talvez seja inevitável. Mas como é que não se vê que a “relação”, proposta por Freud, fica destruída na sua essência? Como se pode esperar reconciliar em si a psicanálise que questiona continuamente o sujeito no mesmo lugar em que ele está como observador, como pensador, sábio ou falante, com a psicanálise tomada rapidamente como a afirmação ingenuamente absoluta de um saber cientificamente certo, que explica uma realidade objetivamente determinada?

O esforço de Jacques Lacan está precisamente em nos trazer de volta a essa essência do “diálogo” psicanalítico que ele entende como a forma de uma relação dialética que no entanto recusa (desagrega) a própria dialética. Ele utiliza fórmulas do gênero: “O sujeito começa a análise falando dele sem lhe falar - ou falando-lhe sem falar dele. Quando ele puder falar-lhe dele, a análise estará terminada. “Ele mostra ainda que o essencial da análise, é a relação com o outrém, nas formas que o desenvolvimento da linguagem possibilita. Liberta a psicanálise de tudo o que a torna ora um saber objetivo, ora uma espécie de ação mágica; denuncia o preconceito que conduz o analista a buscar além da fala uma realidade com a qual ele se esforça em entrar em contato: **“Nada poderia afastar mais o analista do que a busca em guiar-se por um pretense contato experimentado com a realidade do sujeito... A psicanálise permanece uma relação dialética onde a não-atuação do analista guia o discurso do sujeito em relação à realização de sua verdade, e não para uma relação fantasmática onde dois abismos se tocam.”** “Não tem importância se o sujeito se lembrou do que quer que seja: ele somente relatou o acontecido. Ele transmitiu pelo verbo ou mais precisamente no epos onde ele ajusta o momento presente às origens da pessoa”, “Não se trata da rememoração psicanalítica da realidade, mas da

(4) Jacques Lacan diz de modo flagrante: “A ilusão que nos leva a buscar a realidade do sujeito além do muro da linguagem é a mesma com que o sujeito pensa que sua verdade já está dada em nós, que a conhecemos de antemão...”

verdade..." Esse esforço de purificação, que só está começando, é certamente uma grande empreitada, e não só para a psicanálise<sup>(5)</sup>.

A originalidade do "diálogo" psicanalítico, seus problemas, seus riscos e quem sabe no final, sua impossibilidade, só aparecem melhor. Essa libertação de fala em si representa uma aposta comovente em prol da razão entendida como linguagem, e da linguagem entendida como poder de meditação e reunião no seio da dispersão. O que fala e que aceita falar através do outro encontra pouco a pouco os caminhos que farão da sua fala a resposta à sua fala. Essa resposta não lhe vem de fora, fala de oráculo ou palavra de Deus, resposta do pai ao filho, de quem sabe àquele que não quer saber mas obedecer, fala petrificada e petrificante que se gosta de carregar assim como uma pedra no lugar de si. É preciso que a resposta, mesmo vinda de fora, venha de dentro, retorne ao que escuta como o movimento de sua própria descoberta, permitindo-lhe reconhecer através desse estranho, vago e profundo outrém que é o psicanalista e em quem se particularizam e se universalizam todos os interlocutores que não o escutaram na sua vida pgressa. O duplo aspecto desse diálogo é que sobra uma fala solitária destinada a encontrar sozinha os seus caminhos e a sua medida; no entanto, exprimindo-se sozinha, só consegue realizar-se como relação verdadeira com um outrém verdadeiro, relacionamento onde o interlocutor - o outro - não pesa mais na fala que disse o sujeito (tão afastado de si quanto do centro), mas a escuta e ao escutá-la responde, através dessa resposta que o torna responsável, torna-o realmente falante, faz com que ele tenha falado verdadeiramente e de verdade.

A palavra verdade que aqui aparece e que Jacques Lacan emprega judiciosamente em vez da palavra realidade é, com certeza, mais fácil de desmentir, já que está sempre deslocada, desconhecida pelo saber que dela dispõe para o conhecimento, de modo que talvez fosse melhor renunciar a isso, se não fosse o problema colocado pelo tempo e principalmente o da duração do tratamento, pois não se deve esquecer de que o sujeito nem sempre é um diletante em busca de si próprio, mas alguém profundamente lesado que convém "curar". Quando então o tratamento chega ao fim? Dizem: quando tanto o paciente quanto o analista ficam satisfeitos. Resposta com a qual podemos sonhar. Como não se trata aqui de uma satisfação de humores, mas de uma espécie de contentamento que é a sabedoria, é o mesmo que dizer que é preciso aguardar o final da história e o contentamento supremo que é o equivalente da morte: Sócrates já o sugeria. Isso não é uma crítica. É uma das facetas impressionantes da análise, que ela esteja ligada à necessidade sempre de ser "finita e infinita" ("terminada e interminável") segundo a expressão de Freud. Quando começa, ela já começa sem fim. A pessoa que se submete a ela entra em um movimento cujo término é imprevisível, em um raciocínio cuja conclusão traz consigo, uma espécie de novo poder, a impossibilidade de concluir. É que, falando prematuramente, o que aqui toma a palavra é o incessante e o interminável: a eterna repetição que o paciente achou necessária, mas para a qual ele terminou formas fixas inscritas dali em diante em seu corpo, seu comportamento, sua linguagem. Como pôr fim ao interminável? Como poderá a fala realizar-se precisamente enquanto infinita, e precisamente ter fim e significado no reinício do seu movimento sem fim? E sem dúvida dizem-nos que se trata primeiramente de uma mensagem limitada que deve expressar-se (decifrada) quando necessário. Mas a tarefa só vai ficando mais difícil, já que sobre o fundo do interminável que deve ser ao mesmo tempo preservado, afirmado e realizado, deve tomar forma e pôr fim uma fala precisa, que só será exata se vier no momento exato. Na verdade, o momento da resposta é mais importante do que a direção da resposta. Uma "verdadeira" resposta que intervém cedo demais ou tarde demais não tem mais poder de resposta; ela fecha somente a questão sem torná-la transparente ou ela se torna o fantasma da questão indefinidamente sobrevivente: outra face do eterno recomçar, onde o

(5) Com a condição que, a bem da verdade, a palavra dialética e as análises de Hegel não dêem lugar, por sua vez, a fórmulas mágicas capazes de responder a tudo. As pesquisas sobre a linguagem são ela próprias enganadoras, na medida em que a linguagem é sempre mais e sempre menos do que a linguagem, sendo ela própria primeiramente escritura, e depois, no final, num futuro não chegado: escritura fora da linguagem. Pergunto-me se o exemplo de Freud, ao inventar, e com que liberdade, seu vocabulário e esquemas de explicação dos mais variados para tentar dar conta do que ia descobrindo, não mostra que cada experiência tem interesse em prosseguir, compreender, formular-se primeiramente com relação a si mesma.





que aparece (dissimulando-se) é o que não tem nem começo nem fim, movimento que não é dialético, que ameaça toda a dialética e que fala na própria linguagem também, fala que não é verdadeira nem falsa, nem sensata nem insensata, sempre ambos, fala mais profunda mas que fala com a profundidade sem

profundeza, - e talvez seja o perigoso dever do psicanalista procurar suprimi-la, suprimindo o que se opõe de fato a toda conduta ou a toda expressão pretensamente normal, mas assim suprimindo-se a si mesmo, encontrando assim a morte, sua verdade(6).

---

(6) A psicanálise - é sabido - é ao mesmo tempo uma técnica e um conhecimento: poder, ação e compreensão sempre num horizonte científico. É nesse sentido muito semelhante ao marxismo. O poder da técnica é poder de compreensão: mas será a compreensão que dá o poder? Será o poder que abre a compreensão? Tanto um quanto outro, mas de um modo que continua obscuro e equívoco. O médico não pretende atuar no doente; o poder não está situado nem em um nem noutro; está sempre entre os dois, no intervalo que os separa unindo-se e nas flutuações das relações que sustentam a comunicação. Entretanto, praticamente, existe um

---

doente que deve ser curado, uma técnica douta que não tem outro objetivo senão essa cura e o médico que dela é responsável. A "comunicação psicanalítica" é frequentemente (a sua forma ainda vigente) concebida em termos de poder, e a fala que ela garante é o poder de falar em condições normais de determinada sociedade. De modo que a psicanálise, tornando-se ela mesma nesse caso uma instituição, corre o risco, queira ou não, de ser usada pelas formas institucionais que, historicamente, detêm sozinhas a fala.

# ***IV- SUMÁRIO DOS NÚMEROS 1 A 4 DO BOLETIM FORMAÇÃO EM PISCANÁLISE, ANO DE 1992***

## **ANO I - VOLUME I Nº 1 março\abril 1992.**

- **“Violência do Encontro”.**  
Ede de Oliveira Silva
- **“ Quem sou eu, agora que Hanna está aí? - A fobia e o caso de pequeno Hans”.**  
Anete M.B. Fernandes  
Ario Borges Nunes Junior  
Chica H. Guimarães  
Cynthia Lopes Peiter  
Ieda Gomide Moreira dos Santos  
José Carlos de Matos  
Jucelaine Hernandes Veger
- **“ Da linguagem dos afetos à linguagem simbólica” - Articulação dos Conceitos de Objeto e Pulsão, Luto e Símbolo na Obra de Melanie Klein”.**  
Lindalva Heitor de Mendonça Westin  
Maria Cristina Wehby  
Maria Dulce T.Tournieux  
Mildred Kun Wai Chui

## **ANO I VOLUME I Nº 2 Maio\Junho 1992.**

- **“ Óia prá vê!!! - para Durval Mazzei Nogueira Filho”**  
Emir Tomazelli
- **“ Recortando Max Pagés: Conceitos Redutores da Relação em Freud e na Psicanálise”.**  
Maria Luiza Scrosoppi Persicano.
- **“ Uma abordagem freudiana à compreensão do desenvolvimento psicótico”**  
José Carlos Garcia
- **“ Autoerotismo”**  
Oscar Miguelez.



**ANO IV VOLUME Nº 3 Agosto\Setembro 1992.**

- **“O espaço do autor e a instituição”.**

Suzana Alves Viana

- **“A História da Psicanálise na França - Elizabeth Roudinesco : Resenha”.**

Solange Silva Barbosa

- **“A palavra in-sensata; o estranho e as formas lógicas do conhecimento afetivo”.**

Eliane Fonseca

- **“Narcisismo: Do mito... à Paixão”.**

Clarice Ferreira Martins Assumpção.

**ANO I VOLUME I Nº 4 Outubro\Novembro 1992.**

- **“Para Emir Tomazelli”**

Durval Mazzei Nogueira Filho.

- **“Ler” Melanie Klein Hoje”.**

Oscar Miguelez

- **“Algumas notas sobre as formas passionais do conhecimento”.**

Emir Tomazelli.

- **“Poder da Fala do Poder. A Fala do Poder da Fala”.**

Mário Lúcio Alves Baptista.





**CURSO: FORMAÇÃO EM PSICANÁLISE**